

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

NATÁLIA BRAMBATTI GUZZO

**A ELEVAÇÃO DA VOGAL MÉDIA ANTERIOR ÁTONA
EM FLORES DA CUNHA (RS)**

Caxias do Sul (RS)

2010

NATÁLIA BRAMBATTI GUZZO

**A ELEVAÇÃO DA VOGAL MÉDIA ANTERIOR ÁTONA
EM FLORES DA CUNHA (RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade

Orientadora: Prof. Dra. Elisa Battisti

Caxias do Sul (RS)

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

G993e Guzzo, Natália Brambatti, 1987-
A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha
(RS) / Natália Brambatti Guzzo. 2010.
158 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade
2010.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti.”

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Mudança
linguística. 4. Fonética. 5. Imigração italiana – Flores da Cunha.
I. Título.

CDU: 81'272

Índice para o catálogo sistemático:

1. Sociolinguística	81'272
2. Variação linguística	81'282
3. Mudança linguística	81'27
4. Fonética	81'342
5. Imigração italiana – Flores da Cunha	314.742(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Cristina Machado - CRB 10/1355

A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)

Natália Brambatti Guzzo

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 21 de junho de 2010.

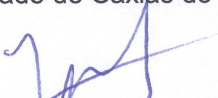
Banca Examinadora:




Dra. Elisa Battisti (orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dr. João Ignacio Pires Lucas
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Gisella Collischonn
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Valdemir e Dirce, por terem feito com que eu cresse, desde criança, que a curiosidade e o estudo são importantes, e por terem sempre acreditado e confiado em mim.

A meu irmão, Guilherme, por me inspirar com seu companheirismo, sagacidade e boa-vontade, e por sempre ter sido um (bom) exemplo para mim.

À professora Elisa Battisti, por ter me orientado com paciência e carinho desde 2004, por ser minha inspiração na vida acadêmica e por ter me motivado com suas observações delicadas, cuidadosas e precisas.

Aos professores do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, pelas aulas interessantes e pelas reflexões fundamentais.

Às professoras Vitalina Maria Frosi e Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, por terem aceitado participar da minha banca de qualificação.

À professora Gisela Collischonn, por ter permitido que eu frequentasse as aulas da disciplina de Fonologia no Mestrado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aos colegas do curso, pelo apoio e pela constante troca de ideias.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, em especial a Ariela Siqueira Dal Piaç, pela recepção calorosa e pelo atendimento cuidadoso.

Aos bolsistas de iniciação científica (e amigos) Grence Fagundes, Guilherme Müller e Gabriel Matté, por terem estado ao meu lado sempre que precisei de uma ajuda ou de uma opinião.

Aos informantes de Flores da Cunha, por terem tornado possível a realização deste estudo.

RESUMO

A elevação variável da vogal média anterior átona /e/, como em *cidade::cidadi*, *segunda::sigunda* e *me chama::mi chama*, foi investigada, na fala de 32 informantes de Flores da Cunha (RS), por meio de análise quantitativa, nos moldes da Teoria da Variação Linguística, de Labov (1994, 2008 [1972]), e por meio de análise qualitativa, nos moldes da Teoria da Variação como Prática Social, de Eckert (2000). Houve aplicação da regra de elevação em 50,7% dos 25708 contextos obtidos. As variáveis controladas – *Presença de coda na sílaba*, *Presença de onset na sílaba*, *Vogal da Sílaba Seguinte*, *Posição de /e/ na palavra*, *Contexto fonológico precedente*, *Contexto fonológico seguinte*, *Gênero*, *Idade* e *Local de residência* – foram consideradas significativas pelo programa GoldvarbX, usado na análise estatística. A elevação é condicionada favoravelmente pelos fatores *sílaba sem onset*, *sílaba com coda*, *vogal alta na sílaba seguinte*, *vogal /e/ em clítico*, *consoante velar ou zero em contexto precedente*, *vogal ou zero em contexto seguinte*, *zona urbana* e *idade entre 18 e 30 anos*. Sendo os jovens os introdutores da regra de elevação na comunidade, o fenômeno caracteriza-se como mudança linguística em progresso. Para verificar em que medida as práticas sociais desses jovens estão relacionadas a seus índices de elevação de /e/, foi realizada análise de conteúdo (BARDIN, 2000; FREITAS; JANISSEK, 2000) de entrevistas de oito jovens florenses. Essa análise revelou que os jovens que adotam práticas sociais tradicionais, ligadas à história da imigração italiana, têm frequência de aplicação da regra menor do que aqueles que se engajam em práticas inovadoras. Enquanto que as práticas tradicionais orientam-se para a vida na comunidade, as inovadoras orientam-se para fora da comunidade. Os jovens que desejam permanecer na localidade elevam menos a vogal /e/, ao passo que aqueles que desejam dela sair, a fim de adequar-se ao modo de falar mais corrente em outras regiões brasileiras, passam a aplicar a regra de elevação com mais frequência.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Práticas sociais. Elevação de /e/.

ABSTRACT

The variable raising of the unstressed mid front vowel /e/, in contexts such as *cidade::cidadí* (city), *segunda::sigunda* (second) and *me chama::mi chama* (call me), was studied in the speech of 32 informants from Flores da Cunha (RS, Brazil). The process was analyzed quantitatively, according to Labov's (1994, 2008 [1972]) Theory of Language Variation, and qualitatively, according to Eckert's (2000) Theory of Language Variation as Social Practice. 25708 contexts were obtained, and the variable rule – the raising of /e/ – was applied in 50,7% of them. All of the controlled variables – *Syllable with coda*, *Syllable with onset*, *Type of vowel of the following syllable*, *Position of /e/ in the word*, *Preceding phonological context*, *Following phonological context*, *Gender*, *Age* and *Place of living* – were considered to be significant by the statistic program GoldvarbX. The raising of /e/ is favorably conditioned by the factors *syllable without onset*, *syllable with coda*, *high vowel in the following syllable*, */e/ in clitics*, *preceding velar consonant or no preceding context*, *following vowel or no following context*, *informants who live in the city (not in the rural areas)* and *age between 18 and 30 years old*. Since young people are introducing the raising of /e/ in the community, this phenomenon may be considered change in progress. In order to verify how the social practices of young people are related to the raising, a content analysis was performed (BARDIN, 2000; FREITAS; JANISSEK, 2000), based on the speech of eight people from Flores da Cunha whose ages ranged from 18 to 30 years old. The content analysis revealed that young people who adopt traditional social practices which are linked to the history of Italian immigration apply the variable rule less frequently than those who engage in innovative practices. Traditional practices are oriented to life inside the community, whereas innovative practices are oriented to life outside the community. Young people who wish to remain in the community do not raise /e/ as often as those who wish to leave the place; young people who want to leave the community tend to apply the rule more frequently in order to fit in with the pronunciation that is more usual in other Brazilian regions.

KEYWORDS: Language Variation. Social Practices. Raising of /e/.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TEORIA DA VARIAÇÃO E ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL.....	16
2.1 Teoria da Variação	16
2.1.1 <i>Variação linguística</i>	16
2.1.2 <i>Análise de regra variável</i>	22
2.1.3 <i>Mudança linguística</i>	24
2.2 Comunidade de fala.....	26
2.3 Comunidade de prática.....	29
3 IMIGRAÇÃO E FLORES DA CUNHA.....	36
3.1 A situação na Itália e no Brasil	36
3.2 Os Italianos na Região de Colonização Italiana (RCI)	39
3.3 A <i>koiné</i> veneta.....	44
3.4 Flores da Cunha: história e localização.....	46
4 ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	51
4.1 O sistema vocálico do Português Brasileiro.....	51
4.2 A variação do /e/ átono	57
4.2.1 <i>Elevação em pauta pretônica</i>	57
4.2.2 <i>Elevação em pauta postônica</i>	66
4.2.3 <i>Elevação da vogal média átona em clíticos</i>	71
4.3 Realização das vogais médias na língua e nos dialetos italianos	72
5 MÉTODO	76
5.1 Obtenção dos dados e constituição da amostra	76
5.2 Análise quantitativa.....	79
5.2.1 <i>Definição das variáveis</i>	79
5.2.2 <i>Variável dependente</i>	79
5.2.3 <i>Variáveis independentes</i>	80
5.2.3.1 Variáveis linguísticas.....	80
5.2.3.1.1 Presença de coda na sílaba	80
5.2.3.1.2 Presença de onset na sílaba	80
5.2.3.1.3 Vogal da sílaba seguinte	81
5.2.3.1.4 Posição da vogal média na palavra	81

5.2.3.1.5 Contexto fonológico precedente	82
5.2.3.1.6 Contexto fonológico seguinte	83
5.2.3.2 Variáveis extralinguísticas.....	84
5.2.3.2.1 Gênero.....	84
5.2.3.2.2 Idade.....	85
5.2.3.2.3 Local de residência	87
5.2.4 Codificação dos contextos.....	92
5.2.5 Ferramenta estatística.....	94
5.3 Análise qualitativa.....	96
6 A ELEVAÇÃO DO /e/ ÁTONO EM FLORES DA CUNHA	98
6.1 Resultados da análise estatística.....	98
6.1.1 Variáveis linguísticas	103
6.1.1.1 Presença de coda na sílaba	103
6.1.1.2 Presença de <i>onset</i> na sílaba.....	104
6.1.1.3 Vogal da sílaba seguinte	106
6.1.1.4 Posição da vogal média na palavra.....	109
6.1.1.5 Contexto fonológico precedente.....	112
6.1.1.6 Contexto fonológico seguinte.....	114
6.1.2 Variáveis extralinguísticas	116
6.1.2.1 Gênero	116
6.1.2.2 Idade	117
6.1.2.3 Local de residência	118
6.2 Discussão dos resultados.....	120
6.2.1 Identidade, cultura e práticas sociais	120
6.2.2 Variação linguística e práticas sociais	125
6.2.3 Práticas sociais e elevação de /e/	129
7 CONCLUSÃO.....	143
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	152
Anexo 1 – Roteiro de Entrevista para Flores da Cunha	153
Anexo 2 – Levantamento de contextos	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, por grupos étnicos e faixa etária (LABOV, 2008, p.46).....	19
Quadro 2: Índices imigratórios, segundo a região de proveniência (FROSI e MIORANZA, 1975, p.36).....	40
Quadro 3: Dialectos trazidos à RCI e seus grupos afins (FROSI e MIORANZA, 1975, p.68).....	45
Quadro 4: Distribuição dos dialetos italianos falados pelas 45 famílias moradoras de um Travessão de Flores da Cunha, na época da colonização (FROSI e MIORANZA, 1975, p.59).....	49
Quadro 5: Vogais do português	52
Quadro 6: Vogais pretônicas	53
Quadro 7: Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas ...	53
Quadro 8: Vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo	53
Quadro 9: Vogais pretônicas orais do português brasileiro	54
Quadro 10: Vogais postônicas finais do português brasileiro	55
Quadro 11: Sistema das vogais orais do português europeu	56
Quadro 12: Informantes da zona urbana de Flores da Cunha.....	78
Quadro 13: Informantes da zona rural de Flores da Cunha.....	78
Quadro 14: Grupos de fatores controlados na análise de regra variável.....	91
Quadro 15: Aplicação da regra de acordo com a consoante presente na coda silábica.....	103
Quadro 16: Aplicação da regra cruzando-se as variáveis <i>Presença de coda na palavra</i> e <i>Posição da vogal média na palavra</i>	104
Quadro 17: Aplicação da regra de acordo com o tipo de sílaba.....	106
Quadro 18: Aplicação da regra considerando-se a vogal da sílaba seguinte e a posição da vogal média /e/ na palavra.....	108
Quadro 19: Aplicação da regra de acordo com a idade do informante e a posição da vogal média na palavra.....	118
Quadro 20: Distribuição dos informantes com idade entre 18 e 30 anos, de acordo com o gênero e o local de residência.....	130
Quadro 21: Aplicação da regra individualmente, de acordo com o gênero e o local de	

residência dos informantes.....	131
Quadro 22: Percentual de elevação de /e/ entre os jovens entrevistados, de acordo com o gênero.....	131
Quadro 23: Aplicação da regra de acordo com o gênero e o local de residência.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Faixa Etária (BOVO, 2004).....	24
Tabela 2: Presença de coda na sílaba.....	103
Tabela 3: Presença de onset na sílaba.....	105
Tabela 4: Vogal da sílaba seguinte.....	107
Tabela 5: Posição da vogal média na palavra.....	109
Tabela 6: Posição da vogal média na palavra (sem fator clítico).....	111
Tabela 7: Contexto fonológico precedente.....	113
Tabela 8: Contexto fonológico seguinte.....	115
Tabela 9: Gênero.....	116
Tabela 10: Idade.....	117
Tabela 11: Local de residência.....	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Configuração atual da Itália	41
Figura 2: Localização de Flores da Cunha no Estado e no País.....	47
Figura 3: Estátua do Galo, localizada no Parque da Vindima, em Flores da Cunha. Vista da cidade ao fundo.....	48
Figura 4: Igreja Matriz e Torre da Igreja, dois importantes marcos turísticos da cidade.....	48
Figura 5: Elevação da vogal média anterior átona (/e/) em Flores da Cunha.....	99
Figura 6: Comparação entre os percentuais obtidos em estudos sobre a elevação de /e/ pretônico.....	100
Figura 7: Comparação entre os percentuais obtidos em estudos sobre a elevação de /e/ postônico (final e não final).....	101
Figura 8: Comparação entre os resultados obtidos por Brisolara (2008) e por este estudo quanto à elevação de /e/ em clíticos.....	102
Figura 9: Disposição hierárquica dos constituintes prosódicos	110
Figura 10: Percentual de aplicação da regra entre jovens, considerando-se seu local de residência.....	130

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva investigar a elevação variável da vogal média anterior átona (/e/) na fala de informantes de Flores da Cunha (RS). Esse fenômeno variável verifica-se na alternância *e::i* em palavras como *pedido::pidido*, *atravessar::atravissar*, *nome::nomi* e *me chama::mi chama*, por exemplo. No português brasileiro (PB), a elevação das vogais médias átonas é uma realização fonológica que distingue regiões (NOLL, 2008).

Em sílabas postônicas finais, a elevação das vogais médias é quase categórica em diversas regiões do País, como Rio de Janeiro (CÂMARA Jr., 2000 [1970]), Porto Alegre e Florianópolis (VIEIRA, 2002). Em pauta pretônica, a frequência de aplicação da regra é menor, sendo inferior a 50% em municípios da região Sul do Brasil (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007). Em estudos realizados com dados de informantes da Região de Colonização Italiana (RCI), área onde há contato português-fala dialetal italiana e onde se situa Flores da Cunha, a elevação das vogais médias obteve índices baixos de aplicação (BISOL, 1981; FROSI e MIORANZA, 1987; BATTISTI, 1993; ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002).

A realização da vogal média anterior átona sem elevação pode vir a constituir traço da comunidade, identificando o falar *gringo*. Esse fenômeno variável – a elevação de /e/ – será estudado sociolinguisticamente, o que contribuirá não apenas para a descrição do português falado na RCI e na região Sul do Brasil, mas também para que se identifiquem e se compreendam aspectos da cultura regional. Sendo assim, este trabalho objetiva: (a) medir a frequência de aplicação da regra de elevação na comunidade de Flores da Cunha; (b) verificar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos do processo de elevação, isto é, verificar que variáveis e que fatores favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra; (c) analisar a elevação no quadro maior de práticas sociais locais, para que se possa afirmar a quais dessas práticas – tradicionais ou inovadoras – os índices de aplicação da regra se relacionam.

Para que esses objetivos sejam alcançados, a pesquisa orientar-se-á pelas seguintes questões-problema: (a) qual é a frequência da elevação de /e/ em Flores da Cunha? (b) que variáveis linguísticas – *Presença de coda na sílaba*, *Presença de onset na sílaba*, *Vogal da sílaba seguinte*, *Posição de /e/ na palavra*, *Contexto fonológico precedente*, *Contexto*

fonológico seguinte – condicionam favoravelmente a aplicação da regra? (c) que variáveis extralinguísticas – *Gênero, Idade, Local de residência* – favorecem a elevação de /e/? (d) quais práticas sociais podem ser consideradas tradicionais e quais podem ser consideradas inovadoras na comunidade? (e) como essas práticas, tradicionais ou inovadoras, relacionam-se à elevação ou preservação de /e/?

A investigação com base nesses problemas permitirá que se testem as seguintes hipóteses: (a) sílaba com coda, mas sem *onset*, como em *ensinar* e *esconder*, condicionam favoravelmente a aplicação da regra, bem como vogal alta (/i,u/) em sílaba seguinte, como em *segunda* e *pedido*; (b) consoante velar (/k,g/) em contexto precedente, como em *querido*, favorece a elevação de /e/, devido ao fato de que [k,g] e [i] articulam-se em ponto semelhante, ao passo que, no contexto seguinte, a elevação é favorecida por zero (quando não há segmento seguinte), como em *nome*, por vogal, como em *de aula*, e por consoante nasal, como em *mentira*, ou fricativa, como em *pesquisa*; (c) a elevação de /e/ é favorecida pelos fatores *posição final*, como em *nome* e *gente*, e *clítico*, como em *de tarde* e *em casa*; (d) a elevação é mais frequente entre mulheres jovens (com menos de 50 anos) residentes na zona urbana; (e) práticas sociais consideradas tradicionais, como ir a festas de comunidade, ir à igreja ou dedicar-se ao cultivo da terra, estão associadas à preservação de /e/, enquanto que práticas consideradas inovadoras, como deslocar-se para outras localidades e obter maior grau de escolarização, estão relacionadas à aplicação da regra de elevação.

Para que se testem essas hipóteses, será realizada, inicialmente, análise quantitativa, de acordo com o método de análise de regra variável proposto por Labov (1994, 2008 [1972]). Essa análise quantitativa verificará que fatores linguísticos e sociais condicionam a elevação de /e/. Em seguida, será feita análise qualitativa, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2000) das entrevistas sociolinguísticas de alguns dos informantes, a fim de se verificar quais são os hábitos, estilos de vida e pontos de vista desses entrevistados e em que medida esses aspectos exercem influência na preservação ou elevação de /e/.

Este trabalho divide-se em sete capítulos. O primeiro e o último correspondem, respectivamente, à introdução e à conclusão. No segundo capítulo, são apresentados os conceitos de variação linguística, mudança linguística, comunidade de prática, comunidade de fala e análise de regra variável, noções importantes tanto para a análise quantitativa como para a análise qualitativa. No terceiro capítulo, relata-se a história da imigração italiana para o Brasil e o Rio Grande do Sul, discutem-se as condições de vida dos imigrantes italianos na

RCI e comentam-se alguns aspectos históricos, econômicos e sociais do município de Flores da Cunha. No quarto capítulo, são tecidas considerações a respeito do sistema vocálico do português brasileiro, comparativamente ao europeu, e são revisados estudos a respeito da elevação das vogais médias /e,o/. Além disso, a realização das vogais médias na língua e nos dialetos italianos é discutida. O quinto capítulo traz esclarecimentos sobre o método (quantitativo e qualitativo) empregado neste estudo. O sexto capítulo apresenta os resultados da análise estatística (quantitativa), os quais são interpretados por meio da análise de conteúdo (qualitativa).

2 TEORIA DA VARIAÇÃO E ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

2.1 Teoria da Variação

2.1.1 Variação linguística

Os falantes de uma língua frequentemente percebem diferenças entre sua própria fala e a de outras pessoas. Muitas vezes, os sujeitos podem ser identificados como desta ou daquela classe social, desta ou daquela região, deste ou daquele gênero, através da observação de seu modo de falar. É comum, por exemplo, que os diminutivos (*vestidinho, florzinha*) sejam relacionados à fala de mulheres, enquanto que palavras como *querência, fandango* e *prenda* sejam associadas ao falar gaúcho, e não ao de outras regiões brasileiras.

É corrente, além disso, que alguns modos de falar sejam considerados incultos ou errados, ao passo que outros adquirem *status* de prestígio. No português brasileiro, por exemplo, uma das variações de pouco prestígio social é a alternância na conjugação dos verbos em primeira pessoa do plural, no pretérito perfeito (*nós chegemu* em vez de *nós chegamos*). A substituição da consoante palatal /ʎ/ (representada por **lh** na escrita) pela semivogal anterior [j] em contextos como *telhado~teiado* e *galho~gaio* também é um fenômeno linguístico de baixo prestígio.

Percebe-se, portanto, que muitos fonemas ou estruturas podem ser produzidos diferentemente por falantes de uma mesma língua, isto é, pode haver, na fala dos indivíduos de uma comunidade, alternância entre duas ou mais formas linguísticas. A essas diversas possibilidades de realização, ou seja, às diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, dá-se o nome de *variação linguística*. O registro da variação por estudiosos, contudo, não é recente. Por exemplo, no século III, em Roma, um gramático chamado Probus elaborou uma lista de palavras do latim falado, dito vulgar, pronunciadas erradamente. Esse documento, conhecido como *Appendix Probi*, registrava a pronúncia que o gramático considerava errada e fornecia a

equivalente, que ele considerava correta. Encontram-se, nessa obra, registros como *calida non calda* (quente), *oculus non oclus* (olho) e *rivus non rius* (rio) (LEMLE, 2004, p.46).

Na época de Probus, a elevação variável das vogais médias, dentre outros fenômenos observáveis até hoje, já era percebida, e, como muitas outras alternâncias, considerada equivocada pelo gramático, que escreveu: *formica non furmica* (formiga), *pecten non pectinis* (pente) e *Bizacenus non Bizacinus* (distrito africano) (ILARI, 2006, p.71). Nos séculos posteriores, tentativas como a de Probus se repetiram, e ainda hoje, segundo Lemle (2004), há falantes que creem que as novas formas são inferiores às anteriores.

Ainda que observada, a variação foi pouco levada em consideração pelos linguistas até a época de Labov (2008 [1972]), que propôs a Teoria da Variação. Antes dele, os estudiosos que seguiam as correntes saussuriana, estruturalista ou gerativista classificavam o fenômeno da variação como *variante livre* e consideravam a língua como entidade homogênea. Apenas os dialetólogos preocupavam-se em registrar e estudar variedades regionais.

Saussure (2004), em seu *Curso de Linguística Geral*, editado em 1916, propôs a dicotomia língua/fala. A língua, que seria o verdadeiro objeto da Linguística, é abstrata (mas passível de representação concreta), homogênea e constituída por um sistema de signos, os quais se desdobram em significante (imagem acústica) e significado (conceito relacionado à imagem acústica). Saussure explica que, quando pensamos ou falamos a palavra “árvore”, por exemplo, não somente pensamos ou ouvimos sua imagem acústica, ou imaginamos qual seja seu conceito. O conceito e a imagem acústica (som) da palavra “árvore” vêm juntos, pois significante e significado não podem ser dissociados. O signo, portanto, é “uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2004, p.80).

A fala, por sua vez, é tida por Saussure como a realização concreta da língua. Saussure afirmava que, ao contrário da língua, que é coletiva e partilhada, a fala é individual e, por isso, sujeita a idiosincrasias. Nela há variações de indivíduo para indivíduo. Essas, entretanto, ocorrem com determinadas limitações e motivações, caso contrário, não seria possível que sujeitos, mesmo que fossem falantes do mesmo idioma, compreendessem uns aos outros.

Segundo Weedwood (2002), a dicotomia competência/desempenho, proposta por Chomsky na década de 1950, assemelha-se à dicotomia língua/fala de Saussure. Com o objetivo de descrever a gramática de um falante-ouvinte ideal, Chomsky ateu-se ao estudo da competência, descrita como o conhecimento linguístico internalizado pelo falante-ouvinte na

forma de um sistema de regras (gramática). O desempenho, isto é, a fala, não foi considerado pelo pesquisador, uma vez que a ele interessava a chamada estrutura invariável da língua.

Chomsky admitiu a existência, na gramática, de regras opcionais, que gerariam formas variáveis, mas não considerou a influência de fatores sociais sobre sua incidência. Ainda que não se possa negar a importância das propostas de Saussure e de Chomsky, é somente com Labov que o elemento social é relacionado ao linguístico. Os estudos da corrente laboviana passam a levar em conta a fala, ou, mais especificamente, a *variação* na fala, e não apenas o invariante da língua, como objeto de estudo. Esses estudos passam a trabalhar com as chamadas regras variáveis, ou seja, com as formas linguísticas em variação.

Um dos primeiros estudos de Labov (2008 [1972]) acerca da variação linguística foi realizado em Martha's Vineyard, uma ilha do estado norte-americano de Massachussets. Na época do estudo (década de 1960), a centralização dos ditongos /ay/ (*wine*, vinho) e /aw/ (*house*, casa), que passavam a /ɔɪ/, /əɪ/ e /ɒʊ/, /əʊ/, era corrente na fala dos moradores locais, especialmente no falar de pescadores. Martha's Vineyard era o local mais pobre de Massachussets, e boa parte da renda dos moradores e da localidade era adquirida durante o verão, quando a ilha era invadida por turistas. Labov (2008 [1972]) afirma que a ilha era estritamente rural nas demais épocas do ano, vivendo também da pesca. Quando, porém, o verão começava, muitos dos moradores chegavam a deixar suas casas para que turistas pudessem alugá-las.

Embora os moradores de Martha's Vineyard precisassem do lucro proveniente do turismo, havia resistência à chegada de forasteiros. Para Labov (2008 [1972]), essa resistência não se dava por meio de protestos, mas expressava-se por meio de sutis práticas sociais, como a adoção de variantes linguísticas diferentes das usadas pelos turistas, os quais eram, em sua maioria, norte-americanos de Massachussets ou de estados próximos. A centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ foi uma das manifestações características do falar local, mostrando-se mais frequente na fala daqueles que se identificavam com a ilha e desejavam nela permanecer.

Martha's Vineyard era composta majoritariamente por descendentes de ingleses (ianques), descendentes de portugueses e indivíduos de origem indígena. Poderia se esperar que apenas os descendentes de ingleses assumissem a forma centralizada dos ditongos, a fim de diferenciarem-se dos descendentes de ingleses moradores do continente ou dos demais grupos étnicos da ilha. Entretanto, os resultados obtidos por Labov (2008 [1972]) mostram

que portugueses e indígenas centralizavam os ditongos /ay/ e /aw/ tanto ou mais do que os ingleses, numa tentativa de reforçar sua pertença à localidade e demonstrar que eram tão moradores dela quanto os descendentes de ingleses. O quadro a seguir mostra a distribuição das ocorrências de centralização por grupos étnicos e faixas etárias.

<i>Faixa etária</i>	<i>Ingleses</i>		<i>Portugueses</i>		<i>Indígenas</i>	
	<i>/ay/</i>	<i>/aw/</i>	<i>/ay/</i>	<i>/aw/</i>	<i>/ay/</i>	<i>/aw/</i>
<i>Mais de 60</i>	36	34	26	26	32	40
<i>46 a 60</i>	85	63	37	59	71	100
<i>31 a 45</i>	108	109	73	83	80	133
<i>Menos de 30</i>	35	31	34	52	47	88
<i>Todas as idades</i>	67	60	42	54	56	90

Quadro 1: Centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, por grupos étnicos e faixa etária (LABOV, 2008 [1972], p.46).

Labov (2008 [1972]) cita um trecho de entrevista realizada com um morador de Martha's Vineyard (um pescador de origem inglesa). Nesse trecho, o sujeito afirma que “nós [habitantes da ilha] usamos um tipo de língua inglesa totalmente diferente... pensamos diferente aqui na ilha... é quase uma língua separada dentro da língua inglesa” (LABOV, 2008 [1972], p.49). Para o autor, a declaração do pescador foi, em boa parte, a expressão de um desejo comum aos moradores da localidade: diferenciar-se dos habitantes do continente, possuir uma marca que os unificasse e os separasse do resto do estado e do país.

A variação linguística em Martha's Vineyard não está só relacionada a questões identitárias, mas também a fatores econômicos. O pesquisador esclarece que “o grupo das antigas famílias de origem inglesa tem sido submetido a pressões vindas de fora: seus membros estão lutando para manter sua posição independente diante de um persistente declínio da economia e diante do assédio ininterrupto dos veranistas” (LABOV, 2008 [1972], p.57). Para Labov (2008 [1972]), a fala característica da ilha é a maneira adotada pelos

moradores para se distinguirem dos invasores do verão. Para os moradores de Martha's Vineyard, a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ tem valor positivo; essa variante também possui valor simbólico como traço de identidade local¹, marca do “ser vineyardense”.

No Brasil, fenômeno identitário semelhante já foi registrado. Em Florianópolis, segundo Pagotto (2001), a reação dos moradores locais ao grande fluxo de turistas que anualmente visitam a ilha se dá através do baixo índice de palatalização (os moradores optam por pronunciar *noiti* em vez de *noitchi*, *cidadi* em vez de *cidadji*), característica que diferencia os habitantes da ilha dos veranistas, os quais são, em sua grande maioria, provenientes de regiões em que a palatalização é fenômeno predominante.

Em estudo sobre o mesmo fenômeno fonológico, em Antônio Prado, município da RCI, Battisti et al (2007a, 2007b) constataram que os indivíduos que mais palatalizam (moradores da zona urbana com idade inferior a 50 anos) são também aqueles que mais se deslocam para centros maiores, como Caxias do Sul e Porto Alegre, e mais têm acesso a meios de comunicação. Nesse município, os informantes que menos palatalizam (moradores de zona rural com idade superior a 50 anos) relacionam-se em redes mais densas, e os falantes com que se comunicam com regularidade também tendem a palatalizar pouco. A baixa frequência de palatalização está relacionada à manutenção de práticas sociais tradicionais, as quais remontam aos hábitos dos primeiros imigrantes italianos que chegaram à região. A fala em português com acentuadas características dialetais situa-se entre essas práticas.

Outro importante estudo de Labov (1994a), também desenvolvido na década de 1960, investigou a realização de [r] em posição final e pré-consonantal na fala de funcionários de três lojas de departamento da cidade de Nova York. O pesquisador analisou o uso de [r], que poderia ser pronunciado ou apagado, na fala de 264 indivíduos, induzindo-os a darem-lhe uma resposta em que aparecesse a expressão *fourth floor* (quarto andar). Essa expressão contém [r] nas duas posições pretendidas: pré-consonantal (*fourth*) e final (*floor*).

As lojas de departamento escolhidas foram Saks, Macy's e S. Klein, identificadas, respectivamente, com as classes média-alta, média-baixa e baixa. A distribuição dessas lojas

¹ A importância da identidade local para a variação linguística em Martha's Vineyard não foi mencionada por Labov em seu estudo sobre a comunidade, uma vez que, segundo ele, não se podem estabelecer correlações precisas entre a identificação local e o progresso de uma mudança sonora. Porém, muitos sociolinguistas citam esse estudo como um exemplo de pesquisa sobre variação linguística e identidade. (Labov, 1994b, p.191).

em classes sociais baseou-se nos seguintes critérios: localização, preços, investimento em propaganda, entre outros indicadores subjetivos.

O emprego de [r] foi mais frequente na fala de jovens e de pessoas das classes sociais média-alta e média-baixa (ou seja, nas lojas Saks e Macy's). Na Macy's, porém, o percentual de [r] foi maior entre indivíduos de 45 a 60 anos. Na loja Saks, o percentual de falantes que usaram [r] de modo variável aproximou-se do percentual daqueles que sempre pronunciaram a consoante. Já na S. Klein, foram poucos os falantes com emprego total de [r]. Pode-se dizer, assim, que a realização de [r] está associada às classes mais altas e às gerações mais jovens.

De fato, embora essa realização tenha adquirido prestígio nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, o vernáculo de Nova York permaneceu por muito tempo sem o [r] final e pré-consonantal (LABOV, 1994a). Aparentemente, na época da pesquisa de Labov, a pronúncia do [r] já vinha obtendo prestígio em Nova York e, por isso, passava a ser empregada pelas classes mais altas e pelas gerações mais jovens, as mais sensíveis à questão do *status* social das formas linguísticas.

Em termos não só conceituais, mas também metodológicos, William Labov inaugurou o ramo da Linguística conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa, isto é, o campo de estudos que relaciona a variação linguística ao contexto social em que os falantes estão inseridos, valendo-se de conhecimentos de antropologia e língua e de técnicas computacionais e matemáticas. Em termos de mudança linguística, Labov (2008 [1972]) destaca que o emprego variável de formas pode ocorrer uma única vez, com um único indivíduo, e não se repetir. No entanto, pode tornar-se recorrente, difundir-se entre um grupo de sujeitos e a forma inovadora passar a contrastar com a forma mais antiga em vigência na língua. Por fim, Labov (2008 [1972], p.20) afirma que “uma ou outra das duas formas triunfa, e a regularidade é alcançada.” Tem-se, então, uma mudança linguística. O autor, porém, completa que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p.21).

Para a Sociolinguística Variacionista, de Labov, fatores como gênero, escolaridade, classe social, local de residência e faixa etária podem favorecer ou desfavorecer a existência de determinada variação na fala de um grupo de indivíduos. Segundo Calvet (2002), a esses fatores somam-se aqueles de ordem linguística, os quais dizem respeito ao comportamento das variantes no sistema da língua. Para Tarallo (1997), ao pesquisador sociolinguista cabe sistematizar a variação, registrando-a e analisando-a de acordo com suas hipóteses.

A análise da variação ainda hoje segue os princípios metodológicos estabelecidos por Labov; isto é, nos estudos variacionistas, é comum proceder-se à proposição de variáveis condicionadoras do processo variável e à distinção dos fatores que as compõem, para, posteriormente, indicar quais são aqueles que mais oferecem probabilidade à aplicação da regra. É por esse motivo que o método de Labov, baseado em modelamentos matemáticos, é conhecido como *análise de regra variável*.

2.1.2 *Análise de regra variável*

Para que possa ser estudada, uma regra variável (isto é, um fenômeno específico de variação linguística, como a elevação da vogal /e/, por exemplo) deve ter frequência de aplicação expressiva e ser influenciada por fatores linguísticos e sociais. A análise de regra variável, assim, é uma análise quantitativa, pois implica o tratamento de dados e a obtenção de índices numéricos que mostrem como os fatores atuam na aplicação da regra. As variáveis estabelecidas pelo pesquisador são, portanto, as hipóteses do estudo. Cada variável controlada é, por sua vez, um conjunto de fatores, e o fato de eles serem ou não favorecedores à aplicação da regra é o que se busca verificar.

Embora os fatores tendam a agir de forma independente, a aplicação da regra é resultado da interação entre esses fatores. Sendo assim, pode-se dizer que determinado fator sempre terá o mesmo efeito, a menos que na regra esteja presente outro fator capaz de inibir esse efeito.

A atribuição de um valor matemático para o fator, como foi mencionado acima, demonstra o quanto ele pode interferir na aplicação categórica da regra. O papel dos fatores na regra variável é medido pela seguinte função matemática, elaborada por Rousseau e Sankoff (1978):

$$\frac{P}{(1-P)} = \frac{P_0}{(1-P_0)} \times \frac{p_i}{(1-p_i)} \times \frac{\dots p_n}{(1-p_n)}$$

Nessa função, conhecida como Função Logística, P é a probabilidade global de aplicação da regra quando há um fator de cada variável; P_0 é o INPUT, ou seja, a probabilidade de aplicação da regra sem a interferência dos grupos de fatores; e p_i e p_n são equivalentes ao peso relativo de cada fator.

Antes da Função Logística, os estudos quantitativos empregavam duas outras funções matemáticas, a aditiva e a multiplicativa. A primeira, elaborada por Labov no final da década de 1960, foi descartada pois apresentava falhas ao lidar com casos em que as frequências de aplicação eram muito diferentes ou com casos em que havia um número excessivo de contextos diferentes. O segundo modelo, elaborado por Cedergreen e Sankoff (1974), propõe que as probabilidades sejam multiplicadas e permite verificar se a aplicação da regra é determinada pela presença ou ausência de um fator. A função multiplicativa foi substituída pela logística pelo fato de esta, especialmente em análises binárias, dar conta de possíveis *knockouts* (presença de fatores que influenciam na aplicação ou não aplicação categórica da regra).

Os resultados da análise de regra variável em modelo logístico são obtidos em percentuais (índices de frequência) e em pesos relativos. O peso relativo, que pode variar entre 0 e 1, indica se determinado fator, na interação com os demais, favorece ou desfavorece a aplicação da regra. Se o peso relativo for inferior a 0,5, o fator será considerado desfavorecedor. Se o peso relativo for superior a 0,5, o fator será considerado favorecedor. Se o valor se mantiver em torno de 0,5, o fator será neutro, isto é, não terá função condicionante na aplicação da regra.

Os pesos relativos obtidos contribuem para que se verifique se a regra variável está relacionada a uma mudança linguística. Por exemplo, em um estudo em que se controla a faixa etária dos informantes, podem ser obtidos pesos relativos muito altos para as faixas mais jovens, e pesos baixos para as faixas mais velhas. Isso pode ser indicativo de uma mudança linguística em progresso, que está entrando na comunidade através de indivíduos mais jovens.

Um exemplo de estudo em que se verifica mudança em progresso, dada a distribuição dos pesos relativos na variável *Faixa Etária*, é o de Bovo (2004). A autora pesquisou a realização variável da vibrante ([r]ato::[ʀ]ato) na zona rural do município de Caxias do Sul, localizado na RCI, e verificou que os falantes que mais realizam vibrante múltipla, o que os

afasta da pronúncia associada ao dialeto italiano, são aqueles com idade entre 15 e 25 anos. Os falantes com mais de 50 anos, por sua vez, realizam predominantemente vibrante simples [r], por interferência dialetal. Já os informantes com idade entre 25 e 49 anos mantiveram-se em torno do ponto neutro, não obtendo papel significativo no condicionamento da aplicação da regra.

A tabela abaixo mostra os resultados obtidos por Bovo (2004) em seu estudo. Sendo a realização de vibrante simples em lugar de múltipla a variável dependente, são os jovens os que menos aplicam a regra.

Tabela 1: Faixa Etária (BOVO, 2004)

	Aplicação/total	%	Peso relativo
50 ou +	315/484	65	0,70
25 – 49	188/468	40	0,45
15 – 25	142/509	28	0,34
TOTAL	645/1461	44	

Input: .41

Significância: 000

Percebe-se que a realização de vibrante múltipla em lugar de simples tem sido introduzida na comunidade por meio dos jovens, o que permite afirmar que está ocorrendo, na zona rural de Caxias do Sul, uma mudança em progresso. Supõe-se que a tendência para as próximas gerações seja realizar ainda menos vibrante simples.

A seção seguinte tecerá breves considerações a respeito dos mecanismos de mudança linguística.

2.1.3 Mudança linguística

Como foi mencionado anteriormente, William Labov (2008 [1972]) propôs a Teoria da Variação e inaugurou o ramo da Linguística conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa. Seus estudos, como o da centralização dos ditongos em

Martha's Vineyard e o da realização do [r] por funcionários de lojas de departamento de Nova York, relacionaram a variação a características sociais da comunidade de fala e deram origem à metodologia e aos fundamentos teóricos até hoje seguidos na análise da variação sincrônica. Os resultados desses estudos foram tomados, também, como indicativos de variação na mudança em progresso, de estabilização ou regressão da regra variável.

Por volta da mesma época do estudo de Labov em Martha's Vineyard, Weinreich, Labov e Herzog estabeleceram os princípios gerais para o estudo da mudança linguística, publicados na obra *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, em 1968. Para os autores, a mudança linguística não ocorre após uma variação aleatória na fala, mas, sim, quando uma alternância se generaliza. Sendo assim, a estrutura de uma língua comporta a heterogeneidade, e o domínio de um falante nativo abarca essas estruturas heterogêneas. A heterogeneidade, portanto, é ordenada.

A mudança linguística ocorre dentro de uma comunidade como um todo, e não se restringe a etapas geracionais; está relacionada a fatores linguísticos e sociais e implica variabilidade e heterogeneidade. A variação e a heterogeneidade linguísticas, por si só, não acarretam mudança linguística, pois podem se manifestar em um único momento, sem se repetirem posteriormente.

Esses autores afirmam que “um possível objetivo para uma teoria da mudança é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH ET AL, 2006 [1968], p.121), uma vez que, como foi mencionado acima, as mudanças linguísticas não são aleatórias e repentinas. A mudança se realiza quando os falantes vão aprendendo formas alternativas e, com o passar do tempo, preferindo uma a outra. A mudança se consolida quando uma das formas se torna obsoleta. Para os autores, o fenômeno da mudança linguística se encaixa na estrutura da língua e também na estrutura da comunidade de fala. Eles destacam, porém, que o papel do pesquisador não é tanto analisar a motivação social de uma mudança quanto especificar o grau de correlação entre o fator social e a variação linguística que levou à mudança.

Outro fator relacionado à mudança linguística são os estímulos e restrições provenientes tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. Os autores sugerem que a mudança “começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala [...] [e] assume uma certa

significação social” (WEINREICH ET AL, 2006 [1968], p.124). A mudança linguística, portanto, somente se dá quando os falantes atribuem às variantes envolvidas valor simbólico.

Labov (1994a) considera ser importante distinguir entre dois tipos de mudança linguística: *change from above* (mudança de cima para baixo) e *change from below* (mudança de baixo para cima). As mudanças de cima para baixo são introduzidas pela classe dominante e são frequentemente percebidas pelos falantes mesmo em seus estágios iniciais. Essas mudanças normalmente caracterizam-se por serem empréstimos de formas linguísticas de comunidades de fala prestigiadas e por serem empregadas em discurso mais cuidadoso. Muitas vezes, esse tipo de mudança envolve alterações em outras características da fala local, uma vez que certas formas linguísticas da comunidade precisam se adaptar às novas formas.

As mudanças de baixo para cima correspondem a mudanças vernaculares ocorridas devido à atuação de fatores linguísticos internos. Os falantes somente percebem esse tipo de mudança quando ela está prestes a completar-se; em seu início, mesmo observadores mais atentos podem não se dar conta de sua presença. Para Labov (1994a), as mudanças de baixo para cima podem ser introduzidas por qualquer classe social, embora não se tenha registro de nenhuma liderada por um grupo de alto *status* social.

A mudança linguística, assim como a variação, foi estudada por Labov (2008 [1972]) no interior de comunidades de fala. Ele considerava que um indivíduo de determinada faixa etária, gênero, classe social ou escolaridade seria representante de uma célula; assim, quando obtivesse representantes suficientes para cada célula, o pesquisador teria uma boa amostra da fala de uma localidade. O grupo de falantes de uma localidade, os quais compartilham certas normas quanto ao uso da língua, foi considerado por Labov (2008 [1972]) como uma *comunidade de fala*, conceito que será discutido na próxima seção.

2.2 Comunidade de fala

Para Labov (2008 [1972]), a definição de comunidade de fala é essencial para a Sociolinguística Quantitativa, pois, sendo a língua um fato social, ela é propriedade da comunidade, e não do indivíduo. O autor afirma que

uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes em que todos usam as mesmas formas; é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas com relação à língua (LABOV, 2008 [1972], p.158).

As normas de que fala Labov, para Figueroa (1994), não são apenas normas de uso, mas também normas de interpretação e atitudes com relação a formas estigmatizadas. Segundo a autora, a comunidade de fala é, portanto, definida em termos de normatividade.

Segundo Figueroa (1994), Labov defende que, mesmo que haja heterogeneidade na fala dos integrantes da comunidade, a base estrutural da língua desse grupo será uniforme. É por esse motivo que, a menos que o indivíduo controle sua fala, suas realizações serão mais ou menos semelhantes às de seus pares. Figueroa (1994) afirma que, para Labov, por exemplo, um habitante branco da Philadelphia não escolhe usar o /a/ curto, ele simplesmente o realiza dessa forma porque é desse modo que essa vogal está na base estrutural da língua da comunidade.

Em uma comunidade de fala, o sujeito é definido com relação a categorias supraindividuais, como classe social e gênero. O indivíduo, assim, torna-se um símbolo ou emblema (*token*) de um tipo e sua fala é analisada como emblemas (*tokens*) de tipos. É por esse motivo que, numa análise variacionista, alguns indivíduos são eleitos como representantes de determinados grupos (ou células sociais). Figueroa (1994, p.89), porém, lança uma questão importante, nem sempre de fácil resposta: *quais são os critérios para a pertença à comunidade?* – e esclarece que Labov discutiu apenas os critérios relacionados à normatividade, mas não aqueles ligados à identidade (ou autodefinição) dos indivíduos.

Patrick (2002) considera que, no estudo da variação ou mudança linguística, a referência à comunidade de fala é inevitável. Para o autor, embora não esteja claro o fato de a comunidade de fala ser um objeto social ou linguístico, o termo tem sido largamente usado tanto para comunidades urbanas grandes ou pequenas quanto para bairros, subgrupos (como grupos falantes de uma forma vernacular) e minorias linguísticas. No Brasil, grande parte dos estudos variacionistas tem considerado não apenas um grupo/localidade urbano como a comunidade de fala a ser analisada, mas um município em seu todo, com zona urbana e rural.

O autor destaca o fato de que Labov não levou em conta aspectos não linguísticos para o estabelecimento da pertença do indivíduo a determinada comunidade. Embora concorde

com o ponto de vista de Bucholtz, que afirma que a comunidade de fala é uma unidade de análise social baseada na linguagem, Patrick (2002) questiona se os sociolinguistas deveriam presumir que todos os falantes unidos por critérios linguísticos verdadeiramente formam um grupo.

De acordo com Figueroa (1994), essa era a opinião de Labov. Para ele, de modo geral, todos os falantes de língua inglesa, independentemente de seu local de residência, formam uma grande comunidade de fala. Porém, uma comunidade pode ser hierarquicamente constituída, isto é, dentro de uma comunidade de fala pode haver outras comunidades de fala. Assim, por exemplo, pode-se considerar que os falantes de Martha's Vineyard pertencem à comunidade de fala de Martha's Vineyard, à dos Estados Unidos e à comunidade de fala dos países de língua inglesa.

Patrick (2002) aponta que, embora Labov não tenha sido o primeiro linguista a definir comunidade de fala, ele foi o pioneiro em afirmar que as normas compartilhadas e a uniformidade linguística (enquanto variação estruturada) são maneiras de se identificar uma comunidade. O autor ressalta que por *uniformidade linguística* não se deve entender que todos os falantes de uma determinada comunidade utilizam sempre as mesmas formas; o fato de haver uniformidade linguística implica que esses falantes compartilham regras gramaticais na forma de regras variáveis.

Alguns problemas com relação à delimitação das comunidades de fala não foram contemplados por Labov. Segundo Patrick (2002), um dos casos em que há dificuldade de classificação ou identificação de uma comunidade de fala ocorre quando o grupo em questão é bilíngue. Nesse caso, se poderia pensar que há duas comunidades de fala ou que a própria comunidade é bilíngue.

Para resolver questões como essa, Patrick (2002) recorre à sugestão de Labov de que é o pesquisador quem deve verificar se o grupo estudado é ou não uma comunidade de fala. Sendo assim, a existência e a constituição de uma comunidade de fala deveriam ser averiguadas durante a pesquisa, e não pré-estabelecidas. Entretanto, em grande parte dos estudos variacionistas atuais, é comum que o grupo (município) estudado seja tratado desde o princípio como comunidade de fala. É possível que isso ocorra devido às restrições de ordem temporal que muitas pesquisas linguísticas possuem. Desse modo, muitas vezes a comunidade deixa de ser estudada profundamente, e dá-se atenção maior às realizações da fala dos informantes daquele grupo. Para que o grupo de fato possa ser identificado como comunidade

de fala, é importante que o pesquisador esteja atento às suas configurações e também ao que é dito (não somente à forma como as coisas são ditas) pelos informantes nas entrevistas sociolinguísticas de onde os dados de fala são retirados.

O conceito *comunidade de fala* é utilizado por pesquisadores em estudos variacionistas predominantemente quantitativos. Nos estudos variacionistas em que os dados obtidos são analisados qualitativamente, e não apenas quantitativamente, é possível operar com o conceito de *comunidade de prática*, que será discutido na seção a seguir.

2.3 Comunidade de prática

A noção de *comunidade de prática*, na Sociolinguística Variacionista, é recente, e tem sido empregada pelos pesquisadores com o intuito de verificar mais profundamente a nuance do social no fenômeno da variação linguística. O conceito de comunidade de prática não foi criado para suplantá-lo de comunidade de fala, embora, em alguns estudos, essas noções possam parecer um tanto concorrentes.

Apesar de o conceito de comunidade de fala ainda ser utilizado em investigações sobre variação linguística, este é usado principalmente para se delimitar o espaço geográfico (lugar em que há falantes que compartilham determinadas normas linguísticas) onde será realizada a análise. Eckert (2000), pioneira em utilizar o termo *comunidade de prática* na Linguística, utilizou-se dessa noção ao estudar grupos menores e muito específicos, como adolescentes em uma escola de Ensino Médio norte-americana.

Eckert (2000) define comunidade de prática como

um agregado de pessoas que se reúnem em torno de algum empreendimento. Unidas por esse empreendimento em comum, as pessoas passam a desenvolver e compartilhar maneiras de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores – em resumo, práticas – como função de seu engajamento conjunto na atividade (ECKERT, 2000, p.35)

Para que os indivíduos pertençam à mesma comunidade de prática, eles devem compartilhar das mesmas práticas, ou seja, seus objetivos no grupo. As atividades que nele realizam e seu comportamento com relação a determinados eventos devem ser aproximados. É através das comunidades de prática e das práticas sociais a elas relacionadas que os sujeitos buscam resolver seus problemas cotidianos. Como práticas sociais Eckert (2000) entende todas as atividades que aproximam os integrantes de um grupo. Para ela, por exemplo, o modo de vestir-se e de falar são práticas sociais; é por isso que a variação linguística, nos estudos dessa autora, é tratada como prática social.

Um único indivíduo, porém, pode fazer parte de várias comunidades de prática. No entanto, sua participação nessas diversas comunidades de prática se dá de forma e intensidade diferentes. Em uma comunidade de prática, é possível que esse indivíduo possua papel central; em outra, seu papel pode ser apenas secundário. Eckert (2000), portanto, leva em conta a mobilidade dos indivíduos ao propor o conceito de comunidade de prática na Linguística.

Como o indivíduo participa de diversas comunidades de prática e seu papel nelas não é sempre o mesmo, seu comportamento linguístico também pode sofrer certa variação quando ele se encontra em uma ou em outra comunidade de prática. Entretanto, como Eckert (2000) leva em consideração a definição de comunidade de fala (especialmente para a delimitação geográfica da área a ser investigada, como se mencionou anteriormente), pode-se entender que, mesmo que o indivíduo adote um comportamento linguístico um tanto diferenciado em alguma das comunidades de prática de que participa, esse comportamento ainda se manterá dentro das normas da sua comunidade de fala.

Meyerhoff (2002) aponta três critérios fundamentais para a identificação de uma comunidade de prática. O primeiro deles é o fato de que deve haver engajamento mútuo dos membros. Esse engajamento pode ser harmonioso ou conflituoso, e se pode dizer que uma comunidade de prática nem sempre é um agrupamento de amigos ou aliados. O segundo critério, para a autora, é o fato de que os integrantes de uma comunidade de prática devem compartilhar algum empreendimento conjuntamente negociado. Para Meyerhoff (2002), esse aspecto da comunidade de prática faz com que ela seja circular, pois os indivíduos se reúnem para algum propósito e esse propósito se define através do modo como os integrantes da comunidade de prática o buscam. O último critério é o do repertório compartilhado dos membros da comunidade. Esse repertório, para a autora, não é composto apenas de recursos

linguísticos; ele é fruto de intensas negociações internas também com relação a símbolos e ferramentas.

O estudo de uma comunidade de prática considera o pertencimento social do sujeito, o fato de que a(s) identidade(s) individual e coletiva são construídas em conjunto e o modo como os integrantes do grupo se relacionam entre si. Para dar conta dessa co-construção de identidade, Eckert (2000) se aproveita do conceito de redes sociais, de Milroy e Milroy (1992).

Esses autores defendem que, em um estudo de variação linguística, tomar classes sociais (ou mesmo outros fatores extralinguísticos) como algo fixo pode não dar conta de alguns aspectos importantes das comunidades analisadas, uma vez que os integrantes dessas comunidades relacionam-se entre si e essas relações muitas vezes ultrapassam a barreira da classe social. Milroy e Milroy (1992) sugerem, então, que, uma vez que os indivíduos relacionam-se de maneira mais ou menos próxima e mais ou menos frequente, as redes sociais que compõem devem ser consideradas em estudos variacionistas.

Segundo Milroy e Milroy (1992), a rede social está vinculada à organização de uma comunidade e aos variados níveis de relação interpessoal dos sujeitos. Para participarem de empreendimentos em comum, os indivíduos podem se relacionar em redes mais ou menos densas, com laços mais ou menos fortes. A força dos laços que ligam uma pessoa a outra em uma rede social determina a manutenção ou inovação das formas linguísticas utilizadas por esse grupo.

O estudo da variação linguística por meio da rede social dos informantes, ou seja, por meio da análise do grau de relacionamento existente entre os indivíduos, permite que se identifiquem a frequência e a força do contato que os entrevistados mantêm entre si. O pesquisador pode se deparar com redes de laços fracos, em que os informantes possuem pouco contato entre si, ou com redes de laços fortes, em que os informantes se comunicam com muita frequência. Quando a rede social de que participam os indivíduos é densa (isto é, grande parte dos informantes se conhece e se relaciona com frequência e por meio de laços mais próximos), a variação adquire significado social.

Meyerhoff (2002) aponta, porém, que, através do estudo de comunidades de prática, se pode constatar o significado das variantes para além das redes. A autora afirma ainda que a pertença a uma rede social é normalmente circunstancial ou casual, enquanto que a

participação em uma comunidade de prática é consciente, dado o critério da mútua identificação dos integrantes.

A comunidade de prática também envolve aprendizado social. É este o sentido adotado por Wenger (1998) para o termo. Para esse autor, a comunidade de prática é um nível de organização social necessário para a aprendizagem, pois é nela que os indivíduos compartilham, desenvolvem e negociam modos de compreender e de atribuir significado ao mundo. Em uma comunidade de prática, segundo Wenger (1998), a negociação de significado ocorre frequentemente e é um processo que envolve não apenas a linguagem, mas todos os tipos de relação social estabelecidos entre os integrantes dessa comunidade. Para que um significado seja negociado, os membros da comunidade devem reavaliá-lo e reajustá-lo.

De acordo com Wenger (1998), a negociação de significados e o fato de ser elemento essencial para o aprendizado social não são as únicas características de uma comunidade de prática. O autor explica que a prática social é a fonte de coerência de uma comunidade, embora esta não seja em momento algum inerentemente estável ou imutável. Wenger (1998) destaca ainda que uma comunidade de prática se liga a outras e se liga a tudo aquilo que é externo a ela. Desse modo, ela se caracteriza por ser um panorama social complexo, e tratar de comunidade de prática também envolve tratar de fronteiras e periferias.

Para que se identifique uma comunidade de prática, é preciso saber quais são as práticas sociais que aproximam os indivíduos. Wenger (1998) define prática social como uma maneira de fazer algo, influenciada ou estruturada por um contexto histórico e social. A prática pode ser explícita (símbolos, imagens, papéis sociais, ferramentas, entre outros) ou tácita (percepções, convenções, etc.). Para o autor, pode-se dizer que toda prática é social. Podem ser consideradas práticas sociais diferentes maneiras de vestir-se, diferentes preferências culinárias, diferentes modos de fazer as coisas e diferentes maneiras de falar.

A linguagem de uma comunidade de prática é, para Wenger (1998) uma prática explícita, embora determinadas decisões linguísticas tomadas pelo falante sejam de ordem tácita, como o reforço ou a neutralização, por parte dos indivíduos, de alguma característica fonética típica da sua comunidade quando estes se encontram com sujeitos que falam diferentemente.

Uma banda de garagem, um grupo de pesquisa e uma turma de jardim de infância são, para Eckert (2000), comunidades de prática. A autora afirma que são as práticas do grupo que

o definem como sendo ou não uma comunidade de prática, bem como o engajamento dos indivíduos nesses empreendimentos comuns. Certamente nem todos os indivíduos de uma comunidade de prática engajam-se em suas atividades de maneira similar. A comunidade de prática não é homogênea, ainda que seus participantes estejam relacionados uns aos outros por características que os aproximam e também pelo valor simbólico que atribuem aos empreendimentos que realizam com o grupo.

Com relação à banda de garagem, por exemplo, não é somente a música tocada por seus integrantes que fará com que eles sejam considerados componentes de uma comunidade de prática. Outras práticas sociais, como a forma de se vestirem, a seleção de instrumentos musicais para as canções, sua atitude com relação a outros tipos de música e a maneira de se comportarem em apresentações também contribuem para que o grupo se estabeleça como uma comunidade de prática particular (ECKERT, 2000).

A comunidade de prática, assim, é o *lugar* (não necessariamente um lugar físico) encontrado pelos seus membros para a criação ou o reforço de uma identidade. Estudar comunidades de prática, portanto, requer considerar que cada indivíduo pode ter múltiplas identidades, e que cada uma é reforçada de acordo com as práticas sociais em que esse sujeito está envolvido em maior ou menor grau.

Em estudo realizado no início dos anos 1990, na cidade de Detroit, Estados Unidos, onde vem ocorrendo uma mudança vocálica, Eckert (2000) analisou o comportamento (não apenas linguístico) de jovens colegiais que ela identificou como sendo pertencentes a dois grupos diferentes: os *jocks* e os *burnouts*. Além desses dois grupos, havia ainda os *in-betweens*, adolescentes que aparentemente não se caracterizavam como membros de nenhum dos dois grupos em particular e que ora pareciam se aproximar mais de um grupo, ora de outro.

Segundo a autora, os *jocks* mostravam-se mais dispostos a participar das atividades da escola e não se apresentavam (ou se comportavam) como rebeldes, ao contrário dos *burnouts*. Quanto ao emprego das vogais, os *jocks* mostravam-se mais conservadores, enquanto que os *burnouts* adotavam com mais frequência as formas inovadoras. As práticas sociais dos *jocks* orientavam-se predominantemente pela escola, e esses alunos eram considerados mais estudiosos e dedicados. Já os *burnouts* não davam o mesmo valor à escola; alguns até mesmo afirmavam que mal podiam esperar pela conclusão do Ensino Médio, pois assim poderiam começar a trabalhar numa das fábricas locais.

Segundo Meyerhoff (2002), para que pudesse obter dados para a pesquisa, Eckert circulou pelas dependências da escola, observando, a princípio, os grupos de alunos que conversavam entre si. Nessa observação, ela pôde verificar padrões de engajamento mútuo e práticas e repertórios compartilhados. Gradualmente, a pesquisadora conheceu os estudantes, entrevistou-os e pôde, com isso, observar suas realizações linguísticas, além de verificar as práticas sociais em que eles estavam engajados.

Os resultados obtidos por Eckert, conforme aponta Meyerhoff (2002), especialmente aqueles relacionados à configuração das comunidades de prática em que estavam engajados os alunos daquela escola, podem não ser salientes e significativos a todos os observadores. Entretanto, Eckert (2000) pôde identificar as duas comunidades de prática distintas, *jocks* e *burnouts*, marcadas por práticas sociais e realizações linguísticas distintas, dentro de uma comunidade de prática maior que é a Escola (Rede Escolar) de Ensino Médio de Detroit.

Para Eckert (2000), o estudo da mudança vocálica em Detroit não estaria completo sem que se compreendesse o comportamento dos indivíduos envolvidos na comunidade com relação a algumas das atividades cotidianamente experimentadas por eles. Uma análise quantitativa tradicional, que considera variáveis extralinguísticas como *gênero*, *idade* e *escolaridade*, poderia não levar o pesquisador a afirmar, por exemplo, que o sentimento de desligamento quanto às normas escolares e as atitudes de rebeldia dos *burnouts* podem fazer com que eles adotem realizações vocálicas inovadoras.

Meyerhoff (2002) destaca, além disso, que controlar conteúdo e quantidade de fala numa entrevista não é uma preocupação fundamental para o pesquisador que trabalha com comunidades de prática. As gravações de fala, segundo essa autora, devem ser sempre suplementadas por anotações cuidadosas sobre as práticas sociais observáveis dos indivíduos. Meyerhoff (2002) argumenta que a comunidade de prática não deve ser incluída entre as variáveis extralinguísticas independentes de um estudo quantitativo, por não ser algo facilmente mensurável.

Pode-se pensar que os moradores de Flores da Cunha compartilhem normas linguísticas e que, por esse motivo, pertençam todos à mesma comunidade de fala. Porém, se poderia pensar, além disso, que os indivíduos envolvem-se em empreendimentos comuns dotados de significado e que esses empreendimentos, as comunidades de prática, especializam certas práticas sociais, como aquelas mais tradicionais, ligadas à história da imigração italiana. Seria possível relacionar, de um lado, o envolvimento dos florenses com práticas

sociais consideradas tradicionais, a, de outro, o índice de elevação da vogal média anterior átona no município? O estudo da sócio-história do município de Flores da Cunha e da Região de Colonização Italiana e a análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos na localidade poderão fornecer uma resposta a essa pergunta.

3 IMIGRAÇÃO E FLORES DA CUNHA

Para que se compreenda a sócio-história do município de Flores da Cunha, é necessário vislumbrar, a partir da década de 1870, o panorama geral da imigração italiana, delineado pela área onde os imigrantes que fundaram o município se estabeleceram, a antiga Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. Flores da Cunha, inicialmente território pertencente à Colônia Caxias e chamado de Nova Trento, teve com seus primeiros habitantes a transmissão, além de sua língua, de muitos de seus hábitos e visões de mundo, os quais certamente ficaram marcados pelas dificuldades enfrentadas ao longo da jornada da imigração.

Este capítulo será dividido em quatro seções. A primeira trata da situação na Itália e no Brasil na época da vinda dos imigrantes, para que se entendam os motivos que levaram alguns italianos a deixar sua terra natal para dirigirem-se a uma desconhecida terra estrangeira. A segunda seção trata do estabelecimento desses imigrantes na RCI e contempla a origem provincial dos colonos, o modo pelo qual as terras foram divididas e ocupadas, e o estilo de vida da população imigrante. A terceira discute os aspectos linguísticos da RCI, levando em conta o surgimento, após alguns anos de colonização, de uma fala dialetal comum (*koiné*) com características predominantemente vênetas. A última seção expõe a formação, a localização e a história de Flores da Cunha.

3.1 A situação na Itália e no Brasil

Embora a imigração italiana para o Brasil tenha assumido dimensões expressivas somente a partir do final da década de 1870, alcançando seu auge entre 1887 e 1902, já havia italianos no País muito antes dessa época. Segundo Trento (1988), alguns exploradores italianos estavam entre os bandeirantes que atravessaram o Brasil nos séculos XVII e XVIII e, no Rio de Janeiro do início do século XIX, se podia encontrar um pequeno núcleo dedicado a

trabalhos manuais. Esses italianos, porém, estavam em número reduzido e não haviam se estabelecido aqui com os mesmos fins que os imigrantes que mais tarde chegariam.

No final do século XIX, o Brasil via a escravidão aos poucos ser substituída pelo trabalho livre. A proibição do tráfico de escravos, em 1850, a Lei do Ventre Livre, em 1871, de acordo com a qual estavam livres os filhos nascidos de mães escravas e, finalmente, a abolição da escravatura, em 1888, fizeram com que o Brasil mergulhasse em uma crise de mão-de-obra. Trento (1988) afirma que a essa crise somava-se o fato de o País possuir pouca densidade demográfica e regiões ainda não habitadas, o que alarmava o governo e demandava soluções imediatas.

O Brasil possuía economia fundamentalmente agrícola e, a partir da década de 1840, começava a substituir as lavouras de açúcar pelas de café. Trento (1988) afirma que, anos mais tarde, na época do início da imigração italiana, houve uma tentativa, por parte dos fazendeiros, de substituir os trabalhadores escravos por imigrantes. Essa substituição não foi integral, mas de fato muitos italianos passaram a trabalhar nas fazendas de café paulistas. Os fazendeiros exigiam certo retorno, em serviços ou moeda, uma vez que haviam sido, juntamente com o governo brasileiro, os patrocinadores da vinda e do estabelecimento desses imigrantes.

O imigrante italiano, portanto, ao chegar ao País poderia empregar-se em uma fazenda de café. Outra alternativa, a preferida pelo governo pois envolvia a proteção das fronteiras, era a instalação desse imigrante em um núcleo colonial (TRENTO, 1988). Aquele que optasse por dirigir-se a um desses núcleos receberia um lote pagável a prestações, sob a condição de que deveria trabalhar essencialmente na agricultura. O País, ao recrutar imigrantes, particularmente para o Rio Grande do Sul, deu preferência àqueles cujo ofício relacionava-se à agricultura, embora indivíduos com outras ocupações também tenham sido aceitos, o que, segundo De Boni e Costa (1979), contribuiu para que as colônias da RCI logo adquirissem certo nível de independência quanto a determinados serviços.

De acordo com Manfroi (1975), o crescimento da imigração, porém, não teve relação direta com a abolição da escravidão. Para o governo brasileiro, a força de trabalho italiana era certamente importante, assim como seu estabelecimento nas terras até então inóspitas. Para esse autor, a grave crise econômica que se abatia sobre a Itália foi a principal causa da vinda dos imigrantes.

De acordo com Frosi e Mioranza (1975), em 1870, com a conquista de Roma, a Itália finalmente era unificada. Antes da unificação, alcançada pelas armas e não por uma reforma política ou sócio-econômica, o país era dividido em ducados, reinos e repúblicas. O rei Vítor Emanuel havia conseguido unir os territórios, mas não conseguira ainda alterar a economia da península, que era “dependente de poucos industriais e de muitos latifundiários ainda afeitos a esquemas econômicos medievais de feudalismo e de exploração da força operária e agrícola” (FROSI; MIORANZA, 1975, p.12).

Segundo Manfroi (1975), a luta pela unificação, que durara mais de cinquenta anos, não trouxe aos italianos poder econômico suficiente nem mesmo para a satisfação de suas necessidades básicas. A Itália agora dependia de capitais estrangeiros e via a densidade demográfica crescer exponencialmente.

Manfroi (1975) aponta que, onze anos após a unificação, em 1881, a fim de estimular a produção e impedir a baixa dos preços agrícolas, a Itália aplicou um imposto para produtos de importação. Essa medida desagradou ao governo francês, que impôs taxa semelhante aos produtos italianos. O imposto francês fez com que a crise no norte da Itália se acentuasse, visto que a agricultura dessa região sustentava-se na exportação de seus produtos à França.

Assim, especialmente por parte dos italianos das regiões localizadas ao norte do Rio Pó, houve muita receptividade com relação ao programa de imigração promovido pelo governo brasileiro (FROSI; MIORANZA, 1975). A região Norte, que beirava o subdesenvolvimento, foi a que mais forneceu imigrantes ao Brasil. Esses imigrantes, atraídos por uma propaganda exagerada promovida pelos agentes de imigração, depositavam na nova terra as esperanças para a construção de uma outra vida.

Trento (1988, p.32) afirma que, no quadro geral da migração Itália-Brasil,

os fatores de expulsão tinham incidência maior que os fatores de atração, ainda que, obviamente, os últimos exercessem um peso não desprezível na determinação do êxodo de massa. Um êxodo que, decerto, não foi freado pelas classes dirigentes que, ao contrário, viam com alívio uma emigração que constituía, para usar a afortunada expressão de Sonnino, uma ‘válvula de escape para a paz social.’

Trento (1988) contabiliza a chegada de mais de 3.600.000 imigrantes ao Brasil, entre os anos de 1880 e 1924. Desses, 38% eram italianos. Apenas entre 1880 e 1904, porém, o

percentual de imigrantes italianos vindos ao País chegou a 57,4%. O Brasil ocupou, assim, o terceiro lugar no fluxo da imigração italiana entre a década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos e para a Argentina.

Nem todos os italianos que aqui entraram permaneceram no Brasil; muitos retornaram à Itália após acumularem certa fortuna ou por não conseguirem meios de sustentar-se. Entretanto, segundo Manfroi (1975), os italianos continuaram perfazendo representativa faixa populacional, ainda que seus filhos aqui nascidos já tenham sido caracterizados como brasileiros pelo governo local.

O estabelecimento dos imigrantes italianos ocorreu de maneiras diversas no Brasil. Em São Paulo, por exemplo, os recém-chegados eram destinados às lavouras, e já encontravam moradia e condições de trabalho. No Rio Grande do Sul, porém, os imigrantes atuaram como desbravadores, tendo que fundar colônias e vilarejos, construir suas casas e iniciar suas plantações. A seção a seguir trata da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul e seu estabelecimento na RCI.

3.2 Os Italianos na Região de Colonização Italiana (RCI)

De acordo com Frosi e Mioranza (1975), foi a partir do ano de 1875 que a RCI passou a receber um fluxo constante de imigrantes italianos. A expressão Região de Colonização Italiana é atribuída ao pesquisador Alberto Gallo e explicada por Mário Sabbatini (apud FROSI; MIORANZA, 1983, p.57):

A definição de *Região de Colonização Italiana* é uma definição de origem histórica, adotada na linguagem comum e oficial, que, com propriedade, diria respeito somente às áreas das ex-colônias de natureza pública fundadas entre 1875 e 1892 no território da *Encosta Superior do Nordeste* [do RS] e, por extensão, refere-se a todo o território dos municípios derivados das colônias, ainda que nem todo loteado pela colonização pública².

² Hoje, fazem parte da RCI 55 municípios, dentre os quais Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Garibaldi, Carlos Barbosa, Veranópolis, São Marcos e Antônio Prado. Segundo Frosi e Mioranza (1975), não pertencem à RCI os núcleos coloniais italianos de outras partes do Rio Grande do Sul, como a Colônia Silveira

Os imigrantes estabelecidos na RCI eram originários principalmente do norte da Itália, área assolada por uma séria crise econômica iniciada na última metade do século XIX. As regiões de onde partiram os maiores contingentes de imigrantes rumo ao Rio Grande do Sul são, segundo Frosi e Mioranza (1975), Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto Ádige (Tirol) e Friuli-Venécia Júlia, nessa ordem. A RCI recebeu ainda imigrantes das regiões do Piemonte, da Emília-Romanha, da Toscana e da Ligúria, mas em quantidade muito menor. O quadro abaixo mostra a distribuição, em porcentagem, desses imigrantes na RCI:

IMIGRANTES	PORCENTAGEM
Vênetos	54%
Lombardos	33%
Trentinos	7%
Friulanos	4,5%
Outros	1,5%

Quadro 2: Índices imigratórios, segundo a região de proveniência (FROSI; MIORANZA, 1975, p.36).

As regiões de onde partiu a maior parte dos imigrantes que se dirigiram ao Rio Grande do Sul localizam-se principalmente ao norte do Rio Pó, um marco geográfico importante da Itália setentrional. Como se pode observar no mapa a seguir, elas estão próximas à fronteira com outros países, dentre os quais Suíça e Áustria. As regiões de origem da maior parte dos imigrantes que se instalaram na RCI situam-se acima da linha vermelha.

Martins, por exemplo, localizada junto a Santa Maria. Inicialmente, as terras selecionadas para a colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul situavam-se entre o Rio das Antas e as colônias alemãs do baixo Taquari e da bacia do Rio Caí.



Figura 1: Configuração atual da Itália (MEZZADRI; BALBONI, 2001, p.2).

Frosi e Mioranza (1975) esclarecem que o primeiro grupo de imigrantes estabeleceu-se, em 1875, na colônia Fundos de Nova Palmira, na área onde hoje está Nova Milano, distrito de Farroupilha. No mesmo ano, três núcleos de colonização italiana foram fundados: Colônia Caxias, Colônia Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves) e Colônia Conde D'Eu (hoje

Garibaldi e Carlos Barbosa). Segundo Manfroi (1975), essas colônias foram emancipadas do regime colonial em 1884, numa medida adotada pelo governo para livrar-se de sua administração. A Colônia Caxias, afirma esse autor, estava destinada a ser o centro da colonização italiana, a “Pérola das Colônias”.

Como mencionado anteriormente, o governo brasileiro assumiu algumas obrigações, decretadas através de sucessivas leis orgânicas, sendo a primeira de 1867, com o intuito de estimular a imigração. Trento (1988) diz que entre essas medidas estavam o pagamento da viagem do porto do Rio de Janeiro ao núcleo colonial, a entrega de uma casa provisória à família de imigrantes e de uma pequena quantia em dinheiro, e a concessão de um lote de terra para cada família, o qual deveria ser pago em algumas prestações. De acordo com Trento (1988), cada lote media, a princípio, 60 hectares; logo, porém, a terra concedida às famílias passou a ter 48 hectares e, mais tarde, apenas 25.

Segundo Frosi e Mioranza (1975), os lotes distribuídos entre os colonos eram numerados e localizavam-se nas chamadas Linhas ou Travessões. Os autores afirmam que a divisão das terras foi feita sobre mapas, antes da chegada dos imigrantes, e acidentes geográficos de menor expressão foram desconsiderados. A ordem de chegada dos imigrantes era o principal critério para a distribuição e ocupação das terras e, por esse motivo, não se formaram intencionalmente núcleos específicos de cada região italiana.

No entanto, alguns grupos vindos da mesma região ou província aportaram no Rio Grande do Sul na mesma data, tendo viajado no mesmo navio ou na mesma época. Assim, esses imigrantes foram destinados, por casualidade, ao mesmo travessão ou colônia, o que possibilitou a formação de pequenas comunidades típicas, com falares afins (FROSI; MIORANZA, 1975).

Frosi e Mioranza (1975) apontam que, em cerca de dez anos, as terras aquém do Rio das Antas já estavam totalmente ocupadas. Começou, então, a colonização das terras além-Rio das Antas, com a fundação das Colônias de Antônio Prado e Alfredo Chaves. Nessa mesma época, foi criada a Colônia de Encantado. O governo passou a demarcar novas terras e permitiu o estabelecimento, a partir da década de 1890, da Colônia de Guaporé.

Os autores afirmam que as localidades com infraestrutura mínima passaram a abrigar mais pessoas, o que permitiu o desenvolvimento de centros urbanos. Com a possibilidade de

locomoção no interior da RCI e devido à crescente densidade demográfica, alguns colonos iniciaram um processo de migração interna.

A esperança de passar o resto da vida num Eldorado muitas vezes se desfazia assim que o imigrante punha os pés no navio. De veleiro, a viagem demorava dois meses e, de navio a vapor, de 21 a 30 dias. As condições da jornada eram péssimas, e muitos corriam o risco de contaminar-se com alguma doença, subnutrir-se ou mesmo morrer na travessia do Atlântico (TRENTO, 1988).

Chegando ao Brasil, as condições não eram muito melhores. Segundo Trento (1988), os imigrantes, antes de partir para as colônias do Rio Grande do Sul, permaneciam por cerca de uma semana em uma hospedaria. Ao finalmente rumarem para seus lotes, descobriam que a casa que lhes havia sido oferecida pelo governo era rudimentar, com poucos móveis e utensílios.

A terra destinada às famílias era, porém, na maioria das vezes, fértil e suficiente para satisfazer suas necessidades alimentícias. Segundo De Boni e Costa (1979), o trabalho na lavoura logo se tornou prova da honorabilidade do colono, e a produção de trigo, uva, vinho e milho passou a ser característica do local.

Embora a produção agrícola tenha sido desde o início o elemento propulsor da economia da RCI, os imigrantes viam-se frequentemente em sérias dificuldades. Trento (1988) explica que havia atraso na entrega de sementes e de ferramentas, o transporte dos produtos era demorado e custoso, e diversas vezes o colono tinha de vendê-los a um intermediário por preços muito mais baixos do que o ideal.

A dificuldade em dirigir-se a outras regiões fez com que os colonos se mantivessem em relativo isolamento. Para De Boni e Costa (1979), isso permitiu a manutenção de algumas características italianas, como os trajes, a língua, a culinária e a atenção à religiosidade, e o desenvolvimento de um artesanato com características próprias. A manutenção da língua, por exemplo, deveu-se ao fato de que, embora os imigrantes fossem provenientes de regiões italianas distintas, seus dialetos de origem não eram tão diferentes a ponto de não permitir que entre eles houvesse comunicação. E, como o contato com brasileiros era pouco frequente, os imigrantes italianos não sentiram necessidade – pelo menos no início da colonização – de aprender o português. Essa manutenção do dialeto de origem e o contato com o dialeto dos

colonos de outras regiões italianas fez com que, na RCI, surgisse uma nova língua, a *koiné vêneta*.

3.3 A *koiné veneta*

Viu-se anteriormente que o governo brasileiro, ao distribuir os lotes às famílias, não levou em conta sua região de proveniência ou o dialeto falado por seus integrantes. Sendo assim, embora em alguns travessões tenham se formado grupos de origem e dialeto afins, em grande parte das colônias houve uma mescla entre imigrantes de diversas procedências.

Para Frosi e Mioranza (1975), poucas ilhas linguísticas se formaram na RCI, isto é, eram poucas as localidades em que todos os habitantes falavam o mesmo dialeto³. A influência da língua nacional sobre uma ilha linguística é menor do que sobre uma comunidade com traços dialetais não-homogêneos; o dialeto falado em uma ilha, portanto, tende a permanecer inalterável por um tempo maior. Já nas comunidades pluridiais, “o fato linguístico apresentará tendência de evolução ou mudança mais imediata, o que permitirá a penetração da língua portuguesa ou a escolha de uma forma linguística dialetal que possa servir à comunicação do grupo” (FROSI; MIORANZA, 1975, p.61).

De fato, o que ocorreu nos incipientes núcleos urbanos da RCI foi a gradual substituição do dialeto italiano pelo português. Além disso, esses autores afirmam que o desenvolvimento dos meios de comunicação e das estradas contribuiu para o enfraquecimento do dialeto em alguns pontos da região.

Em comunidades pluridiais, os dialetos não mais se conservaram em sua forma integral, e a soma das características de vários deles acabou por criar um supradialeto, uma fala comum, a qual é denominada por Frosi e Mioranza (1975) e De Boni e Costa (1979) de *koiné vêneta*, pois nela predominaram características deste dialeto, o mais frequente na RCI.

³ Ferreira e Cardoso (1994) conceituam *dialetto* como um subsistema linguístico característico de uma região, inserido dentro de um sistema abstrato maior, que é a *língua*. Um dialeto é uma variedade diatópica, ou seja, relaciona-se à diferença da fala de uma região em relação a outra. Dentro de um dialeto, porém, pode haver diferenças diastráticas (relacionadas aos estratos sociais dos falantes) ou diafásicas (relacionadas ao estilo da fala). Os linguistas preocupados em analisar ou descrever dialetos valem-se das chamadas *isoglossas*, linhas imaginárias que marcam o limite, também imaginário, entre formas linguísticas em uma determinada área.

O quadro a seguir lista os grandes grupos dialetais e elenca os dialetos que, dentro desses grupos, possuem características afins:

DIALETOS	GRUPOS AFINS
Vêneto-Trentinos	Vicentino-paduano-trevisano-veneziano Feltrino-belunês-trentino Veronês
Lombardos	Milanês-bergamasco Mantuano-cremonês Bresciano
Friulano	Friulano

Quadro 3: Dialetos trazidos à RCI e seus grupos afins (FROSI; MIORANZA, 1975, p.68).

Visto que os vênnetos perfaziam 54% do total de imigrantes instalados na RCI, é natural que a *koiné* aqui desenvolvida tenha características maiores dessa região. Frosi e Mioranza (1975, p.70) descrevem essa *koiné* como “uma mescla básica dos dialetos vênnetos mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas, segundo as localidades de maior ou menor presença de falantes de descendência lombarda.”

Para esses autores, a manutenção da *koiné* e dos dialetos italianos na RCI foi bem-sucedida, mesmo anos depois do estabelecimento dos imigrantes, pois

[os dialetos] continuaram sendo o instrumento de comunicação linguística mais acessível. De fato, o número de escolas ainda era insuficiente; os índices de frequência escolar continuavam baixos; a Região não recebeu elementos de etnias diferentes; os intermediários do comércio eram bilíngues e o colono não sentiu a necessidade de outro meio de comunicação linguística (FROSI; MIORANZA, 1975, p.77).

Mesmo que a *koiné* tenha recebido influência crescente da língua portuguesa, ela permaneceu como língua comum da RCI e é ainda falada por muitos habitantes. Para Manfroi

(1975), foram o desenvolvimento dessa língua geral e a manutenção de costumes italianos os elementos que fizeram com que, apesar das diferenças entre os grupos étnicos, tenha ocorrido uma unificação mais rápida e eficaz entre os italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul do que entre aqueles que permaneceram na Itália.

Em municípios como Flores da Cunha, ainda se pratica a fala dialetal italiana. A proporção de uso da língua não é opção do falante, decorre das oportunidades de interação. Essas se mantêm se outras práticas tradicionais também permanecem. Tanto a história do município como sua organização socioeconômica atual relacionam-se a essa manutenção.

3.4 Flores da Cunha: história e localização

Flores da Cunha localiza-se na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, na RCI. Limita-se a Norte/Oeste com Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Nova Pádua, a Norte/Nordeste com São Marcos, a Sul/Sudoeste com Farroupilha e a Sul/Sudeste com Caxias do Sul. Segundo dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que Flores da Cunha tenha 26.695 habitantes. O município possui área de 272,66 km², dista 150 km da capital do Estado, Porto Alegre, e cerca de 15 km de Caxias do Sul.

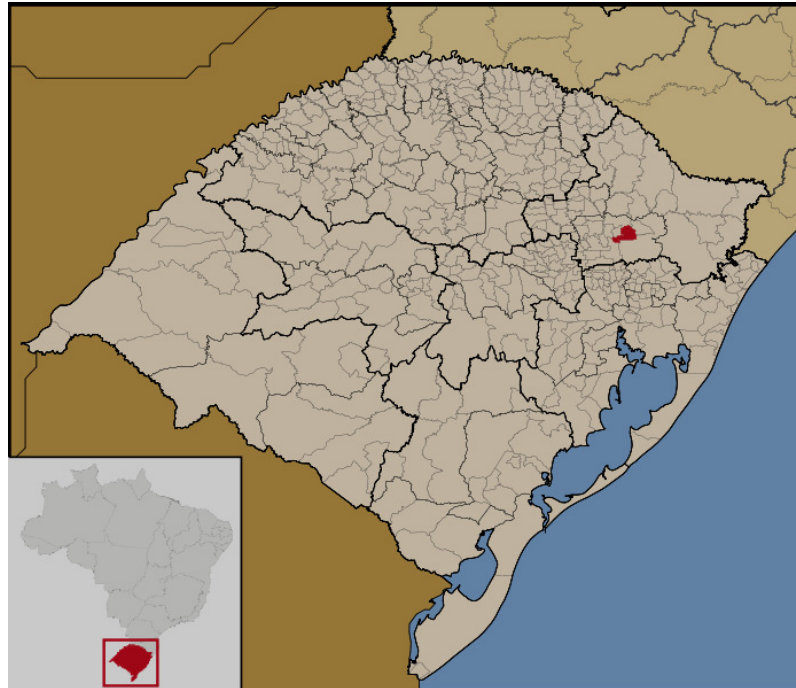


Figura 2: Localização de Flores da Cunha no Estado e no País (disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_cunha. Acesso em 10 de janeiro de 2010.)

Os primeiros imigrantes a se instalarem na área em que hoje se localiza o município de Flores da Cunha chegaram à região em 1877. Segundo Molon (2002), as primeiras famílias, provenientes das regiões do Vêneto, Lombardia e Piemonte, instalaram-se em duas comunidades, São Pedro e São José. Devido à falta de água, o povoado de São José foi abandonado, e seus moradores mudaram-se para São Pedro.

À nova comunidade, após muita deliberação, foi dado o nome de Nova Trento. As outras opções cogitadas também se referiam a localidades italianas, como Nova Tirol e Nova Cremona (DE BONI; COSTA, 1979; MOLON, 2002). Segundo Manfroi (1975), Nova Trento compreendia o território da décima primeira à décima quinta léguas da Colônia Caxias.

Após a elevação da Colônia Caxias a município, Nova Trento passou a ser seu segundo distrito. Nova Trento tornou-se município em 1924, e em 1935 passou a chamar-se Flores de Cunha, em homenagem ao político rio-grandense José Antônio Flores da Cunha, que havia prometido estender ao município a estrada de ferro que ligava Caxias a Porto Alegre. As comunidades de Nova Pádua e Otávio Rocha, de acordo com Molon (2002), passaram a ser, respectivamente, segundo e terceiro distritos de Flores da Cunha. Em 1990, Mato Perso, que até então fazia parte de Otávio Rocha, passou a ser o quarto distrito. Nova Pádua emancipou-se em 1992.

Flores da Cunha é também conhecida como Terra do Galo, denominação que, até pouco tempo, incomodava muitos moradores. O apelido deveu-se à apresentação, por volta da década de 30, de um mágico de outra localidade, que prometia cortar a cabeça de um galo, uni-la novamente ao corpo do animal com a ajuda de certo pó encantado e fazer com que o galo se recuperasse a ponto de cantar (LUNARDI, 1999; MOLON, 2002). O mágico, porém, não completou seu número: após cortar a cabeça do galo, fugiu com o dinheiro do público.

O município começou a beneficiar-se do incidente com o galo quando, recentemente, alguns empresários adotaram-no como mascote ou nome de seus empreendimentos. Flores da Cunha passou a usá-lo como símbolo em seus eventos oficiais, como a Feira da Vindima e a Feira de Inverno. Além disso, uma estátua em forma de galo foi construída no Parque da Vindima, local onde ocorrem esses eventos.



Figura 3: Estátua do Galo, localizada no Parque da Vindima, em Flores da Cunha. Vista da cidade ao fundo. (Acervo da autora)



Figura 4: Igreja Matriz e Torre da Igreja, dois importantes marcos turísticos da cidade. (Acervo da autora)

Hoje, o município destaca-se pela produção de uva, maçã e hortigranjeiros, como alho, cebola e tomate. Flores da Cunha possui ainda muitos aviários, embora o que de fato a destaque nacionalmente seja a produção de vinhos, a maior do Brasil. A indústria moveleira

também é muito importante para a localidade. Segundo Molon (2002), a cidade é o segundo maior produtor de móveis do Estado, e grande parte da produção é exportada.

Como se afirmou anteriormente, a ocupação das terras da RCI não obedeceu a nenhum critério étnico-linguístico, uma vez que os imigrantes eram destinados aos lotes de acordo com sua ordem de chegada. Em Flores da Cunha, a situação não foi diferente, e pode-se dizer que, embora os dialetos predominantes sejam os de origem vêneta, ali se instalaram diversos grupos linguísticos.

Frosi e Mioranza (1975) exemplificam a situação, fornecendo uma lista na qual constam os grupos étnico-linguísticos de 45 famílias moradoras do Travessão Alfredo Chaves, de Flores da Cunha, à época da colonização.

GRUPOS	REGIÕES	FAMÍLIAS
Grupo 1	Vêneto	13 de feltrino-beluneses 11 de trevisanos 8 de vicentinos 2 de paduanos 2 de veroneses
Grupo 2	Lombardia	3 de mantuanos 2 de bergamascos 2 de cremoneses
Grupo 3	Friuli-Venécia Júlia	1 de friulanos
Grupo 4	Campânia	1 de napolitanos

Quadro 4: Distribuição dos dialetos italianos falados pelas 45 famílias moradoras de um Travessão de Flores da Cunha, na época da colonização (FROSI; MIORANZA, 1975, p.59).

O dialeto, ou *koiné*, vêneta é ainda muito falado em Flores da Cunha, especialmente na zona rural. A Ficha de Entrevista de cada informante comprova que muitos, se não falam, ao menos conhecem ou entendem o dialeto. O contato ainda frequente com o falar italiano

regional pode contribuir para que, na comunidade, algumas características dialetais se mantenham, o que se transfere ao português com a preservação do /e/ átono, por exemplo.

No capítulo que segue, veremos que a elevação do /e/ átono (passagem de /e/ para [i]) é um processo que se aplica em grandes proporções no português brasileiro em certas comunidades. Mas em Flores da Cunha, como em outras comunidades do Rio Grande do Sul, o processo parece estar sendo refreado, o que acaba peculiarizando a fala local.

4 ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo serão revisados estudos acerca da elevação das vogais médias /e,o/ no português brasileiro (PB). A revisão mostra as diferentes tendências de aplicação da regra em várias localidades brasileiras e as hipóteses que, na forma de variáveis, têm sido controladas. Isso possibilita compreender a configuração que a análise de regra variável realizada no presente trabalho acabou assumindo. Antes disso, porém, o sistema vocálico do português brasileiro será apresentado e discutido, para que se compreendam quais são as vogais do PB e a quais processos variáveis elas podem ser submetidas. Na última seção deste capítulo, serão tecidas considerações a respeito da realização das vogais médias na língua e nos dialetos italianos, uma vez que a pronúncia dessas vogais na RCI pode sofrer interferências dialetais.

4.1 O sistema vocálico do Português Brasileiro

Câmara Jr. (2000 [1970]) afirma que, no Português Brasileiro⁴ (PB), há sete fonemas vocálicos, que podem se multiplicar em muitos alofones⁵, especialmente em posição átona. Em posição tônica, essas vogais podem ser organizadas em um sistema triangular, da mais baixa, localizada no vértice inferior do triângulo, às mais altas, e das mais anteriores e menos arredondadas, localizadas à esquerda do triângulo, às mais posteriores e mais arredondadas.

⁴ Deve-se ressaltar que Câmara Jr. (2000 [1970]), para sua análise, levou em conta apenas o dialeto carioca, cujo sistema vocálico apresenta diferenças com relação aos sistemas de outras regiões brasileiras.

⁵ Segundo Callou e Leite (1999), *alofones*, ou *variantes*, são os vários sons que realizam o mesmo fonema.

altas	/i/		/u/	
médias	/e/		/o/	(2° grau)
médias	/ɛ/		/ɔ/	(1° grau)
baixa		/a/		
	anteriores	central	posteriores	

Quadro 5: Vogais do Português (adaptado de CÂMARA Jr., 2000 [1970], p.41)

Tem-se, sendo assim, palavras como *s/a/co*, *s/ɛ/co*, *s/ɔ/co*, *s/e/co*, *s/o/co*, *s/u/co* e *s/i/go*. Observa-se que os fonemas apresentados entre barras são todos distintivos e, tônicos, não são substituíveis por alofones. Entretanto, em posição final, por exemplo, poderíamos ter *suc[o]* ou *suc[u]*, e *[o]* e *[u]* alternariam sem que houvesse distinção de sentido entre os vocábulos, estando assim em relação alofônica nesse contexto.

Entretanto, esses sete fonemas vocálicos são reduzidos a cinco quando diante de consoantes nasais e em posição tônica. Nesse caso, para o autor, não há */ɛ/* e */ɔ/*, e as vogais */a/* e */ə/* tornam-se alofones do mesmo fonema. Tem-se, então, *c[ẽ]ma*, *c[õ]me*, *t[ẽ]ma*, *t[ĩ]me* e *f[ũ]ma*, por exemplo.

Em posições átonas, o português brasileiro passa por um processo de redução vocálica, o que o diferencia significativamente do português europeu. Segundo o autor,

o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de ‘neutralização’. (CÂMARA Jr., 2000 [1970], p.43)

Por causa do processo de neutralização, as vogais médias pretônicas tendem a elevar-se quando há vogal alta na sílaba seguinte, pois assimilam a altura desta (como em *m[e]nino~m[i]nino* e *c[o]ruja~c[u]ruja*). Esse processo fonológico é denominado harmonização vocálica. Nos demais contextos, a menos que haja outro tipo de motivação linguística, */e/* e */o/* permaneceriam como tais.

altas	/i/	/u/
médias	/e/	/o/
baixa	/a/	

Quadro 6: Vogais pretônicas (adaptado de CÂMARA Jr., 2000 [1970], p.44).

Quando em posição postônica não final, para o autor, a vogal /o/ sofre neutralização, reduzindo-se para [u], mas algo semelhante é raro com a vogal /e/, que, nesse contexto, teria que passar para [i]. Assim, dá-se a alternância abób[**o**]ra~abób[**u**]ra, sendo que a forma abób[**u**]ra seria característica do português brasileiro. Já a passagem de vésp[**e**]ra para vésp[**i**]ra, por exemplo, é pouco frequente. A oposição entre /o/ e /u/, no caso das vogais postônicas não finais, é, para Câmara Jr. (2000 [1970]), apenas uma convenção da língua escrita.

altas	/i/	/u/
média	/e/	/../
baixa	/a/	

Quadro 7: Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas (adaptado de CÂMARA Jr., 2000 [1970], p.44).

Em posição átona final, segundo o autor, as vogais médias /e/ e /o/ sempre se elevam (como em nom[**e**]~nom[**i**] e mat[**o**]~mat[**u**]). Sendo assim, no português brasileiro, em contextos átonos finais, são possíveis somente três vogais: /a/, /i/ e /u/.

altas	/i/	/u/
baixa	/a/	

Quadro 8: Vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo (adaptado de CÂMARA Jr., 2000 [1970], p.44).

Cristófarro Silva (1999) afirma que as vogais [i,e,o,u], em posição pretônica, são pronunciadas de modo semelhante em todas as variedades do português brasileiro. Em

determinadas regiões, porém, há variação entre as vogais [e,ɛ,i] e [o,ɔ,u]. A palavras *dedal*, por exemplo, poderia assumir três diferentes realizações: d[e]dal, d[ɛ]dal e d[i]dal, enquanto que a palavra *modelo* poderia se realizar como m[o]delo, m[ɔ]delo ou m[u]delo.

A autora afirma que [ɛ,ɔ] ocorrem em posição pretônica em formas derivadas com os sufixos –mente, –inh, –zinh ou –íssim quando o radical já apresenta essas vogais em posição tônica. Por exemplo, da palavra m[ɔ]le se podem derivar m[ɔ]linho e m[o]leza. Somente o primeiro dos vocábulos permanece com a vogal média aberta, pois há presença de um sufixo favorecedor. As vogais pretônicas do PB estão dispostas no quadro abaixo.

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
Alta		i			u	
média-alta		e			o	
média-baixa		(ɛ)		(ə)	(ɔ)	
Baixa				a		

Quadro 9: Vogais pretônicas orais do português brasileiro (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p.81).

Em posição postônica final, a autora afirma que as vogais são realizadas pela maioria dos falantes do PB como [ɪ,ə,u]. Contudo, a pronúncia dessas vogais pode variar; a realização de [e,o], por exemplo, é comum em algumas regiões do País, onde existem alternâncias como mat[o]~mat[u], com[e]~com[ɪ] e got[a]~got[ə]. Em palavras como *júri*, a vogal postônica final somente admitiria realização como [i] ou [ɪ].

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
Alta		i (ɪ)			ɯ	
média-alta		(e)			(o)	
média-baixa				ə		
Baixa				(a)		

Quadro 10: Vogais postônicas finais do português brasileiro (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p.86).

Cristófaro Silva (1999) aponta que, em posição postônica medial (ou não final), as vogais podem se realizar como [i,e,a,o,u]. Em algumas regiões, [e,o] podem variar com [ɛ,ɔ]. Nessa posição, as vogais [e,o] também podem elevar-se, passando a [ɪ,ʊ].

Teyssier (2004) afirma que o português brasileiro difere do europeu principalmente na pronúncia das vogais. Para o autor, exceto no extremo sul do Brasil, em posição átona final, os falantes realizam [i] onde há um *e* gráfico e [u] onde há um *o* gráfico. Já em posição pretônica, o português brasileiro conservou o timbre fechado de /e/ e /o/, à exceção das regiões Norte e Nordeste, onde as vogais médias pretônicas são pronunciadas de modo mais aberto ([ɛ,ɔ]). No Brasil, os clíticos em *-e* são pronunciados com [i], e a harmonização vocálica é corrente em alguns casos (como *menino*>*minino* e *coruja*>*curuja*), bem como a elevação da vogal /e/ em posição inicial absoluta seguida de coda /N/ (*entrar*, *então*) ou da sequência *-st* (*estar*, *estado*). O sistema fonológico das vogais do português brasileiro elaborado por Teyssier (2004) aproxima-se das propostas de Câmara Jr (2000 [1970]) e Cristófaro Silva (1999).

Em Portugal, porém, a pronúncia das vogais médias tomou rumo diverso. Segundo Teyssier (2004), há registros da primeira metade do século XVIII de que as vogais /e,o/ finais seriam pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u]. Entretanto, o português europeu, enquanto manteve a pronúncia [u] para o o gráfico final, posteriormente transformou o [i] átono final em uma vogal central fechada, transcrita pelo autor como [ë]. Para Teyssier (2004), [ë] é semelhante à vogal átona das palavras inglesas *merry* e *finish* e, na pronúncia portuguesa, é tão breve que chega a ser praticamente inaudível.

A vogal [ɛ̃] não teria vindo diretamente de [e], mas sim de [i]. A transformação da vogal /e/ final poderia, portanto, ser assim representada: [e] > [i] > [ɛ̃]. De acordo com Teyssier (2004), a realização [ɛ̃] foi ignorada no português brasileiro.

Quanto às vogais médias pretônicas, o autor destaca que, assim como no português brasileiro, na variedade europeia há, desde muito cedo, a tendência a elevar a vogal /e/ em início absoluto de palavra, nas sequências *en-* e *est-*. Em Portugal, /e/ e /o/ pretônicos passaram a [ɛ̃] e [u]. Enquanto a transformação de /o/ pretônico para [u] deve ter ocorrido por volta do final do século XVII, a passagem de /e/ pretônico para [ɛ̃] ocorreu no século XVIII. Não se sabe se, no caso da transformação do /e/ pretônico, houve um [i] intermediário. Vale destacar que, no português europeu, segundo Mira Mateus (1975), não há harmonização vocálica, uma vez que a vogal grafada como *e* passa a [ɛ̃] em todos os contextos.

Teyssier (2004) sistematiza da seguinte forma as vogais orais do português europeu:

Posição tônica		Posição pretônica		Posição átona final
/i/	/u/	/i/	/u/	/u/
/e/	/o/	/ɛ̃/	/o/	/ɛ̃/
	/ə/	/ə/		/ə/
/ɛ/	/ɔ/	/ɛ/	/ɔ/	
	/a/	/a/		

Quadro 11: Sistema das vogais orais do português europeu (adaptado de TEYSSIER, 2004).

Nota-se, pois, que os sistemas vocálicos do português europeu e do português brasileiro evoluíram diferentemente. A pronúncia das vogais na RCI, porém, parece não seguir nenhum desses sistemas, português ou europeu. Há, na região, um outro sistema vocálico, manifesto na fala de ítalo-descendentes, bilíngues ou não. A seção a seguir, que traz a revisão de alguns estudos realizados em diversas regiões brasileiras acerca da elevação das vogais médias, permitirá concluir que a pronúncia das vogais médias na RCI se dá de forma diferente, relativamente a outras regiões brasileiras.

4.2 A variação do /e/ átono

Os estudos que analisam a variação da vogal média anterior (/e/) átona consideram normalmente apenas uma posição da vogal com relação à sílaba tônica. Sendo assim, há estudos de elevação (ou abaixamento, em alguns casos) do /e/ em posição pretônica ou postônica (final ou não final) ou em clíticos. Desse modo, os trabalhos revisados nesta seção serão separados de acordo com a posição ocupada, na palavra, pela vogal passível de elevação.

É preciso destacar que o presente estudo leva em conta a vogal /e/ em todas as posições e, por esse motivo, controla a variável *Posição da vogal média na palavra*. Embora a literatura trate os processos de elevação separadamente, por serem condicionados por variáveis distintas, este trabalho é uma tentativa de verificar se, em Flores da Cunha e, por extensão, na RCI, o fenômeno analisado pode ser percebido como um conjunto de regras de elevação ou como apenas uma regra condicionada pela posição da vogal na palavra.

Devido ao controle da variável *Posição da vogal média na palavra*, optou-se por investigar apenas a vogal /e/, e não /e/ e /o/. Se as duas vogais fossem estudadas, o número de dados aumentaria significativamente, o que comprometeria o prazo de realização desta pesquisa. Pode-se pensar, porém, que /e/ e /o/, quando não elevados, são marcas do falar local. Esperar-se-ia, portanto, que, especialmente no que se refere à interpretação dos resultados, dificilmente o que se aplica a /e/ não se aplicaria a /o/. Este estudo, além disso, interage com uma pesquisa sobre palatalização que atualmente está em andamento, e os resultados aqui obtidos serão importantes para esse outro trabalho.

4.2.1 Elevação em pauta pretônica

A maioria dos estudos sobre a elevação das vogais médias átonas concentra-se naquelas localizadas em posição pretônica. Bisol (1981) investigou esse fenômeno na fala de 32 informantes gaúchos: 8 monolíngues de Porto Alegre (metropolitanos), 8 bilíngues português-alemão de Taquara, 8 bilíngues português-italiano da comunidade de Monte Bérico

(município de Veranópolis) e 8 monolíngues de Santana do Livramento (fronteiriços). Uma amostra suplementar, formada por 12 informantes metropolitanos com ensino superior, também foi utilizada.

A autora desconsiderou os contextos em que /e/ e /o/ estivessem em posição inicial absoluta (ou seja, sem contexto precedente), uma vez que, especialmente no caso de /e/, a elevação parece ser categórica quando na coda silábica encontra-se /N/ ou /S/ (caso de palavras como *escola* e *ensino*), contextos de hiato (como *teatro* e *poeta*) e palavras com prefixo (como *reconhecer* e *cooperar*). As variáveis linguísticas controladas foram *Nasalidade*, *Tonicidade* (da vogal seguinte e contiguidade da tônica com relação à vogal elevável), *Distância da vogal em relação à tônica*, *Paradigma*, *Atonicidade* (permanente ou não), *Sufixação*, *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte*. *Etnia*, *Sexo*, *Situação* (teste *versus* fala livre) e *Idade* foram as variáveis extralinguísticas.

Ao todo, foram 15.496 os contextos, sendo que 8.107 para /e/. A aplicação, na fala popular, foi de 22% para /e/ e 32% para /o/. Na fala culta (amostra suplementar), /e/ elevou-se em 21% dos casos, enquanto que o índice de /o/ foi de 22%. Na análise, o fator *nasalidade* mostrou-se favorável à elevação de /e/, mas não à de /o/, bem como o fato de haver vogal tônica homorgânica, vogais altas contíguas e sequência de vogais altas. Palavras de base variável, atonicidade permanente (da sílaba em que está a vogal elevável), sufixos verbais e ausência de sufixo favorecem a aplicação da regra. A elevação de /e/ é favorecida por consoante velar precedente e seguinte e por consoante palatal seguinte, mas é inibida por consoante alveolar precedente e seguinte e por labial precedente e seguinte. A elevação de /o/ é favorecida por consoante labial precedente e seguinte, velar precedente e palatal seguinte, mas é inibida por alveolar precedente e seguinte e por palatal precedente.

No estudo de Bisol (1981), a variável *Sexo* apresentou índices neutros, exceto na fala culta e na fala de fronteiriços, em que o fator *mulher* se mostrou favorecedor. Situações de fala livre favoreceram a elevação de /e/. Quanto à variável *Idade*, os resultados obtidos indicam que a regra é desfavorecida pelos mais jovens, o que permitiria afirmar que a elevação de /e, o/ pretônicos possa estar em vias de um processo de regressão. Os italianos (informantes de Monte Bérico) tiveram percentual de elevação de 24% para /e/ e 33% para /o/, ficando atrás apenas dos metropolitanos.

Bisol (1981, p.118) afirma que “os bilíngues italianos, por estarem familiarizados com a presença de uma vogal alta na pauta pretônica, estão mais motivados a usar a regra de

harmonização vocálica⁶ do que os alemães e os fronteiriços.” Segundo a autora, na evolução do latim para o português, a vogal média anterior manteve-se como /e/ em posição pretônica, enquanto que no italiano, em muitos casos, ela passou a ser uma alta anterior (latim: *caepulla*, italiano: *cipolla*, português: *cebola*). Além disso, nos dialetos do Norte da Itália existe uma regra de harmonização vocálica que converte em alta as vogais /e, o/ quando na sílaba seguinte há vogal /i/ (BISOL, 1981). Na análise acústica da fala dos italianos, os sons vocálicos mostraram-se periféricos, e houve poucos sons intermediários. Ou seja, as ocorrências localizaram-se majoritariamente em torno dos formantes de /e/, /i/, /o/ e /u/, ficando raras vezes em posição intermediária entre esses sons.

Battisti (1993), ao investigar a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial na fala do Rio Grande do Sul, levou em conta os contextos que haviam sido excluídos por Bisol (1981). Foram selecionados 35 informantes, de acordo com os critérios adotados por Bisol (1981): 7 metropolitanos, 7 italianos (de Monte Bérico), 7 alemães (de Taquara), 7 fronteiriços (de Santana do Livramento) e 7 metropolitanos com ensino superior (amostra suplementar). As variáveis linguísticas controladas foram *Prefixação*, *Tipos de sílaba*, *Distância da sílaba tônica*, *Vogal da sílaba seguinte*, *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte*. As variáveis extralinguísticas consideradas foram *Sexo* e *Etnia*, embora a última tenha sido posteriormente excluída devido a um problema referente à elaboração das células no programa computacional utilizado para a análise estatística. Os dados de cada etnia, assim, foram rodados separadamente.

Na análise da fala dos italianos, as variáveis *Contexto fonológico precedente*, *Contexto fonológico seguinte*, *Vogal da sílaba seguinte*, *Tipos de sílaba* e *Sexo* foram consideradas relevantes para a elevação de /e/. Para /o/, foram selecionadas as mesmas variáveis, ainda que com ordenamento distinto, e além destas foi acrescentada *Distância da sílaba tônica*. Na fala desse grupo étnico, a elevação de /e/ chegou a 40% e a de /o/ a 23%. Na fala de todas as etnias, /e/ elevou-se mais do que /o/, e a autora atribui esse fenômeno ao fato de a vogal anterior possuir mais condicionadores do que a posterior.

Condicionam favoravelmente a elevação de /o/: consoantes palatal e labial seguintes, sílaba pesada (CVC), consoantes dorsal (velar) e labial precedentes, sílaba contígua à tônica e vogal alta na sílaba seguinte. Já a elevação de /e/ é favorecida pela ausência de *onset* silábico

⁶ Harmonização vocálica pode ser definida como o processo de elevação das vogais médias átonas “por influência de uma vogal alta em sílaba subsequente (pepino~pipino, sobrinho~subrinho)” (SCHWINDT, 2002, p.161).

(isto é, ausência de consoante antes da vogal passível de elevação), por consoantes dorsal e palatal precedentes, consoantes palatal, sibilante e nasal seguintes, vogal alta na sílaba seguinte, sílaba pesada e contextos com prefixo. O alto percentual de elevação da vogal anterior em prefixos pode dever-se ao fato de o prefixo *des-* ser predominante nos dados obtidos.

Battisti (1993) considera que a elevação da vogal /e/ seguida de /S/ ou /N/ e sem contexto precedente, devido a seus altos índices, é uma regra em vias de tornar-se categórica. Esse fenômeno tem raízes históricas, já que na evolução do português o prefixo *in-* passou a *en-* em uma série de casos (como *ĩntrare*>*entrar*) e palavras com /S/ impuro, oriundas do latim, eram pronunciadas como se antes da sibilante houvesse um /i/. Em português arcaico, a alternância na escrita de palavras com essas características era comum, e mesmo hoje muitas pessoas podem se confundir na hora de grafá-las.

Schwindt (2002) investigou a harmonização vocálica no Rio Grande do Sul, tendo como base os dados do banco VARSUL⁷ e utilizando-se de contextos retirados da fala de 64 informantes divididos igualmente entre Porto Alegre (zona metropolitana), São Borja (zona fronteira), Panambi (zona de colonização alemã) e Flores da Cunha (zona de colonização italiana). Foram considerados somente os contextos em que havia vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica elevável.

O autor observou que a regra apresentou aumento na fala gaúcha nas duas décadas anteriores ao estudo, o que permite afirmar que ela não está estagnada. No entanto, não se pode ainda falar em mudança linguística, uma vez que, aparentemente, além de ter frequência de aplicação reduzida (inferior a 50% tanto para /e/ quanto para /o/, em todos os municípios analisados), nenhum fator social parece motivar a variação. O fenômeno, portanto, pode ser classificado como estável.

Em Flores da Cunha, a frequência de harmonização vocálica para /e/ foi de 40%, ao passo que em Porto Alegre foi de 38%, em São Borja foi de 35% e em Panambi foi de 33%. Para a vogal /o/, Flores da Cunha apresentou frequência de 48%, enquanto Porto Alegre apresentou 39%, São Borja 41% e Panambi 38%. Entretanto, o peso relativo atribuído a esses

⁷ Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do País, do qual participam as universidades federais dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre.

municípios ficou, na análise quantitativa, em torno do ponto neutro, exceto para a vogal /o/, para a qual Flores da Cunha teve papel condicionador.

Como as demais variáveis sociais controladas não se mostraram de muita relevância para o estudo, Schwindt (2002) considera que são fatores linguísticos os principais condicionadores da harmonização vocálica. Além da presença de vogal alta em sílaba seguinte, condicionaram favoravelmente a contiguidade da vogal alta (sua presença em sílaba imediatamente depois da sílaba da vogal-alvo), a não nasalidade da vogal alvo, consoantes labiais e velares e pausa no contexto fonológico precedente, consoantes velares e alveolares sibilantes (somente para /e/) no contexto fonológico seguinte, e o fato de a vogal alta encontrar-se em sílaba tônica e em raiz ou sufixo verbal.

Casagrande (2003), inspirada no estudo de Bisol (1981), realizou análise da harmonização vocálica em tempo real, com dados de Porto Alegre. Para que o pesquisador desenvolva uma análise em tempo real, a qual pode indicar tendências de mudança linguística, ele deve retornar à comunidade após um certo período de tempo e recontatar os informantes que haviam participado do estudo anterior. Esse tipo de estudo chama-se *estudo de painel*. Quando não há possibilidade de entrevistar os mesmos informantes, o investigador pode optar por constituir uma nova amostra, semelhante àquela utilizada na pesquisa anterior. A essa espécie de análise dá-se o nome de *estudo de tendência* (LABOV, 1994). Os resultados obtidos em estudos desse gênero permitem ao pesquisador afirmar que determinada regra manteve-se estável, progrediu ou regrediu na fala da comunidade.

Em sua análise, Casagrande (2003) realizou um estudo de painel e um estudo de tendência. Para o primeiro, aproveitou-se de entrevistas de recontato com seis informantes (3 homens e 3 mulheres), os quais haviam tido sua fala gravada pela primeira vez na década de 1970, pelo Projeto NURC (Norma Urbana Culta). Esses seis informantes são de Porto Alegre, possuem ensino superior e, no estudo de Bisol (1981), haviam feito parte de sua amostra suplementar. As entrevistas de recontato foram gravadas entre 1998 e 2000. Para o estudo de tendência, a autora utilizou uma amostra mais representativa, composta de 12 entrevistas (6 homens e 6 mulheres) de informantes cujo perfil também corresponde ao dos indivíduos da amostra suplementar de Bisol (1981). A amostra do estudo de tendência pertence ao banco de dados VARSUL e foi realizada na década de 1990.

As variáveis linguísticas controladas nesse estudo assemelharam-se às estabelecidas por Bisol (1981), com a diferença de que, na análise de Casagrande (2003), a variável

Tonicidade desmembrou-se em três grupos diferentes: *Contiguidade (qualidade da vogal contígua)*, *Tonicidade da vogal (da sílaba seguinte)* e *Contiguidade e tonicidade*. As variáveis extralinguísticas controladas foram *Gênero*, *Idade* e *Informante* (somente para o estudo de painel). Foram 2.933 contextos de /e/ e 2.605 de /o/, totalizando 5.538 dados.

No estudo de painel, nenhum dos informantes apresentou uma rígida estabilidade de uma época para outra. Os percentuais de aplicação, para as duas vogais e entre todos os informantes, chegaram a oscilar entre 5% e 24%, e apenas os mais velhos pareceram ter passado a aplicar mais a regra. De modo geral, pode-se dizer que houve progressão da regra na faixa etária mais avançada (70 anos), tanto para /e/ como para /o/, regressão na faixa etária intermediária (60 anos), para as duas vogais, e, na faixa etária mais jovem (50 anos), houve regressão de /o/ e estabilidade de /e/.

No estudo de tendência, o percentual de aplicação da regra na década de 1990 foi de 15% para /e/ e 14% para /o/. Na década de 1970, a elevação de /e/ havia chegado a 21%, enquanto que a de /o/ foi de 22%. Os resultados mais recentes apontam para redução do alçamento de /e/ na fala das faixas etárias mais jovens, o que permite inferir que a regra esteja em processo de regressão. No caso de /o/, foram os falantes das faixas intermediárias (de 36 a 55 anos), na amostra da década de 1990, os que menos elevaram a vogal. Nas duas décadas constatou-se que as mulheres aplicam mais a regra.

Favorecem a elevação de /o/: consoantes labial, velar e palatal precedentes, consoantes palatal e labial seguintes, vogal-alvo oral e átona permanente, palavras com sufixo verbal ou sem sufixo e vocábulos com base variável. Condicionam favoravelmente a elevação de /e/: tônica alta adjacente, átona alta adjacente, consoantes velares seguintes, vogal-alvo átona permanente ou átona casual, vogal-alvo nasal e vocábulos cuja base é variável. Os resultados de Casagrande (2003), no geral, mostram-se condizentes com aqueles obtidos por Bisol (1981).

Klunck (2007) investigou o alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente na fala de 24 informantes (13 homens e 11 mulheres) de Porto Alegre. Para isso, desconsiderou contextos com vogal alta em sílaba subsequente, /eN/, /eS/ e prefixo *des-* iniciais e vogais em sequências formando ditongo ou hiato. Os grupos de fatores linguísticos controlados foram *Distância da tônica*, *Tipo de sílaba*, *Altura da vogal da sílaba precedente*, *Altura da vogal da sílaba seguinte*, *Posição da pretônica em questão*, *Contexto fonológico*

precedente, Contexto fonológico seguinte e Nasalidade. Entre as variáveis extralinguísticas observadas estão *Gênero, Faixa etária e Grau de escolaridade*.

Ao todo, foram 4.208 os dados levantados, sendo 2.229 para /e/ e 1.979 para /o/. A regra teve percentual de aplicação de 4% para /e/ e 12% para /o/. Segundo a autora, embora algumas variáveis tenham sido consideradas estatisticamente relevantes pelo programa computacional utilizado e que alguns fatores tenham se mostrado favoráveis à aplicação da regra, a análise dos dados revelou que a elevação ocorria principalmente em certos grupos de palavras, o que influenciou os resultados obtidos e comprometeu a regularidade do estudo.

Klunck (2007) observa que são poucos os contextos em que ocorre elevação da pretônica sem que haja vogal alta subsequente (harmonização vocálica). A elevação das médias nesse contexto parece estar restrita a alguns grupos de palavras (como *conhecer, conhecido, conhecia, conheceu, governo, governador, governado e senhor, senhora, senhoria*) e é mais comum com /o/ do que com /e/. A elevação, nesses grupos de palavras, parece envolver todo o paradigma lexical e, por esse motivo, caracteriza-se como um caso de difusão lexical⁸.

O alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente também foi investigado na fala de 24 informantes de Curitiba, por Marchi e Stein (2007), com dados do banco VARSUL. As variáveis controladas foram *Distância da sílaba tônica, Tipo de sílaba, Altura da vogal precedente, Altura da vogal seguinte, Posição da pretônica em estudo, Consoante precedente, Consoante seguinte, Nasalidade* (linguísticas), e *Gênero, Faixa etária, Escolaridade* (extralinguísticas).

Houve 5.394 ocorrências para /e/, das quais 7% com alçamento, e 4.377 para /o/, das quais 19% com alçamento. Alguns fatores que favorecem a aplicação da regra são sílaba leve e vogal nasal (para /e/ e /o/), sílaba não inicial, coronal precedente, palatal seguinte, idade de 40 a 55 anos e ensino secundário (para /e/), vogal baixa na sílaba anterior, dorsal precedente, labial seguinte, gênero masculino e idade de 25 a 55 anos (para /o/). Para as autoras, a elevação frequente da média pretônica sem motivação aparente em certos grupos de palavras pode ser um indício de que o fenômeno se trata de um processo de difusão lexical. No

⁸ Para os difusionistas, uma mudança sonora é implementada de modo foneticamente abrupto e lexicalmente gradual, ou seja, quando uma mudança ocorre, ela vai atingindo gradualmente certos grupos de palavras, até completar-se. Uma visão oposta a essa é a neogramática, segundo a qual uma mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta, isto é, quando uma mudança ocorre, ela afeta todos os itens lexicais que possuem contexto favorecedor (Labov, 1994).

entanto, Marchi e Stein (2007) não realizaram um controle dos itens lexicais presentes na amostra analisada.

Bisol (2009) retoma os estudos de Klunck (2007) e Marchi e Stein (2007) a fim de verificar se o alçamento das médias pretônicas sem motivação aparente pode ser considerado um processo neogramático ou difusionista. Segundo a autora, a harmonização vocálica tem status de regra variável e é estável no sistema da língua. Já a redução sem condicionador fonético é um processo incipiente e apresenta escassos índices de expansão. Como os resultados das análises de Klunck (2007) e Marchi e Stein (2007) não são convergentes, isto é, indicam como favorecedores à aplicação da regra fatores diferentes, Bisol (2009, p.86) sugere que a elevação da pretônica sem motivação aparente seja “um processo difusionista que privilegia certas partes do léxico ou certas variedades de fala para expandir-se gradualmente, independentemente de uma específica motivação sonora.”

Os estudos sobre o comportamento das vogais médias pretônicas não se restringiram apenas a dados do português falado no Sul do Brasil. Tenani e Silveira (2008) investigaram o alçamento das vogais médias pretônicas na fala de 16 informantes da região de São José do Rio Preto, no noroeste do estado de São Paulo. Os informantes, todos do gênero feminino, com idades de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 anos e acima de 55 anos, fazem parte do banco de dados Iboruna, o qual é composto de entrevistas sociolinguísticas realizadas em São José do Rio Preto e em outros seis municípios da região.

As autoras obtiveram 13% de alçamento para /e/ (297 ocorrências em um total de 2246 contextos) e 14% para /o/ (228 ocorrências em um total de 1590 contextos). A única variável social controlada foi idade, visto que todos os informantes selecionados são mulheres com nível superior completo ou em andamento; entretanto, os resultados mostraram-se insatisfatórios, uma vez que as frequências e os pesos relativos atribuídos às quatro faixas etárias analisadas não apontaram para nenhum padrão específico.

Na análise, Tenani e Silveira (2008) desconsideraram formas verbais e contextos em que a vogal pretônica aparecia em início absoluto de palavra, em hiato e em prefixo. As autoras supõem que a elevação do /e/ é categórica quando a vogal encontra-se em início de palavra, seguida por /S/ ou /N/ e sem contexto precedente, caso de *escola* e *empresa*, por exemplo. Os grupos de fatores levados em conta nesse estudo foram *Vogal da sílaba tônica*, *Distância da sílaba tônica*, *Vogal átona seguinte* (na análise desta variável foram excluídos os itens que não apresentavam vogal átona entre a pretônica elevável e a tônica da palavra, como

revista e cozinha), *Consoantes adjacentes* (ou seja, *Contexto fonológico precedente e Contexto fonológico seguinte*), *Tipo de sílaba*, *Nasalidade e Tonicidade da pretônica*.

Os fatores favorecedores à elevação de /e/ são: vogal alta anterior na sílaba tônica (como em *medida*), distância de uma sílaba entre a vogal pretônica candidata ao alçamento e a sílaba tônica (como em *perigo*), vogal alta anterior na sílaba átona entre a vogal média elevável e a tônica da palavra (como em *cemitério*), consoante labial no contexto precedente, consoante velar no contexto seguinte, sílaba aberta (CV), presença de consoante nasal na mesma sílaba e o fato de a vogal pretônica ser permanentemente átona (como em *menino* > *meninice*).

As autoras afirmam que, para a elevação das médias pretônicas, o fenômeno da harmonização vocálica parece ter papel importante, embora seja a redução o processo de maior influência para a aplicação da regra. Tenani e Silveira (2008) defendem que a redução explicaria os casos de alçamento da pretônica sem contexto para harmonização (*p[i]queno*), o bloqueio do alçamento com contexto para harmonização (*b[e]liche*) e mesmo o alçamento com contexto para harmonização (*s[i]guinte*).

Graebin (2008) investigou a realização das médias pretônicas /e, o/ na fala de 14 informantes de Formosa, cidade goiana localizada a cerca de 70km de Brasília. De acordo com o atlas linguístico elaborado por Nascentes (apud GRAEBIN, 2008), pode-se enquadrar a fala de Formosa dentro do subfalar baiano, dialeto que se estende da Bahia ao norte de Minas Gerais. Na localidade estudada, as vogais /e, o/ podem ser realizadas de três formas distintas: como médias fechadas ([e, o]), como médias abertas ([ɛ, ɔ]) e como altas ([i, u]).

As variáveis linguísticas controladas foram *Vogal da sílaba seguinte*, *Segmento fonológico precedente*, *Segmento fonológico seguinte*, *Distanciamento da tônica* e *Acento secundário*, enquanto que as variáveis extralinguísticas consideradas foram *Sexo*, *Escolaridade*, *Classe socioeconômica*, *Contato com Brasília* e *Nível de formalidade do discurso*. Entre as variáveis linguísticas também foi considerado o grupo *Zona de articulação da variável dependente*, utilizado como grupo de controle na pesquisa. O grupo *Idade* não foi elencado entre as variáveis sociais, uma vez que todos os informantes tinham entre 30 e 45 anos. A pesquisa, além disso, realizou um controle lexical a fim de verificar palavras com aplicação categórica de elevação ou abaixamento e a fim de obter dados para uma discussão mais detalhada sobre o fato de a regra ser de caráter neogramático ou difusionista.

Foram 3.683 os contextos de /e/ e 2.863 os contextos de /o/. A elevação de /e/ ocorreu em 26,4% dos casos, e o abaixamento em 12,1% das ocorrências. Para /o/, a elevação foi de 23,2%, enquanto que o abaixamento foi de 14,7%. Ao se excluírem da análise os contextos categóricos e quase categóricos (vogal /e/ em posição inicial absoluta, seguida por coda em /S/ ou /N/, por exemplo), o percentual de elevação de /e/ ficou em 13,1% e o de /o/ em 12,9%.

Segundo a autora, para a elevação de /e/ contribuem os fatores vogal alta na sílaba seguinte (em especial alta homorgânica), consoantes velares, palatais e fricativas alveolares precedentes, coda em /N/ ou /S/ e hiato no segmento seguinte, distância de duas ou mais sílabas com relação à tônica, discurso informal (fator *diálogo*, em oposição ao fator *leitura*), menos do que 11 anos de estudo, gênero feminino e contato não-diário com Brasília. A variável *Classe socioeconômica* não foi considerada relevante no estudo da elevação de /e/.

Graebin (2008) afirma que a elevação é um processo de mudança já acabado para muitos itens lexicais e, portanto, encontraria explicação no modelo difusionista. No entanto, a variação das vogais pretônicas /e, o/ é motivada também por fatores fonéticos. Por esse motivo, a autora defende que o *modelo dos exemplares*, proposto por Bybee (apud GRAEBIN, 2008), oferece uma explicação mais ampla para o fenômeno. Segundo esse modelo, uma mudança sonora é gradual tanto no nível fonético quanto no nível lexical.

No presente estudo, espera-se que alguns dos fatores que favoreceram a elevação das vogais médias em outras localidades (e em Flores da Cunha) repitam seu papel condicionador. Deve-se ressaltar, porém, que nem sempre os fatores que condicionam a elevação das vogais pretônicas favorecem a elevação das postônicas. Na seção a seguir, são revisados alguns estudos a respeito do alçamento das vogais postônicas finais e não finais.

4.2.2 Elevação em pauta postônica

Os estudos sobre o comportamento variável das vogais postônicas no PB foram realizados em menor número do que aqueles sobre as pretônicas. Isso se deve ao fato de, na maioria dos dialetos brasileiros, não haver variação em pauta postônica (CÂMARA Jr., 2000 [1970]; CRISTÓFARO SILVA, 1999). No Sul do País, porém, as vogais médias apresentam

variação quando em posição postônica final e não final, e algumas pesquisas acerca desse fenômeno já foram realizadas.

Roveda (1998) analisou a realização das vogais médias em posição átona final. Para isso, utilizou dados de fala de 48 informantes do Projeto VARSUL, divididos igualmente entre Porto Alegre, Florianópolis (falantes monolíngues), Flores da Cunha e Chapecó (SC) (falantes bilíngues português-italiano). A frequência de elevação da vogal /e/ final foi de 100% em Florianópolis, 99% em Porto Alegre, 71% em Chapecó e 64% em Flores da Cunha. Quanto à elevação de /o/, a frequência apresentada foi de 100% em Florianópolis e Porto Alegre, 80% em Flores da Cunha e 74% em Chapecó. Percebe-se, portanto, que são falantes bilíngues português-italiano os que menos alçam a vogal átona final.

Para a autora, quanto aos grupos de fatores linguísticos controlados, o tipo de sílaba é variável relevante para o estudo. A presença de fricativas e nasais na coda silábica condiciona favoravelmente a aplicação da regra, enquanto que consoantes líquidas (/r/ e /l/) desfavorecem a elevação. Em contexto precedente, são favoráveis, para a elevação de /e/, as consoantes palatais e dorsais, ao passo que, para a elevação de /o/, são favoráveis as consoantes palatais e labiais. Segmentos com juntura (como *noite escura* e *menino esperto*) também são favoráveis à aplicação da regra, tanto para /e/ como para /o/.

Com relação às variáveis extralinguísticas, Roveda (1998) afirma que escolaridade não é um grupo de fatores relevante para a análise. O grupo étnico, relacionado ao local de residência e à origem dos informantes, é a variável social de maior relevância para o estudo. Quanto ao gênero, a autora verificou que as mulheres possuem papel de preservadoras da vogais médias em Flores da Cunha e Chapecó. Quanto à faixa etária, falantes mais jovens condicionam favoravelmente a aplicação da regra, o que, para Roveda (1998), mostra que o fenômeno linguístico analisado é mudança em progresso.

A neutralização das vogais postônicas finais foi investigada por Carniato (2000), com base em dados de fala de 12 informantes de Santa Vitória do Palmar, município gaúcho situado próximo à fronteira com o Uruguai. As variáveis linguísticas consideradas neste estudo foram *Contexto vocálico precedente*, *Segmento precedente*, *Segmento seguinte*, *Tipo de sílaba*, *Classe gramatical* e *Estrutura da sílaba*. As variáveis extralinguísticas controladas foram *Faixa etária* e *Escolaridade*.

Ao todo, foram obtidos 1.557 dados para as duas vogais. A aplicação da regra mostrou ser favorecida por consoante estridente coronal (/s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ/, para /e/ e /o/) precedente, por vogal /i/ ou consoante nasal no segmento seguinte e por informantes mais jovens. A autora afirma que o fato de os falantes mais jovens (entre 13 e 18 anos) elevarem mais a vogal átona final pode se dever ao fato de que esses indivíduos têm mais contato com outras cidades brasileiras, ao contrário dos falantes mais velhos do município, que, por causa da não existência, até pouco tempo, de rodovias que ligassem a localidade a outras partes do Rio Grande do Sul, acabavam deslocando-se com muita frequência ao Uruguai. Os informantes mais velhos, assim, por influência da língua espanhola, tendem a neutralizar menos as postônicas finais.

A fim de analisar a realização das vogais médias em posição átona final e postônica não final na fala da região Sul do Brasil, Vieira (2002) utilizou dados de fala de oito informantes de cada um dos municípios contemplados pelo Projeto VARSUL: Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages, em Santa Catarina; e Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati, no Paraná, totalizando 96 entrevistados.

O município de residência não foi considerado como variável relevante no estudo do /e/ postônico não final; entretanto, para a vogal média /o/, nessa posição, essa variável foi selecionada. O fator *Rio Grande do Sul* foi considerado favorecedor à elevação de /e/; Flores da Cunha, porém, mostra-se desfavorecedora à aplicação da regra. A frequência de aplicação da elevação de /e/ postônico não final foi de 79% em todo o Rio Grande do Sul; em Flores da Cunha, foi de apenas 58%, ao passo que em Porto Alegre a frequência foi 98%, em São Borja 72% e em Panambi 76%.

A elevação das vogais médias átonas, nessa posição, para Vieira (2002), é favorecida por consoante labial (para /o/) e pelas fricativas /s, z/ (para /e/) em contexto precedente, ao passo que é desfavorecida por segmentos coronais no mesmo contexto. O fato de a palavra apresentar uma vogal alta favorece a elevação das vogais médias postônicas não finais.

Vieira (2002) afirma que, em posição átona final, no Sul do País, as vogais médias átonas nem sempre se manifestam como altas, sendo comum, portanto, a alternância entre realizações como med[o]~med[u] e nom[e]~nom[i]. Utilizando-se dos mesmos informantes selecionados para o estudo da elevação das vogais médias postônicas não finais, a autora

constatou que, para a vogal /o/ final, o município de residência não é variável relevante. Entretanto, para /e/, esse grupo de fatores apresenta importância. No Rio Grande do Sul, Porto Alegre obteve frequência de aplicação de 81%, enquanto Flores da Cunha obteve 18% e mostrou-se fator desfavorecedor à aplicação da regra. Os demais municípios, Panambi e São Borja, obtiveram, respectivamente, frequências de 23% e 40%.

Para a elevação das vogais médias átonas finais, verificou-se que o tipo de sílaba é uma variável relevante. Sílabas fechadas por soante apresentam tendência à preservação das vogais médias, enquanto que sílabas fechadas por fricativa /s/ mostram-se favoráveis à elevação (VIEIRA, 2002). O fato de a palavra possuir vogal alta também contribui para a elevação das médias finais (em especial para /e/).

A autora observou a tendência apresentada pelos falantes do Rio Grande do Sul de elevar ambas as vogais. Os falantes de Santa Catarina, entretanto, possuem tendência neutra, pois elevam e preservam as vogais médias átonas praticamente com mesma frequência. Entre os informantes dos três estados analisados, são os do Paraná aqueles que tendem a preservar essas vogais com mais frequência. Vieira (2002), além disso, constatou uma grande variação de realização dentro do Rio Grande do Sul. Como já foi mencionado, os resultados de Porto Alegre e Flores da Cunha, por exemplo, apresentaram números bastante divergentes entre si.

A elevação das vogais médias postônicas finais e não finais foi analisada por Vieira (2009), com dados do banco VARSUL, na fala de 16 informantes de cada uma das capitais estaduais da Região Sul do Brasil (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba). Embora as postônicas finais e não finais tenham sido analisadas separadamente, os grupos de fatores controlados foram praticamente os mesmos: *Contexto precedente*, *Contexto seguinte* (só para postônica não final), *Contexto vocálico*, *Localização da postônica na palavra*, *Tipo de sílaba* (só para postônica final), *Gênero*, *Escolaridade*, *Idade* e *Localização geográfica*. Para /e/, foram 5.962 contextos em posição final e 136 em posição não final; para /o/, foram 7.622 contextos em posição final e 144 em posição não final.

Para a elevação de /e/ final, favorecem os fatores sílaba com coda /S/, presença de vogal alta na palavra e contexto precedente diferente de consoante coronal oclusiva. O percentual de elevação da vogal nessa posição foi de 79%. O alçamento de /o/ final, com aplicação de 90%, é favorecido por presença de vogal alta na palavra, contexto precedente diferente de coronal oclusiva ou dorsal. A elevação de /e/ não final, com frequência de 44%, é condicionada por consoante fricativa precedente, enquanto que a elevação de /o/ não final,

com aplicação de 69%, é favorecida por consoante labial precedente e presença de vogal alta na palavra. Os fatores *Porto Alegre* e *Florianópolis* foram favorecedores à elevação de /e/ em posição final e não final e à elevação de /o/ em posição final.

Silva (2009) investigou o alçamento das vogais médias postônicas finais e não finais na fala de 14 informantes de Rincão Vermelho, distrito rural pertencente ao município de Roque Gonzales, localizado na região noroeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina. As variáveis linguísticas controladas no estudo foram *Tipo de postônica*, *Tipo de vogal* (na rodada com postônicas não finais, em que /e/ e /o/ foram analisados conjuntamente), *Contexto vocálico da tônica*, *Contexto precedente*, *Tipo de sílaba*, *Contexto seguinte*, *Localização da postônica*, *Classe gramatical* e *Tipo de item lexical*. As variáveis sociais analisadas foram *Sexo*, *Idade*, *Escolaridade*, *Tipo de contato com centros urbanos* e *Tipo de entrevista*. A pouca ocorrência de proparoxítonos nas entrevistas sociolinguísticas fez com que um instrumento complementar fosse elaborado; o último grupo de fatores sociais, portanto, somente fez parte da rodada realizada com contextos de elevação em posição postônica não final.

A elevação de /o/ em posição final ocorreu teve aplicação de 55%. Ao todo, foram 5.951 os contextos analisados. A regra é favorecida por palavra com vogal tônica alta, consoante coronal [+anterior] precedente, sílaba com coda /S/ ou /l/, vogal no contexto seguinte, postônica localizada no sufixo da palavra, adjetivos e informantes com escolaridade média ou superior. Para o alçamento de /o/, os homens mostram-se levemente favorecedores. Já a elevação de /e/ final ocorreu em 16,7% dos 3.883 contextos e foi condicionada favoravelmente por consoante coronal [-anterior], dorsal ou labial no contexto precedente, palavra com vogal tônica alta, sílaba com coda em /S/, vogal no contexto seguinte, numerais, advérbios e verbos e informantes do sexo masculino, com ensino superior.

Silva (2009) analisou conjuntamente as vogais /e/ e /o/ em posição postônica não final, em virtude de o número de contextos obtidos não ter sido abundante. Nessa posição, a autora constatou que /e/ eleva-se em 28,7% dos casos, enquanto que /o/ tem esse comportamento com frequência de 72,6%. A vogal /o/, nesse caso, mostrou-se favorecedora à aplicação da regra. Outros fatores que condicionam favoravelmente o alçamento das vogais médias em proparoxítonos são consoante dorsal/coronal [-anterior] ou labial no contexto precedente, consoante dorsal seguinte, palavra com vogal tônica alta, postônica localizada no sufixo da palavra, entrevista de experiência pessoal e informantes do sexo masculino.

A autora afirma que os condicionadores linguísticos e sociais são mais influentes para a elevação das vogais finais do que para a das não finais. O comportamento das postônicas não finais, para Silva (2009), parece estar condicionado lexicalmente, uma vez que alguns vocábulos apresentam índices altos (ou mesmo completos) de elevação ou preservação da vogal média.

Em Flores da Cunha, é possível que não se obtenham dados suficientes para que o fator *postônica não final* seja analisado desassociado de outro fator. De qualquer modo, este trabalho parte do pressuposto de que a variação em posição postônica não final e final (e mesmo em posição pretônica) é condicionada por fatores linguísticos e sociais e que alguns desses fatores já foram apontados como favorecedores por pesquisas anteriores. Presume-se, ainda, que a regra não seja lexicalmente condicionada. A hipótese de que a variação se encaixe nos moldes da difusão lexical, embora não esteja de todo descartada, não será testada.

4.2.3 Elevação da vogal média átona em clíticos

O único estudo a que se teve acesso acerca da elevação das vogais médias em clíticos é de autoria de Brisolara (2008). Em sua pesquisa, a autora investigou a elevação das vogais /e/ e /o/ nos clíticos pronominais *me*, *te*, *se*, *lhe(s)*, *o(s)*, *nos* e *-lo(s)* no português falado em Santana do Livramento, município localizado na fronteira Brasil-Uruguaí, e em Porto Alegre. A amostra utilizada conta com 58 entrevistas sociolinguísticas, sendo que 22 são de Porto Alegre (gravadas em 1990) e 22 de Santana do Livramento (gravadas entre 2003 e 2005). Outras 14 são da localidade fronteiriça, obtidas em 1973. Segundo a autora, na variedade falada na região de Santana do Livramento, por influência do espanhol, é possível que as vogais médias presentes em clíticos não sofram elevação.

As variáveis controladas na pesquisa foram as linguísticas *Tipo de clítico*, *Vogal do clítico*, *Onset da sílaba seguinte*, *Vogal da sílaba da palavra seguinte*, *Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro*, *Tipo de junção*, *Posição do clítico*; e as extralinguísticas *Gênero*, *Faixa etária* e *Escolaridade*. Foram 1.648 ocorrências de clíticos pronominais na fala de metropolitanos, e a frequência de aplicação da regra na capital gaúcha foi 95%. Em Porto

Alegre, a elevação das vogais médias é favorecida pelos fatores *sem distância da sílaba tônica, vogal /o/ na sílaba da palavra seguinte e degeminação*.

Da amostra de 1973 de Santana do Livramento foram obtidos 841 contextos e frequência de elevação de 21%. Os fatores que favorecem a aplicação da regra são, neste caso, *degeminação e ditongação, vogal /u/ na sílaba da palavra seguinte e distância de duas ou três sílabas entre o clítico e a sílaba tônica*. Já da amostra de 2003-2005 de Santana do Livramento, foram retiradas 589 ocorrências. A frequência de elevação das vogais médias foi de 44%, e os fatores que a condicionam favoravelmente são *ditongação e degeminação, vogal média ou baixa na sílaba da palavra seguinte e distância de duas ou três sílabas entre o clítico e a tônica*. Para Brisolara (2008), o aumento da frequência de aplicação da regra em Santana do Livramento (de 21% para 44%) indica que pode estar ocorrendo um processo de mudança linguística.

4.3 Realização das vogais médias na língua e nos dialetos italianos

Considerando-se que grande parte dos falantes de Flores da Cunha é bilíngue, é importante que se conheça como se realizam as vogais médias átonas na língua e nos dialetos italianos. A fala de Flores da Cunha pode sofrer interferência dialetal e, se assim for, é possível que traços do sistema vocálico dialetal estejam sendo transferidos à língua portuguesa na localidade.

O italiano, assim como o português, é uma língua derivada do latim, mais especificamente do latim vulgar, o qual era falado pelos soldados e colonizadores do antigo Império Romano. Italiano e português, porém, seguiram processos evolutivos diferentes, foram influenciados com intensidade diversa por outros idiomas, e, por isso, hoje apresentam distinções em vários aspectos.

O sistema vocálico do italiano, assim como o do português, possui sete fonemas, que também sofrem variação dependendo de sua posição na palavra e da tonicidade/atonicidade da sílaba. A variação vocálica no italiano, no entanto, não segue os mesmos padrões que a variação no português. Por exemplo, uma das diferenças entre os dialetos florentino e romano

é a realização das vogais médias em sílaba tônica. Em muitas palavras, a média tônica é pronunciada de modo mais aberto em um dialeto e mais fechado em outro, e vice-versa. No dialeto florentino, por exemplo, são comuns as realizações *l[ɛ]ttera* (carta, letra), *fed[ɛ]le* (fiel), *g[ɔ]nna* (saia, *subst.*) e *bis[o]gno* (necessário), pronunciadas *l[ɛ]ttera*, *fed[ɛ]le*, *g[o]nna* e *bis[ɔ]gno* no dialeto romano (DARDANO e TRIFONE, 1999).

Na passagem do latim vulgar para as línguas neolatinas, o comportamento das vogais pretônicas também foi diverso. Houve casos em que a vogal alta passou a média no italiano e manteve-se como alta no português:

pistare (lat.) > *pestare* (it.); *pisar* (port.) (DARDANO e TRIFONE, 1999)

Inversamente, houve também casos em que a vogal média latina passou a alta no italiano e manteve-se como média no português:

caepulla (lat.) > *cipolla* (it.); *cebola* (port.) (BISOL, 1981)

Nota-se, pois, que as vogais pretônicas evoluíram diferentemente nas línguas italiana e portuguesa. Na fala de bilíngues ou indivíduos que convivem com bilíngues, essa diversidade de pronúncia pode ter influência na realização das vogais médias, contribuindo (ou não) para seu alçamento.

Falantes de italiano e português apresentam diferenças também na realização das vogais médias postônicas. Frosi (1987) afirma que, no dialeto vênето, o principal dialeto falado pelos imigrantes italianos e seus descendentes na RCI, as vogais /e/ e /o/ são preservadas em posição final. Uma vez que características do dialeto italiano interferem na língua portuguesa falada pelos indivíduos bilíngues português-italiano, pode-se dizer que esses falantes não elevam as vogais médias átonas finais de maneira (quase) categórica. Segundo a autora,

O falante bilíngue, ao pronunciar palavras como *leite* ou *prato*, não efetua o fechamento das vogais átonas finais, isto é, não faz a neutralização de /e/-/i/ e de /o/-/u/ que normalmente ocorre na fala dos monolíngues de português. A presença das vogais átonas finais /e/-/o/ na fala de língua portuguesa do bilíngue constitui uma interferência fônica da koiné vêneta na língua portuguesa. (FROSI, 1987, p.224).

Na língua italiana e nos dialetos italianos trazidos para o Brasil, /e/ e /i/ são desinências de plural para feminino e masculino, respectivamente. Além disso, muitas palavras terminam em /e/ no singular, mas têm, assim como os vocábulos masculinos terminados em /o/, plural feito com /i/. Sendo assim, há um contraste morfológico entre os fonemas /e/ e /i/, e essa pode ser outra razão para a preservação das vogais médias átonas na fala do bilíngue.

Por exemplo, em italiano padrão, o plural dos vocábulos abaixo ocorre da seguinte forma (DARDANO e TRIFONE, 1999, p.185):

bambino > *bambini* (menino/s)

legge > *leggi* (lei/s)

sasso > *sassi* (pedra/s)

canzone > *canzoni* (música/s)

Frosi e Mioranza (1983), em estudo sobre os dialetos italianos falados na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, área em que se localiza a Região de Colonização Italiana, analisaram determinadas particularidades na fala em língua portuguesa de informantes bilíngues português-italiano residentes na zona rural. A preservação de /o/ por parte desses informantes manteve-se em torno de 96%. Segundo os autores, a presença de [u] é interpretada pelos falantes como uma característica da fala em língua portuguesa.

A vogal média anterior átona final (/e/) é preservada em 74,4% dos contextos de fala analisados pelos autores, e, para os falantes bilíngues, a presença de [i] em final de palavra também é interpretada como própria da língua portuguesa. Segundo os autores, o índice para a vogal /e/ pode ter sido menor do que o da vogal /o/ devido à grande presença do contexto *boa tarde* entre os dados coletados. Em língua italiana, existe o advérbio *tardi*, que pode ter sido transportado ao português pelos falantes bilíngues. Sendo assim, nesses contextos, é possível

que tenha havido na fala dos informantes uma transferência dialetal, a qual coincidentemente possui características da língua portuguesa.

Para os autores, desse modo, a preservação de /e/ e /o/ na fala de informantes bilíngues português-italiano caracteriza-se como uma interferência do sistema dialetal italiano na fala em português. A pouca elevação da vogal média anterior átona ainda pode explicar, segundo Frosi e Mioranza (1983), o fato de os bilíngues português-italiano cometerem menos erros do que falantes monolíngues-português quanto à grafia de e e de i, pois, na oralidade, para os primeiros, há uma distinção clara entre os fonemas correspondentes a essas letras.

Embora o grau de bilinguismo dos informantes de Flores da Cunha não seja considerado como variável independente neste estudo, sabe-se, por meio das fichas de entrevista, que expressiva parte dos indivíduos cuja fala foi gravada é bilíngue ou ao menos entende o dialeto italiano falado na região. Um fato interessante é que a maioria dos bilíngues entrevistados é habitante da zona rural do município. Assim, controlando a variável *Local de Residência*, será possível verificar se a fala da zona rural, associada ao bilinguismo, apresenta tendência à preservação da vogal /e/.

5 MÉTODO

Para a análise quantitativa da elevação da vogal média anterior átona (/e/) em Flores da Cunha, seguiu-se o método elaborado por Labov conhecido como *análise de regra variável*. Através da quantificação de dados, da medida de índices de frequência tanto da aplicação da regra como dos fatores envolvidos e do estabelecimento de valores equivalentes à interação desses fatores (pesos relativos), pode-se saber que elementos favorecem ou inibem determinado fenômeno variável, bem como verificar tendências do processo, de progredir, regredir ou manter-se estável na comunidade. Conforme foi mencionado no segundo capítulo, o modelo matemático aditivo, mais tarde substituído pelos modelos multiplicativo e logístico, foi a ferramenta utilizada por Labov para a quantificação das variáveis envolvidas em seus primeiros estudos.

Este estudo segue a linha laboviana e propõe-se a tratar estatisticamente as ocorrências de possível elevação da vogal /e/ átona. Além disso, o estudo da elevação da vogal média anterior átona envolverá análise qualitativa, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2000). Neste capítulo, serão apresentadas considerações a respeito da obtenção dos dados, da constituição da amostra pesquisada, da definição das variáveis controladas, do levantamento e codificação dos contextos obtidos e da definição de análise de conteúdo.

5.1 Obtenção dos dados e constituição da amostra

Neste estudo, Flores da Cunha foi escolhida como comunidade de fala devido às peculiaridades de sua fundação e ao fato de ser uma unidade municipal, com zonas urbana e rural bem delimitadas. A escolha deste município deve-se ao fato de que na comunidade possa ainda haver um forte sentimento de italianidade, o qual interferiria na preferência dos informantes por adotar a forma conservadora (preservação do /e/) à forma inovadora

(elevação). O desenvolvimento dessa identidade local, manifesta na escolha dos nomes das casas comerciais, na realização periódica de festas com culinária típica regional e na preservação da fala dialetal italiana especialmente na zona rural do município, por exemplo, faz com que os sujeitos de Flores da Cunha diferenciem-se dos demais brasileiros e gaúchos e aproximem-se mais de um modelo cultural próprio da Região de Colonização Italiana. O reforço de determinadas práticas sociais e pontos de vista pode estar relacionado à manutenção ou elevação da vogal média anterior átona.

Outro motivo pelo qual Flores da Cunha foi eleita como palco deste estudo foi o fato de, já tendo sido selecionada para a investigação da realização das médias átonas (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002; SCHWINDT, 2002), a influência de fatores linguísticos e sociais na realização do fenômeno na localidade já ter sido comprovada. Nos estudos anteriores, a realização vocálica apresentou-se de modo peculiar na localidade, o que permitiu afirmar que os falantes de Flores da Cunha pronunciam as vogais médias de maneira diversa à dos metropolitanos, fronteiriços ou indivíduos de origem alemã.

Como, nessas pesquisas, Flores da Cunha foi classificada como uma localidade italiana, pode-se dizer que ela é representante de uma comunidade de fala maior, a da RCI. De acordo com Labov (apud FIGUEROA, 1994), por ser uma localidade bem demarcada geograficamente e com sócio-história própria, o município é uma comunidade de fala que se enquadra dentro de comunidades de fala maiores.

Para o levantamento de contextos de elevação/preservação da vogal média anterior átona, foram ouvidas 32 entrevistas sociolinguísticas realizadas em Flores da Cunha entre os anos de 2006 e 2009. As gravações pertencem ao BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha), que contém 56 entrevistas de informantes desse município.

O BDSer é um acervo de entrevistas sociolinguísticas resultante de pesquisas na UCS de 2000 a 2009, sob a coordenação da professora Dra. Elisa Battisti, atualmente docente e pesquisadora do Instituto de Letras da UFRGS. O acervo possui, além das 56 gravações realizadas em Flores da Cunha, entrevistas de informantes de Caxias do Sul (55), São Marcos (57) e Antônio Prado (57). As pesquisas desenvolvidas a partir desse *corpus* têm analisado dados de fala de municípios da Região de Colonização Italiana. Para a constituição da amostra de cada município, foram levadas em conta quatro células principais: *local de residência* (zonas urbana e rural), *gênero* (masculino e feminino), *idade* (18-30, 31-50, 51-70, 71 ou mais anos) e *escolaridade* (ensino primário, fundamental, médio e superior).

Os informantes que fazem parte deste estudo encaixam-se em células específicas, de acordo com a configuração da amostra do BDSer e com as variáveis extralinguísticas controladas. Sendo assim, com dois informantes para cada uma das 16 células, chegou-se ao total de 32 informantes.

A distribuição dos entrevistados pode ser observada nos quadros a seguir.

<i>Local de residência</i>	<i>Gênero</i>	<i>Idade</i>	<i>Informantes</i>
Zona Urbana	Homem	18 a 30 anos	C.M.; A.C.
		31 a 50 anos	O.P.; G.B.
		51 a 70 anos	J.C.T.; J.B.
		71 ou mais anos	M.F.; C.B.
	Mulher	18 a 30 anos	C.P.; C.S.
		31 a 50 anos	E.P.; A.F.S.
		51 a 70 anos	D.R.; L.P.V.
		71 ou mais anos	E.B.; D.S.

Quadro 12: Informantes da zona urbana de Flores da Cunha.

<i>Local de residência</i>	<i>Gênero</i>	<i>Idade</i>	<i>Informantes</i>
Zona Rural	Homem	18 a 30 anos	S.T.; E.Be.
		31 a 50 anos	R.B.; A.B.
		51 a 70 anos	O.B.; N.A.M.
		71 ou mais anos	A.M.; L.R.
	Mulher	18 a 30 anos	S.B.; C.Mu.
		31 a 50 anos	R.R.; R.M.
		51 a 70 anos	C.Bo.; E.C.
		71 ou mais anos	L.M.; O.F.

Quadro 13: Informantes da zona rural de Flores da Cunha.

Devido à abundância de contextos de elevação da vogal média anterior, foram ouvidos apenas os 30 minutos intermediários de cada entrevista, cada qual com duração total

aproximada de 60 minutos. As ocorrências de alçamento ou preservação da vogal /e/ eram anotadas sequencialmente em folhas quadriculadas, para que posteriormente fossem codificadas de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados.

Ao contrário de muitos estudos a respeito da elevação das vogais átonas, alguns contextos considerados de elevação categórica foram incluídos nesta análise. Sendo assim, também foram quantificadas palavras iniciadas por /eN/, /eS/ ou prefixo *des-* e palavras com hiato. A hipótese da pesquisa é que, devido à interferência do italiano (falado ou entendido pelos informantes), a elevação da vogal /e/ em palavras com esses contextos pode não ser categórica em Flores da Cunha. Como se observou no capítulo anterior, em municípios de origem italiana a elevação vocálica não é tão expressiva quanto em outras regiões. Espera-se, portanto, que, mesmo com o controle de contextos em que a aplicação da regra parece ser categórica, a elevação vocálica em Flores da Cunha tenha índices baixos ou moderados.

5.2 Análise quantitativa

5.2.1 Definição das variáveis

Para a realização de um estudo nos moldes labovianos, é necessário o estabelecimento de variáveis (uma dependente e algumas independentes). A variável dependente é o próprio fenômeno analisado. Já as variáveis independentes, linguísticas ou extralinguísticas, são compostas por fatores que podem favorecer ou inibir o emprego das formas variantes. São, portanto, hipóteses com as quais o pesquisador trabalha a fim de verificar o condicionamento a que a regra está submetida. As variáveis linguísticas dizem respeito ao modo como os elementos da língua podem condicionar a variação; as extralinguísticas referem-se ao papel do social na aplicação da regra.

5.2.2 Variável dependente

A elevação da vogal média anterior átona (/e/) é a variável dependente deste estudo. Esse fenômeno consiste na passagem da vogal média anterior (/e/) para alta anterior ([i]), em contextos como *pedido::pidido*, *apetite::apitite*, *de manhã::di manhã*, *pêssego::pêssigo* e *nome::nomi*.

5.2.3 Variáveis independentes

5.2.3.1 Variáveis linguísticas

Este estudo conta com seis grupos de fatores linguísticos, os quais estão apresentados a seguir.

5.2.3.1.1 Presença de coda na sílaba

Nesta variável, os seguintes fatores foram controlados:

- a) Sílaba com coda: *chaves*, *ensino*, *pescoço*
- b) Sílaba sem coda: *chave*, *pedaço*, *educação*

Espera-se que a elevação seja favorecida por sílabas com coda. É possível que a presença de contextos em que a aplicação da regra é considerada categórica (/e/ seguido de coda /S/ ou /N/ e prefixo *des-*) contribua para que esse fator seja considerado favorecedor.

5.2.3.1.2 Presença de onset na sílaba

A fim de verificar se a presença de ataque na sílaba exerce algum tipo de influência sobre a realização das médias, controlaram-se os seguintes fatores nesta variável:

- a) Sílaba sem onset: *educação*, *ensino*, *exigir*

- b) Sílabas com *onset*: *medida, onde, precisar*

Prevê-se que o fator *sílaba sem onset* seja favorecedor à aplicação da regra, especialmente quando combinada ao fator *sílaba com coda*, presente na variável anteriormente apresentada.

5.2.3.1.3 Vogal da sílaba seguinte

Nesta variável, foram investigados os seguintes fatores:

- a) Vogal alta: *pedido, medida, segunda*
- b) Vogal média: *sereno, veneno, cebola*
- c) Vogal baixa: *gelado, pedaço, separar*
- d) Zero (sem vogal na sílaba seguinte): *gente, nome, chave*.

A presença de vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à da vogal média passível de elevação pode desencadear um processo assimilatório (harmonização vocálica) que elevaria a média /e/. Em outros estudos, esse fator mostrou-se favorecedor (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; CASAGRANDE, 2003).

5.2.3.1.4 Posição da vogal média na palavra

Considerando-se que a posição da sílaba em que está a vogal média anterior átona pode favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra, nesta variável foram controlados os seguintes fatores:

- a) Pretônica inicial: *pedido, rebolado, feliz*
- b) Pretônica medial: *alegria, apetite, acolhedor*
- c) Postônica não final: *pêssego, número, câmera*
- d) Postônica final: *nome, gente, cidade*

e) Clítico: *me, se, de*

Nos estudos revisados no capítulo anterior, o percentual de aplicação da regra de elevação da vogal média anterior átona foi predominantemente maior em sílabas finais do que em sílabas pretônicas. Espera-se que a tendência a uma maior elevação da vogal /e/ em sílabas finais permaneça. No entanto, esta pesquisa também controla o fator *clítico*, o qual não foi analisado em outros estudos e pode mostrar-se favorecedor ao alçamento de /e/.

5.2.3.1.5 Contexto fonológico precedente

Tendo em vista que o segmento imediatamente precedente ao /e/ átono pode exercer influência sobre sua elevação, foram controlados, nesta variável, os seguintes fatores:

- a) Consoante oclusiva alveolar: *terreno, onde, cidade*
- b) Consoante oclusiva labial: *pescoço, berinjela, sabe*
- c) Consoante oclusiva velar: *querido, grogue, quebrado*
- d) Consoante fricativa alveolar: *semente, quase, trave*
- e) Consoante fricativa alveopalatal: *garagem, xereta, chegar*
- f) Consoante lateral: *lençol, calejado, mole*
- g) Consoante lateral palatal: *mulherada, acolhedor, escolhe*
- h) Consoante nasal: *medida, nenhum, nome*
- i) Vibrante: *carregar, receber, torre*
- j) Tepe: *arejado, precisar, cobre*
- k) Consoante africada: *vinte (vintfi), cidade (cidadzi), teatro (tfiatro)*
- l) Vogal: *coelhinho, me escreveu, frequentar*
- m) Zero: *elevador, ensino, educado*

Ao contrário de outros estudos que classificaram os segmentos consonantais precedentes de acordo com seu ponto de articulação, esta variável agrupa os fatores não apenas de acordo com seu ponto, mas também de acordo com seu modo de articulação. Presume-se que os fatores *consoante oclusiva velar*, *consoante fricativa alveopalatal* e *zero* sejam favorecedores à aplicação da regra (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; ROVEDA, 1998; SILVA, 2009). O comportamento das labiais nessa posição não foi uniforme entre os estudos revisados no capítulo anterior; a hipótese é que essas consoantes inibam a aplicação da regra.

5.2.3.1.6 Contexto fonológico seguinte

O segmento imediatamente posterior à vogal média átona também pode ter influência em sua elevação. Desse modo, esta variável contou com os seguintes contextos:

- a) Consoante oclusiva: *pepino*, *corredor*, *retalho*
- b) Consoante fricativa alveolar: *esfregão*, *desceu*, *evento*
- c) Consoante fricativa alveopalatal: *mexeu*, *bexiga*, *gotejar*
- d) Consoante lateral: *elemento*, *delicado*, *elevador*
- e) Consoante lateral palatal: *velhote*, *telhado*, *melhor*
- f) Consoante nasal: *veneno*, *semente*, *nenhum*
- g) Vibrante, tepe: *sereno*, *terreno*, *serraria*
- h) Consoante africada: *dedilhar* (*dedzilhar*), *sedimento* (*sedzimento*), *metido* (*metfido*)
- i) Vogal: *teatro*, *atear*, *custear*
- j) Zero: *cidade*, *sempre*, *nome*

Espera-se que segmentos com articulação alta, tais como consoantes fricativas alveopalatais, laterais palatais e africadas, favoreçam a elevação de /e/. Vogal ou pausa (zero) em contexto seguinte também podem se mostrar favoráveis, a primeira devido ao fato de,

juntamente com a vogal /e/, formar um hiato, e a segunda porque, na maioria das regiões brasileiras, a neutralização das médias átonas é categórica em posição de final de palavra. Contextos de hiato, por apresentarem elevação categórica ou quase categórica, foram excluídos de muitas pesquisas a respeito do alçamento das médias pretônicas (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002; KLUNCK, 2007).

5.2.3.2 Variáveis extralinguísticas

São três as variáveis extralinguísticas controladas neste estudo. Espera-se que o fenômeno analisado, além de apresentar condicionamento linguístico, também seja influenciado por fatores sociais.

5.2.3.2.1 Gênero

Partindo-se do pressuposto de que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes e adotam posturas diversas a respeito da variação, é possível que o gênero do informante exerça influência na escolha das formas linguísticas por ele adotadas. Chesire (2002) argumenta que as mulheres muitas vezes fazem mais uso de variantes-padrão do que os homens, a fim de adquirir um *status* que, na sociedade ocidental, é mais facilmente assegurado aos homens. Além disso, para Paiva (2008), às mulheres é normalmente atribuída a responsabilidade pela educação dos filhos. Por causa disso, a mulher assume o papel de transmissora de normas de comportamento, e entre essas normas estão aquelas relacionadas ao comportamento linguístico. A tendência na fala feminina é, portanto, a adoção de formas socialmente prestigiadas.

Paiva (2008) afirma que as mulheres muitas vezes lideram processos de mudança linguística, adotando alternantes inovadoras. Quando isso ocorre, tais formas possuem prestígio, isto é, não são socialmente estigmatizadas. A autora afirma que, com esse padrão de comportamento, as mulheres podem até mesmo estar uma geração à frente dos homens. Em situações em que uma forma socialmente desprestigiada está sendo implementada na

comunidade, as mulheres normalmente adotam uma postura conservadora, e os líderes do processo de mudança passam a ser os homens.

Embora a diferença entre os gêneros não se dê apenas por fatores biológicos, em estudos de variação é comum que a variável *gênero* seja binária, para facilitar a obtenção e verificação dos resultados. Sendo assim, este grupo de fatores foi composto da seguinte maneira:

- a) Masculino
- b) Feminino

Já que na maioria das regiões brasileiras a neutralização das vogais postônicas finais é fenômeno inovador, quase categórico, espera-se que as mulheres em Flores da Cunha apliquem mais a regra de elevação do que os homens. Porém, considerando-se que a elevação das médias pretônicas não é saliente e não dá origem a formas percebidas como prestigiadas, talvez os homens obtenham percentual de aplicação significativo. No entanto, deve-se ressaltar que, como a elevação da vogal /e/ é um processo muito sutil, é possível ainda que nenhum dos gêneros controlados se mostre de fato favorecedor ao alçamento vocálico.

5.2.3.2.2 *Idade*

Em estudos que levam em conta a relação entre um fenômeno linguístico variável e a idade dos falantes, é comum, segundo Naro (2008), que se adotem diferentes pontos de vista a respeito de como a faixa etária exerce influência na língua da comunidade. Naro (2008) aponta que, de acordo com a visão clássica, a língua do falante se estabiliza após a puberdade (quando o indivíduo tem cerca de 15 anos), embora a língua da comunidade continue instável. Desse modo, assim que o falante mudar de faixa etária, mudará também a distribuição das variantes na comunidade. Um exemplo dessa visão, para Naro (2008), é o fato de que, daqui a vinte anos, um indivíduo de 70 anos de idade estará falando como um que hoje tem 50 anos.

Outra possibilidade considerada em alguns estudos variacionistas é a de que o sistema linguístico do indivíduo mude, mas não o da comunidade (NARO, 2008). Sendo assim, daqui a vinte anos, os indivíduos de 70 anos de idade falarão como aqueles que hoje têm 70 anos.

Uma outra visão defende, ainda, que a fala do indivíduo muda ao longo dos anos, ainda que não atinja exatamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje.

Labov (1994) afirma que, para se verificar a existência de mudanças linguísticas em progresso, podem-se observar as realizações dos jovens. Se, quando comparadas às dos indivíduos de faixa etária mais elevada, as realizações dos sujeitos de menos idade apresentarem índices muito superiores, haverá indícios de uma mudança em progresso. Assim, controlar a faixa etária dos falantes pode fazer com que se observem as tendências de possíveis mudanças linguísticas.

Como não se pode saber como os falantes das faixas etárias menores se comportarão daqui a vinte ou mais anos, a linha adotada neste estudo está mais próxima da primeira apresentada por Naro (2008). Ou seja, supõe-se que o falante, ao longo dos anos, não mude seu modo de falar, a menos que, para isso, haja fortes motivações. Dessa forma, ainda que o falante mais jovem possa vir a ter contato com um grau maior de escolarização, com um emprego em que se exija um tipo diverso de fala ou com outras regiões brasileiras, sua fala não será significativamente alterada. Pensa-se, pois, que, se a elevação de /e/ for altamente favorecida por informantes mais jovens (entre 18 e 30 anos), estará em andamento na comunidade uma mudança linguística que fará com que, dentro de algumas gerações, a vogal /e/, em alguns contextos, seja categórica ou quase categoricamente pronunciada como [i].

A variável *Idade*, neste estudo, contém os seguintes fatores:

- a) 18 a 30 anos
- b) 31 a 50 anos
- c) 51 a 70 anos
- d) 71 ou mais anos

Considerando-se que a elevação da vogal /e/ seja uma inovação na comunidade de Flores da Cunha, o esperado é que os jovens apliquem mais essa regra. Os falantes idosos, muitas vezes bilíngues, podem apresentar índices de alçamento relativamente baixos. Prevê-se que a aplicação da regra seja maior na faixa etária intermediária mais jovem do que na faixa intermediária mais idosa, ou seja, que o fator *31 a 50* obtenha percentual de elevação superior ao do fator *51 a 70*.

5.2.3.2.3 Local de residência

Os municípios da RCI normalmente apresentam uma divisão entre *zona urbana* e *zona rural*, e há, em cada uma dessas localidades, bairros ou comunidades, os quais são considerados *urbanos* ou *rurais*, de acordo com a zona em que se situam.

A noção do que seria uma comunidade de zona rural aproxima-se ao conceito de aldeia formulado por Pesez (1986). Para o autor, aldeia é uma forma de organização social rural que remonta à Idade Média. As aldeias desenvolvem-se em um território agrícola e baseiam-se em atividades agrícolas. Sendo assim, à aldeia está associado o trabalho com a terra. Para Pesez (1986), na Idade Média, as aldeias se formavam em torno de igrejas ou castelos, e sua produção destinava-se à própria subsistência dos aldeões e ao consumo por parte dos senhores dos castelos.

Um membro da aldeia deve nela residir de forma estável. Além disso, as construções de uma aldeia, o tamanho dos terrenos e a parcela deles reservada ao cultivo devem ser proporcionais entre os moradores. O sentimento de pertença à aldeia é forte, e, especialmente durante a Idade Média, havia uma postura de hostilidade com relação aos forasteiros.

Santos (1978, p.5) afirma que um bairro pode ser definido como rural quando nele há uma “base territorial constituída por casas esparsas mas com um centro de referência social, ‘a sociedade da capela’.” Segundo esse autor, na zona rural a população tem situação social semelhante e, entre esses habitantes, além da relação de vizinhança, também pode existir relação de parentesco. Nos moradores de bairros rurais, há um forte sentimento de pertença à localidade, expresso por meio da realização conjunta de atividades lúdicas ou religiosas, de festas comunitárias e do auxílio mútuo no processo de trabalho.

Na zona rural, para Santos (1978), o trabalho é movido pela força familiar. O pai, o chefe da família, é o responsável por todas as tarefas produtivas e por firmar negócios com entidades da cidade. A tomada de decisões, porém, pode ser coletiva, visto que todos os integrantes da família têm contato com a lavoura e com o trabalho rural. Por parte dos pais há, muitas vezes, pressão para que os jovens permaneçam na propriedade rural. A permanência dos jovens, especialmente daqueles do sexo masculino, na zona rural é, para Santos (1978), a maneira encontrada pelos pais para garantir seu próprio sustento quando ficarem velhos. Por

outro lado, o autor afirma que, em alguns casos, os pais podem até mesmo incentivar seus filhos a estudarem e se fixarem na cidade, para que sigam uma profissão que não se relacione ao trabalho rural.

A aldeia, ou zona rural, opõe-se à cidade, ou zona urbana. Para Roncayolo (1986), a noção de cidade implica a aglomeração da população e a concentração das atividades econômicas. Essas atividades, para o autor, não envolvem a exploração direta do solo, “uma vez que conduzem à especialização das tarefas, e contribuem sobretudo para as trocas e a organização de uma sociedade” (RONCAYOLO, 1986, p.397).

Para o autor, porém, a cidade não pode ser entendida unicamente dentro de seus próprios limites, uma vez que ela se relaciona estreitamente com o espaço que a circunda, com outras cidades e mesmo com localidades rurais. A cidade, além disso, depende de algumas condições para que possa surgir e sustentar-se, como a existência de um excedente agrícola que permita alimentar ao menos parte da população citadina, a divisão do trabalho e a especialização e hierarquização das tarefas. Roncayolo (1986) diz que a cidade, relativamente ao território que a cerca e às outras cidades, pode ser considerada como um todo estruturado.

Ainda que categorizadas e compreendidas diferentemente, zona rural e zona urbana mantêm uma relação de dependência mútua, ainda que as atividades econômicas desenvolvidas numa e na outra sejam essencialmente diversas. Deve-se destacar que, ainda que a produção rural também seja destinada à própria família produtora, boa parte dela acaba nos mercados da cidade. Além disso, no caso de culturas como a uva, a produção também pode ser vendida a indústrias, as quais normalmente se localizam na zona urbana. Associam-se, assim, as práticas tradicionais e artesanais, como o cultivo da terra e a valorização da capela, à zona rural, e as práticas mecanizadas e modernizadas, como a produção industrial, à zona urbana.

Partindo-se dos pressupostos de que (a) o bilinguismo português-dialetal italiano, por ser uma prática tradicional, é mais facilmente associado a falantes da zona rural de Flores da Cunha do que a indivíduos da zona urbana; (b) os sujeitos da zona urbana deslocam-se a centros urbanos maiores mais frequentemente e (c) a fala dialetal italiana é mais comumente praticada e aprendida na zona rural, espera-se que os resultados obtidos para a variável *Local de residência* sejam expressivos e que a elevação de /e/ seja favorecida na fala de zona urbana.

Outros trabalhos (BOVO, 2004; TOMIELLO, 2005) levaram em consideração o fato de que, na zona rural da RCI, a maioria dos habitantes é bilíngue ativo (fala e entende o dialeto italiano) ou passivo (apenas compreende a fala dialetal). De acordo com as informações contidas nas Fichas de Entrevista, alguns moradores de zona urbana, especialmente aqueles com menos de 50 anos, não praticam a fala dialetal italiana, embora a compreendam. Outros, porém, entendem-na com restrições, uma vez que não poderiam, mesmo respondendo em português, conversar com um indivíduo que se dirige a eles em dialeto. Há também aqueles, especialmente na faixa etária mais jovem (entre 15 e 30 anos), que, exceto por algumas palavras soltas, não apresentam nenhum tipo de compreensão do dialeto.

O bilinguismo, considerado por Mackey (1972) como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo, está associado, na RCI, à zona rural. O habitante urbano, ainda que seja bilíngue, não utiliza a língua italiana cotidianamente, em situações de trabalho ou de lazer, a menos que esteja se dirigindo a alguém com quem ele sabe que pode conversar em dialeto. Já na zona rural, nas atividades de trabalho (como ir à lavoura) e de lazer (como ir à bodega), o dialeto italiano encontra contexto de uso, uma vez que os falantes, ao se encontrarem com seus pares, sabem que podem se comunicar nessa língua sem que haja problemas de entendimento. É importante destacar, além disso, que a terminologia associada ao cultivo das parreiras, por exemplo, possui uma versão em dialeto italiano.

Para Mackey (1972), o bilinguismo pertence ao domínio da *parole* (fala) e é uma manifestação individual. Sendo assim, o uso de duas ou mais línguas por parte de um indivíduo não supõe que este faça parte de uma comunidade bilíngue. Uma comunidade bilíngue, assim, pode ser considerada apenas como um conjunto de indivíduos que possuem razões para serem bilíngues. Segundo o autor, uma comunidade bilíngue autossuficiente não teria motivos para continuar utilizando as duas línguas, já que seus falantes poderiam comunicar-se perfeitamente através de apenas uma delas. Na RCI, o abandono do dialeto italiano em centros urbanos pode demonstrar que, para o falante da cidade, essa língua já não é mais necessária. Na zona rural, porém, muitas atividades – ou práticas sociais – ainda envolvem o falar dialetal, e o português, nessas situações, não promoveria uma comunicação tão eficiente.

O conceito do bilinguismo, de acordo com Mackey (1972), envolve algumas variáveis, como *grau* (quão bem o falante domina as duas ou mais línguas), *função* (para que ele usa

essas línguas), *alternância* (como, quando e sob que condições ele alterna de uma língua para outra) e *interferência* (como ele mantém as línguas separadas). Relativamente à questão da interferência, se poderia pensar que, uma vez que grande parte dos bilíngues da zona rural da RCI é tardia, isto é, aprendeu o dialeto italiano *antes* e o português *depois*, a primeira língua adquirida poderia ter influência sobre a segunda. Quanto à elevação da vogal /e/, se poderia pensar que, já que em dialeto o /e/ não costuma passar a [i], em especial em final de palavra, a manutenção da vogal seria mais expressiva em indivíduos bilíngues português-italiano, residentes na zona rural.

O grupo de fatores *Local de residência*, portanto, é composto da seguinte maneira:

- a) Zona Urbana
- b) Zona Rural

As variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas neste estudo podem ser visualizadas no quadro a seguir:

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
Presença de coda na sílaba: Sílaba sem coda: tevê Sílaba com coda: testamento	Gênero Feminino Masculino
Presença de onset na sílaba: Sílaba sem onset: estranho Sílaba com onset: pedido	Idade 18 a 30 anos 31 a 50 anos 51 a 70 anos 71 ou mais anos
Vogal da sílaba seguinte: Alta: medida Média: sereno Baixa: gelada Zero: cidade	Local de residência Zona urbana Zona rural
Posição da vogal média na palavra: Pretônica inicial: pedido Pretônica medial: alegria Postônica não-final: pêssego Postônica final: nome Clítico: me, se, te	
Contexto fonológico precedente Consoante oclusiva alveolar: terreno Consoante oclusiva labial: pescoço Consoante oclusiva velar: querido Consoante fricativa alveolar: quase, trave Consoante fricativa alveopalatal: garagem Consoante lateral: lençol, calejado, mole Consoante lateral palatal: mulherada Consoante nasal: medida Consoante africada: vinte (vintfi) Vibrante: carregar Tepe: arejado Vogal: se esconde Zero: elevador	
Contexto fonológico seguinte Consoante oclusiva: freguês, pequeno, retalho Consoante fricativa alveolar: esfregão, desceu, refém Consoante fricativa alveopalatal: mexeu, gotejar Consoante lateral: elemento Consoante lateral palatal: velhote Consoante nasal: veneno, tenhamos Consoante africada: dedilhar (dedzilhar) Vibrante, tepe: sereno, terreninho Vogal: atear Zero: sede, gente	

Quadro 14: Grupos de fatores controlados na análise de regra variável.

5.2.4 Codificação dos contextos

Após o estabelecimento das variáveis a serem controladas, procedeu-se ao levantamento de contextos e à sua posterior codificação. A cada fator foi atribuído um código, e cada contexto ouvido recebeu uma sequência desses códigos, correspondentes a um fator de cada uma das variáveis. O primeiro símbolo atribuído a cada ocorrência referia-se ao fato de sua realização ter sido feita com ou sem alçamento da vogal média anterior átona. Assim, os contextos marcados com **1** são contextos de elevação, enquanto que aqueles marcados com **0** são ocorrências de preservação da vogal /e/.

Na codificação dos contextos consideraram-se as variáveis independentes na seguinte ordem: *gênero, idade, local de residência, presença de coda na sílaba, presença de onset na sílaba, vogal da sílaba seguinte, posição da vogal média na palavra, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte*. Os exemplos abaixo ilustram a codificação de algumas das ocorrências:

Ocorrência	Codificação
sempre	0m47so*zw\$
chegava	0f36soapgy
acontecido	1m56soidh8

No primeiro exemplo (*sempre*), não houve elevação (0), e o informante é um homem (m) com idade entre 51 e 70 anos (4), morador da zona rural (7). Não há coda na sílaba (s), mas há *onset* (o). Não há vogal na sílaba seguinte (*), a vogal elevável encontra-se em sílaba postônica final (z), possui tepe (w) em contexto precedente e zero (\$) em contexto seguinte. No segundo exemplo (*chegava*), não houve elevação (0), e o informante é uma mulher (f) com idade entre 31 e 50 anos (3), moradora da zona urbana de Flores da Cunha (6). A sílaba não possui coda (s), mas possui *onset* (o), há uma vogal baixa na sílaba seguinte (a), a vogal elevável encontra-se em posição pretônica inicial (p), com consoante fricativa alveopalatal (g) em contexto precedente e consoante oclusiva (y) em contexto seguinte. No terceiro caso, houve elevação da vogal média átona (1), e o informante é um homem (m) com 71 ou mais anos (5), habitante da zona urbana (6). A sílaba não possui coda (s), mas possui *onset* (o), a

vogal da sílaba seguinte é alta (*i*), a posição da vogal elevável é pretônica medial (*d*), há uma consoante oclusiva alveolar (*h*) em contexto precedente e uma consoante fricativa alveolar (*ʃ*) em contexto seguinte.

Algumas ocorrências merecem destaque quanto ao modo como foram codificadas:

- Clíticos: ocorrências como *de noite*, *me falou* e *que eu* foram tomadas como uma palavra fonológica, e o clítico uma sílaba pretônica, embora na variável *Posição da vogal média na palavra*, esses contextos tenham recebido o símbolo *l*, equivalente ao fator *clítico*. Nos casos de junção, tais como *m'espera*, *t'explicar* e *d'ensinar*, atribuiu-se às ocorrências o símbolo *p*, correspondente ao fator *pretônica inicial*.

- Vogal em contexto precedente: considerou-se que contextos como *frequentador* e *caem* possuíam vogal em contexto precedente. Além disso, em contextos em que não houve junção (como *me espera*, *te explicar* e *de ensinar*), a segunda vogal média do composto foi analisada como tendo vogal no segmento anterior.

- Posição postônica final: todos os contextos de vogal média em posição postônica final receberam, na variável *Vogal da sílaba seguinte*, o símbolo *, referente ao fator *zero*, e na variável *Contexto fonológico seguinte*, o código \$, equivalente ao fator *zero*. Isso gerará problemas de ortogonalidade na análise estatística, uma vez que, no cruzamento entre variáveis, haverá células sem preenchimento. Entretanto, optou-se por não considerar o segmento imediatamente seguinte ao da média em posição postônica final para que se pudesse avaliar de maneira mais precisa o peso de ocorrências desse tipo no fenômeno da elevação.

Deve-se ressaltar que, em muitos casos, a vogal /e/, especialmente em posição final, foi percebida como [ɪ], e não como [i]. Nessa situação, assim como nas ocorrências em que a vogal média era apagada, ao contexto foi atribuído o símbolo **1**, que indica a aplicação da regra. Para que não houvesse dúvidas quanto à elevação ou não de /e/, cada dado foi ouvido cerca de três vezes. Se, passadas as três tentativas, não fosse possível afirmar que houve aplicação da regra, o contexto seria descartado da análise.

Após a codificação das ocorrências, estas foram digitadas e submetidas a análise estatística com o programa computacional Goldvarb-X.

5.2.5 Ferramenta estatística

Tendo as variáveis estabelecidas e os dados levantados e codificados, procedeu-se à análise estatística da elevação da vogal média anterior átona /e/. Essa análise foi realizada pelo programa computacional Goldvarb-X, desenvolvido especialmente para a realização de estudos sociolinguísticos quantitativos.

O primeiro procedimento para a realização de uma análise estatística de regra variável através do programa Goldvarb-X é criar um arquivo de dados (ou *tokens*), com extensão **.tkn** (BRESCANCINI, 2002). As ocorrências podem ser digitadas diretamente no programa de análise ou podem ser transferidas a ele se digitadas em outro aplicativo. Em seguida, gera-se um arquivo de especificações, o qual deve conter todas as variáveis e seus respectivos fatores. Após o estabelecimento dos grupos de fatores, é aconselhável ao pesquisador verificar se há, em seu arquivo de dados, erros de digitação ou de codificação. Para isso, o analista deve examinar os *tokens* através da opção *Check Tokens*, presente na janela onde estão as ocorrências, e corrigir eventuais imprecisões.

Tendo os dados digitados e averiguados quanto à existência de erros e tendo os grupos de fatores especificados, o programa poderá criar um arquivo de condições, necessário para a obtenção dos resultados. O arquivo de condições lista as variáveis controladas no estudo e, em etapas posteriores, quando amalgamações ou exclusões precisarem ser feitas, é ele que sofrerá alterações.

Segundo Brescancini (2002), a próxima etapa da análise é verificar as células que foram criadas a partir das ocorrências. Cada célula corresponde a uma combinação diferente dos fatores controlados. Quando o arquivo de células é aberto, também surge uma outra janela, que indica o percentual total de aplicação da regra e os percentuais para cada fator. A obtenção de percentuais corresponde à análise *unidimensional* do fenômeno variável.

Nesse estágio da rodada de dados, é possível verificar se há *knockouts*, isto é, se há fatores com 100% ou 0% de aplicação. É importante que os *knockouts* sejam eliminados, ou então o programa não poderá executar a próxima etapa da análise. Brescancini (2002) afirma que, nesse caso, os fatores em *knockout* podem ser amalgamados a outros fatores ou mesmo excluídos. A amalgamação de fatores poderá ainda ocorrer assim que a análise

multidimensional for realizada e os pesos relativos forem obtidos. Para isso, o arquivo de condições deverá ser alterado.

Em seguida, realiza-se a chamada análise multidimensional, em que o programa selecionará as variáveis mais relevantes e sugerirá a exclusão das menos relevantes. Essa análise é executada em níveis, os quais vão de **0** a **n**, sendo **n** o número de variáveis independentes do estudo. No nível **0**, é calculado o *input*, ou seja, a probabilidade de aplicação da regra sem interferência dos fatores das variáveis. O valor do *input* normalmente aproxima-se do percentual de aplicação total da regra.

Nos demais níveis, de acordo com Brescancini (2002), as variáveis vão se somando e o programa vai verificando quais são relevantes. Esse processo é chamado de *step-up*. No processo seguinte, o *step-down*, o programa avalia que variáveis são menos relevantes e identifica que grupos de fatores poderiam ser excluídos da análise.

O resultado da rodada de dados é obtido em valores percentuais (na análise unidimensional) e em pesos relativos (na análise multidimensional). Conforme foi afirmado no segundo capítulo, os pesos relativos indicam se os fatores, na interação entre as variáveis, são favoráveis ou desfavoráveis à aplicação da regra. Se um fator possuir peso relativo em torno de 0,50, ele será considerado neutro; se obtiver índices acima ou abaixo de 0,50, ele condicionará ou não a aplicação da regra, respectivamente. Os valores dos pesos relativos variam entre 0,00 e 1,00.

A fim de verificar como uma variável se relaciona com outra e observar se há problemas de ortogonalidade, é comum que o pesquisador faça uso da ferramenta denominada *Cross Tabulation*, pertencente ao programa Goldvarb-X. Com a utilização desse recurso, são obtidos os percentuais de aplicação dos fatores de uma variável quando combinados aos fatores de outra variável.

5.3 Análise qualitativa

A análise qualitativa será desenvolvida neste trabalho por meio de análise de conteúdo. A análise de conteúdo pode ser definida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2000, p.42).

Assim, para que se compreenda melhor o estilo de vida dos habitantes de uma localidade, convém investigar o que esses indivíduos afirmam sobre seus hábitos, suas ações e seus pontos de vista. A análise de conteúdo, portanto, desenvolve-se a partir de dados que se encontram em textos (neste caso, em entrevistas sociolinguísticas) e, segundo Freitas e Janissek (2000), envolve a elaboração de deduções a respeito do conjunto desses dados. Para os autores, esse método de análise permite resumir e organizar as informações e obter generalizações para o grupo do qual participa determinado indivíduo.

Freitas e Janissek (2000) afirmam que a análise de conteúdo é um método de observação indireto, uma vez que o informante é analisado de acordo com o que expressa verbalmente (por meio da fala ou da escrita). Esse método permite ao pesquisador verificar a presença de opiniões subentendidas e motivos de satisfação ou insatisfação das pessoas. De acordo com esses autores, a análise de conteúdo “torna possível analisar as entrelinhas das opiniões das pessoas, não se restringindo unicamente às palavras expressas diretamente, mas também àquelas que estão subentendidas no discurso, fala ou resposta de um respondente” (FREITAS; JANISSEK, 2000, p.37).

Interessa, pois, à análise de conteúdo, interpretar a opinião dos informantes e atribuir a ela significado. A análise de conteúdo preocupa-se com o significado que os hábitos relatados pelos entrevistados possuem e procura entender, no caso deste estudo, como esses hábitos e opiniões podem estar relacionados à elevação ou preservação de /e/. Sendo esta uma pesquisa sociolinguística, supõe-se que as condições de vida do indivíduo, bem como seus hábitos e a

sócio-história da comunidade em que está inserido, sejam elementos que, juntamente com fatores intrínsecos à própria língua, influenciam sua maneira de falar.

A análise de conteúdo das entrevistas dos jovens florenses permitirá compreender que práticas sociais são dotadas de significado e podem estar relacionadas à elevação (ou preservação) de /e/. Além disso, se buscará compreender quais práticas são tradicionais e quais são inovadoras, para que se confirme se são os jovens que adotam práticas inovadoras aqueles que mais elevam a vogal /e/. Neste trabalho, a análise de conteúdo consistirá em ouvir as entrevistas sociolinguísticas realizadas com esses jovens, elencar suas opiniões e selecionar o que dizem a respeito de seus hábitos e de seu estilo de vida. Essas opiniões serão divididas de acordo com cinco categorias principais: *família*, *trabalho*, *estudo*, *lazer* e *religião*. Além dessas, considera-se outra categoria, associada aos tópicos *trabalho*, *estudo* e *lazer*, que é a categoria *deslocamento*.

No capítulo a seguir, são descritos os resultados da análise quantitativa da elevação da vogal média anterior átona, obtidos através do programa Goldvarb-X. Esses resultados serão discutidos por meio de análise de conteúdo das entrevistas com os informantes jovens de Flores da Cunha.

6 A ELEVAÇÃO DO /e/ ÁTONO EM FLORES DA CUNHA

Neste capítulo são apresentados os resultados da análise estatística, realizada de acordo com as variáveis descritas no capítulo anterior. A análise de conteúdo, apresentada na última seção deste capítulo, discutirá os resultados obtidos.

6.1 Resultados da análise estatística

Foram realizadas quatro rodadas de dados, nas quais alguns fatores foram amalgamados e outros, excluídos. Na primeira rodada, o número total de ocorrências foi de 26288, e o percentual de aplicação da regra foi de 51,3%. Na quarta rodada, houve diminuição do número total de contextos, que foi de 25708, e o percentual de elevação de /e/ foi de 50,7% (13022 ocorrências de elevação). A redução no total de contextos, de 26288 para 25708, ocorreu devido ao fato de que alguns fatores foram excluídos e outros amalgamados. Houve exclusão dos fatores *consoante africada* e *consoante lateral palatal* da variável Contexto Fonológico Precedente e de *consoante lateral palatal* de Contexto Fonológico Seguinte. O fator *consoante africada* foi eliminado devido ao fato de induzir a *knockout* e porque se considera que não é a consoante africada a desencadeadora do processo de elevação, mas sim que a vogal elevada é o fator que alimenta o processo de palatalização. A *consoante lateral palatal* foi eliminada da análise devido ao ínfimo número de contextos em que estava presente. As amalgamações realizadas serão descritas à medida que os resultados de cada variável forem apresentados.

Os resultados totais obtidos para aplicação e não aplicação da regra são apresentados na figura a seguir.

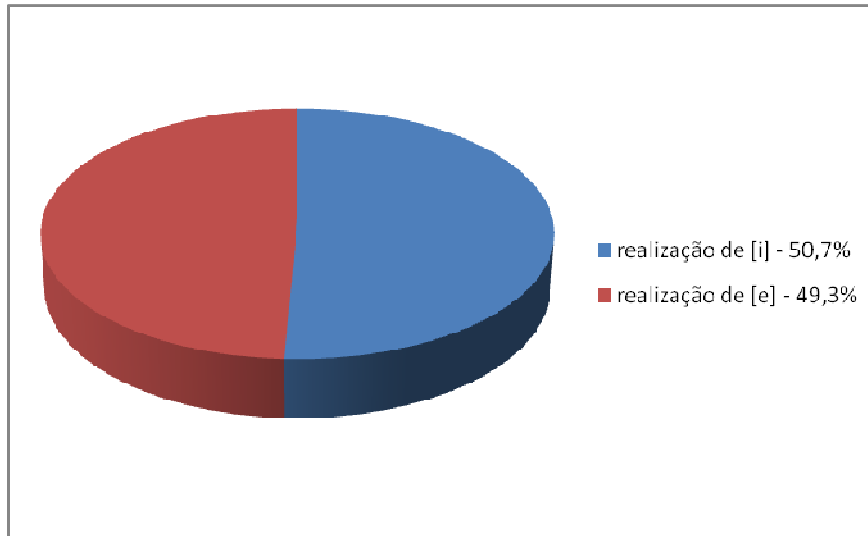


Figura 5: Elevação da vogal média anterior átona (/e/) em Flores da Cunha.

Os gráficos a seguir apresentam o valor total de aplicação da elevação e o índice de aplicação de acordo com a posição da sílaba na palavra. Esses gráficos comparam os percentuais de elevação da vogal /e/ em Flores da Cunha aos valores obtidos em outros estudos para o mesmo município ou para outras localidades de perfil similar. A separação dos estudos de acordo com a posição da vogal passível de elevação na palavra objetiva facilitar a visualização da aproximação ou distanciamento dos resultados aqui obtidos com os de outras pesquisas. Como se mencionou anteriormente, todos os trabalhos aqui revisados consideraram a elevação da vogal média em apenas uma posição na palavra (pretônica, postônica ou em clítico).

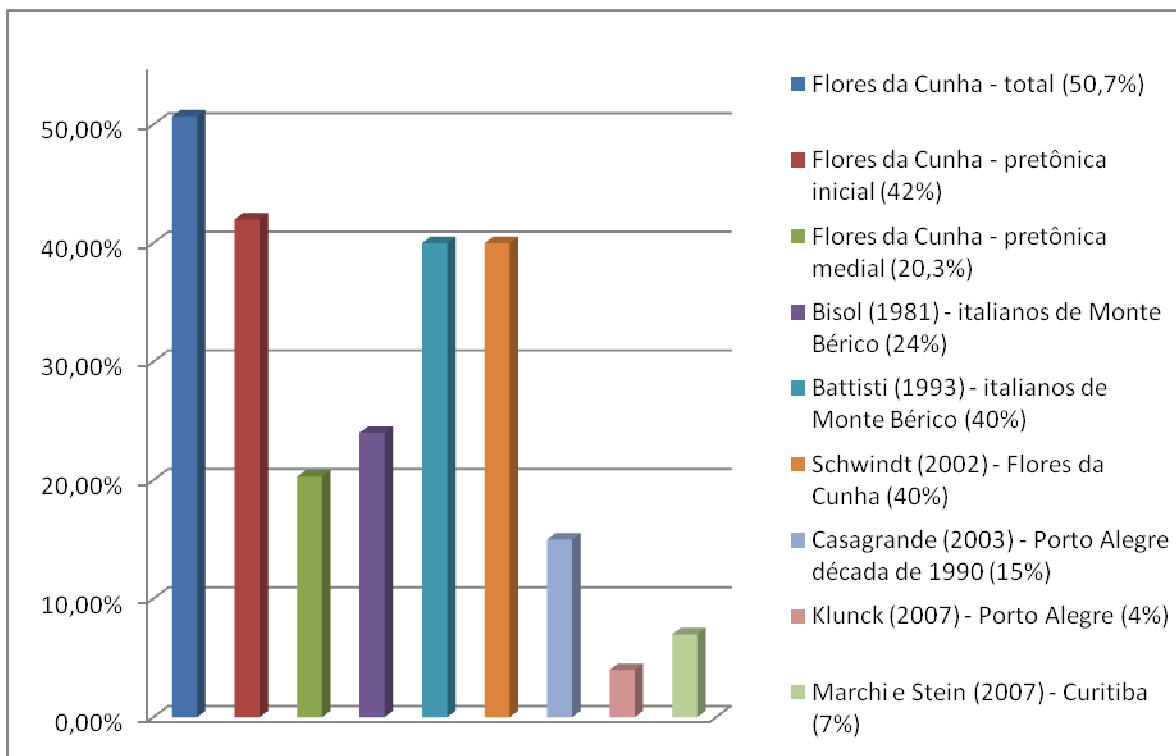


Figura 6: Comparação entre os percentuais obtidos em estudos sobre a elevação de /e/ pretônico. Os três primeiros valores correspondem a percentuais obtidos neste estudo.

Percebe-se que o percentual total obtido no presente estudo (50,7%) é superior ao de todas as análises em que se considerou a vogal média apenas em posição pretônica. Porém, os valores obtidos somente para as vogais pretônicas, sejam elas iniciais ou mediais, aproximam-se aos de outros trabalhos realizados.

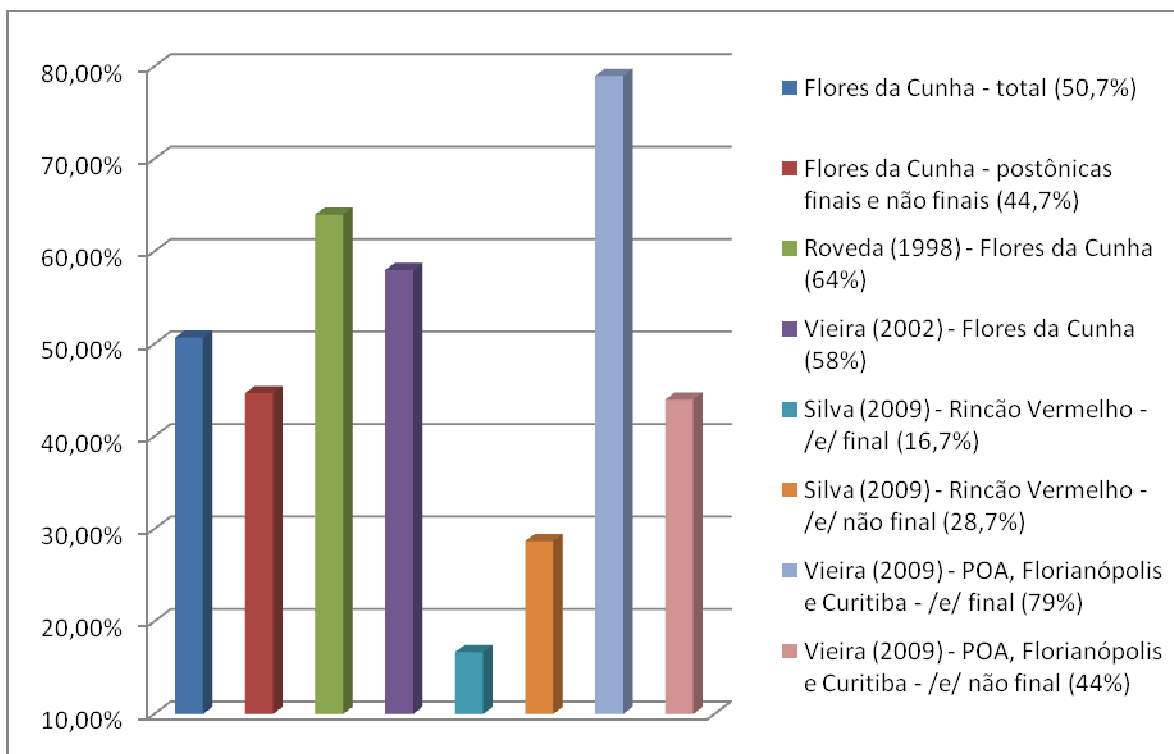


Figura 7: Comparação entre os percentuais obtidos em estudos sobre a elevação de /e/ postônico (final e não final). As duas primeiras colunas correspondem a percentuais obtidos neste estudo.

Com relação ao /e/ postônico, os resultados obtidos por este trabalho condizem com os de outros estudos realizados em Flores da Cunha (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002). O valor total de aplicação da regra (50,7%), além disso, está localizado em posição intermediária no gráfico, já que há índices muito superiores, como os 79% obtidos por Vieira (2009) em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, e outros muito inferiores, como os 16,7% obtidos por Silva (2009) em Rincão Vermelho. Deve-se ressaltar que o percentual de aplicação da regra em posição postônica em Flores da Cunha difere significativamente dos valores obtidos em estudos realizados em outras localidades do Sul do Brasil.

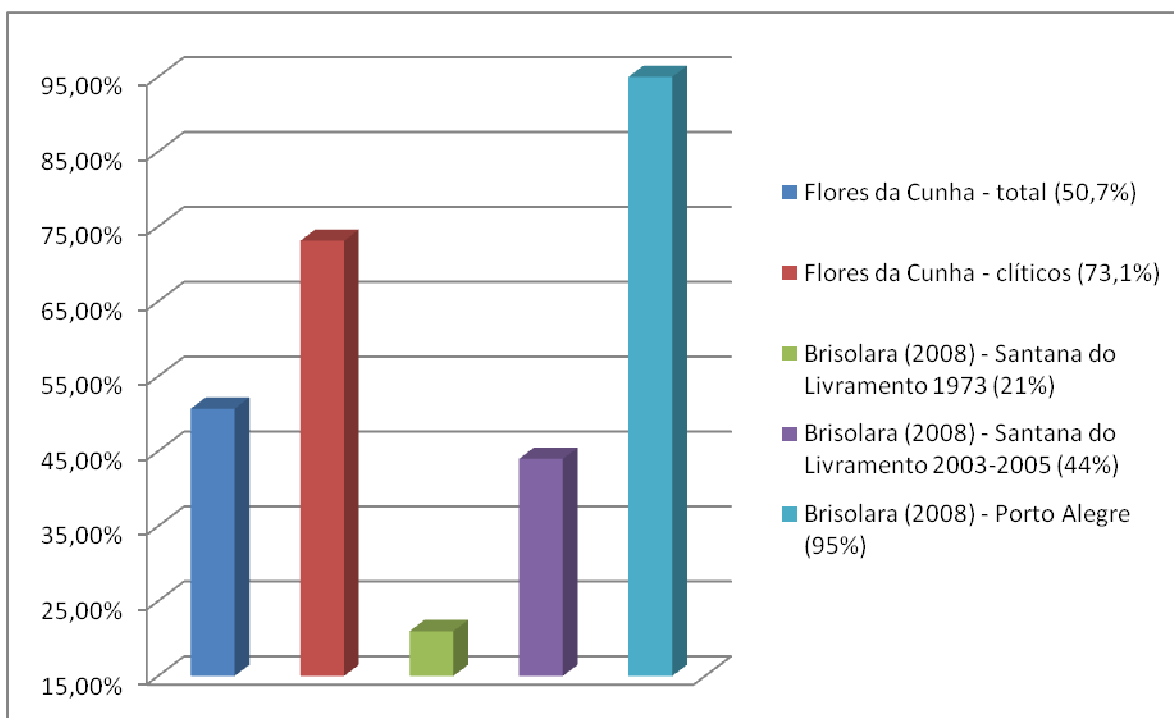


Figura 8: Comparação entre os resultados obtidos por Brisolara (2008) e por este estudo quanto à elevação de /e/ em clíticos.

Quanto aos clíticos, o percentual obtido em Flores da Cunha aproxima-se ao encontrado por Brisolara (2008) em Porto Alegre e difere grandemente do encontrado em Santana do Livramento. Deve-se destacar que o estudo de Brisolara (2008) levou em conta apenas os clíticos pronominais e que, no presente trabalho, o alto índice de aplicação da regra em clíticos (como *me*, *se*, *te*, *de*, *e* e *em*) fez com que o percentual total de elevação permanecesse acima de 50%.

A seguir, são apresentados os resultados da análise de regra variável da elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha. Todas as variáveis foram selecionadas pelo programa, e os resultados serão dispostos de acordo com a ordem em que os grupos de fatores foram descritos na seção 5.2.

6.1.1 Variáveis linguísticas

6.1.1.1 Presença de coda na sílaba

Como se pode verificar na tabela abaixo, sílabas com coda favorecem a elevação da vogal /e/, ao passo que sílabas sem coda condicionam negativamente a aplicação da regra.

Tabela 2: Presença de coda na sílaba

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Sílaba com coda (chaves, pescoço)	3748/5804	64.6	0.74
Sílaba sem coda (chave, medida)	9274/19904	46.6	0.42
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Entre os contextos, ocorreram apenas três possibilidades de coda: /S/, /N/ ou /R/. Não houve contextos com consoante lateral /l/ como coda silábica, e foram predominantes os contextos com coda nasal ou sibilante, nos quais a aplicação da regra alcançou índices muito altos.

Tipo de coda	/S/	/N/	/R/
Frequência de aplicação	70%	72%	1%

Quadro 15: Aplicação da regra de acordo com a consoante presente na coda silábica.

Em muitos contextos de sílaba fechada por /S/, a vogal média foi apagada. Por exemplo, surgiram ocorrências como *chaves*>*chavs*, *destruir*>*dstruir*. Na codificação, tal fenômeno foi registrado com o símbolo **1**, que marca a elevação. Já que não houve casos de apagamento onde a coda era nasal, o alto percentual de aplicação da regra, nesse caso, pode dever-se ao fato de existirem muitos dados de sílaba inicial com coda /N/ e sem *onset* (como *ensino*, *empresa* e *então*). O alto índice de elevação de contextos com coda /S/ também pode ter sido por isso motivado, visto a abundância de contextos como *escola*, *escada* e *estudo*.

Para verificar a possibilidade de a alta frequência de aplicação da regra em sílaba com coda estar relacionada à posição de /e/ na palavra, foi realizado um cruzamento entre as variáveis *Presença de coda na sílaba* e *Posição da vogal média na palavra*.

Posição da vogal/ Presença de coda	Inicial	Medial	Final/não final	Clítico
Com coda	73%	31%	55%	96%
Sem coda	15%	16%	42%	71%

Quadro 16: Aplicação da regra cruzando-se as variáveis *Presença de coda na palavra* e *Posição da vogal média na palavra*.

Um fato interessante a ser observado é que, em todas as posições silábicas, mesmo que a elevação não seja superior a 50%, a frequência de aplicação da regra é sempre maior em sílabas com coda. Entre as quatro posições consideradas, a vogal /e/ em sílaba com coda sofre mais elevação quando em sílabas iniciais ou em clíticos. Porém, há apenas um tipo de ocorrência de clítico em que há coda (preposição *em*). A aplicação da regra em sílabas finais ou não finais também é levemente predominante em sílabas com coda.

Um controle dos itens lexicais em que há combinação de posição inicial e sílaba com coda poderia reforçar a tese de que o alçamento é categórico em alguns casos. Além disso, como não se controlou a variável *Prefixação*, presente em outros estudos (BATTISTI, 1993), não se pôde averiguar se a presença de prefixos (como *des-*) contribui para a aplicação da regra.

É possível que a elevação da vogal média anterior átona seja favorecida pela combinação de sílaba com coda e sílaba sem *onset*. Isso será verificado na próxima seção.

6.1.1.2 Presença de *onset* na sílaba

Como pode ser observado na tabela a seguir, sílabas sem *onset* favorecem a aplicação da regra, enquanto que sílabas com *onset* são desfavorecedoras.

Tabela 3: Presença de onset na sílaba

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Sílaba sem onset (ensino, exige)	4356/4884	89.2	0.83
Sílaba com onset (destino, onde)	8666/20824	41.6	0.40
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

O fato de a sílaba não possuir ataque condiciona favoravelmente a elevação, em casos como *ensino, exige, empresa*. Como foi mencionado no capítulo anterior, segundo Battisti (1993), a elevação das vogais médias em posição inicial absoluta e com coda /S/ ou /N/ deve-se à confusão no emprego de certos prefixos durante a evolução da língua portuguesa. Na passagem do latim para o português, ao /S/ impuro de início de vocábulo foi acrescentada uma vogal, o que ocasionou uma ressilabação da palavra e fez com que essa consoante passasse a ser coda silábica.

Embora fosse esperado que os falantes de Flores da Cunha apresentassem tendência a manter o /e/ mesmo em posição inicial absoluta seguido de /S/, não se poderia atribuir uma possível preservação da vogal ao contato com a língua italiana, uma vez que, nesse idioma, também há existência de /S/ impuro em início de vocábulo (como *sbaglio* – erro, engano; *sfortunato* – azarado; e *stanco* – cansado).

No Dicionário de Italianismos, Battisti et al (2006) registram vocábulos dialetais transportados para a fala em língua portuguesa dos indivíduos da RCI. Entre as entradas listadas estão *estesso* (mesmo), *esquifo* (nojo) e *esporco* (sujo), os quais, no italiano padrão, são grafados, respectivamente, *stesso, schifo* e *sporco*. Na transcrição fonética desses itens, os autores indicaram não a presença de /S/ impuro no início dos vocábulos, mas sim a elevação da vogal média.

Percebe-se, portanto, que, mesmo na fala dialetal italiana ou na fala em língua portuguesa com características dialetais, a elevação da vogal /e/ pode ser considerada categórica em sílaba inicial em que não há *onset* e há coda /S/. Como não existe sílaba similar com /N/ na língua italiana ou nos dialetos falados na RCI, pode-se atribuir os altos índices de elevação de /e/ nesse contexto à questão da confusão entre os prefixos *en-* e *in-*, já verificada no português arcaico.

A fim de verificar a aplicação da regra em contextos com coda e sem *onset*, foi realizado um cruzamento entre as variáveis *Presença de coda na sílaba* e *Presença de onset na sílaba*.

Tipo de sílaba	Com <i>onset</i> e sem coda	Com <i>onset</i> e com coda	Sem <i>onset</i> e sem coda	Sem <i>onset</i> e com coda
Aplicação da regra	42%	39%	83%	95%

Quadro 17: Aplicação da regra de acordo com o tipo de sílaba.

Vale notar a polarização dos percentuais entre sílabas com *onset*, de um lado, e sílabas sem *onset*, de outro. É possível que o alto índice de aplicação da regra para sílabas sem *onset* e sem coda deva-se à abundância de contextos com clítico *e* (como “*e fez*”, “*e chamava*”), que foi considerado na análise. Entretanto, a elevação só pode ser considerada quase categórica para contextos em que não há *onset*, mas há coda. Assim, atesta-se o que já havia sido afirmado em outros estudos (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007): que contextos em que há vogal /e/ em posição inicial absoluta, seguida de coda /S/ ou /N/, são elevados categórica ou quase categoricamente. Em estudos futuros realizados na RCI acerca da elevação vocálica, contextos como *escola*, *então* e *ensino* podem ser excluídos da análise quantitativa. Nesta pesquisa, porém, optou-se por manter essas ocorrências, pelo fato de que se objetivava controlar os clíticos *e*, que não possui coda nem *onset*, e *em*, que não possui *onset* mas apresenta coda.

6.1.1.3 Vogal da sílaba seguinte

Em estudos anteriores (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; CASAGRANDE, 2003), a presença de vogal alta na sílaba seguinte mostrou-se fator favorecedor à aplicação da elevação, o que caracterizaria o fenômeno como *harmonização vocálica*. Nesta análise, embora não possuidor da maior frequência de aplicação, o fator *vogal alta* é o único que condiciona favoravelmente a aplicação da regra. Os resultados correspondentes a esta variável estão dispostos na tabela 4:

Tabela 4: Vogal da sílaba seguinte

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Vogal alta (medida)	2137/4152	51.5	0.60
Vogal média (sereno)	5226/9460	55.2	0.51
Zero (onde)	3743/8355	44.8	0.46
Vogal baixa (gelada)	1916/3741	51.2	0.41
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Os fatores *vogal média* e *zero* podem ser considerados neutros, enquanto que o fator *vogal baixa* é desfavorecedor à aplicação da regra. A leve discrepância entre o percentual de aplicação (frequência) e o peso relativo desses fatores deve-se à interação da variável com outros grupos de fatores. No primeiro nível do *step up*, em que as variáveis vão sendo acrescentadas à rodada e cada uma é analisada separadamente, os pesos relativos obtidos para os fatores desse grupo corresponderam às frequências de aplicação (*vogal média* com 0.54; *vogal alta* e *vogal baixa* com 0.50; e *zero* com 0.44). Ao chegar ao nível seis do *step up* e interagir com os grupos *Idade*, *Presença de coda na sílaba*, *Posição da vogal média na palavra*, *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte*, os fatores da variável *Vogal da sílaba seguinte* já apresentavam valores aproximados aos dispostos na tabela 4.

Ao contrário de outros estudos, não se controlou a existência de sequências de vogais altas na palavra (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; CASAGRANDE, 2003); tampouco, no caso das postônicas, foi considerado o fato de haver vogal alta na sílaba anterior ou na sílaba tônica (VIEIRA, 2002, 2009; SILVA, 2009).

Deve-se ressaltar que, segundo Câmara Jr. (2000 [1970]), a elevação das vogais médias ocorre com frequência quando há vogal alta, homorgânica ou não, na sílaba seguinte. Esse fenômeno, conhecido como harmonização vocálica, faz com que as vogais médias se neutralizem em palavras como *segunda*>*sigunda*, *pedido*>*pidido*, *coruja*>*curuja* e *bonito*>*bunito*. A harmonização vocálica é mais passível de ocorrer quando a vogal alta está na sílaba tônica e em sequência silábica C(C)V(C)'CVCV, sendo que a primeira vogal (V) é aquela que sofrerá harmonização.

Para Câmara Jr. (2000 [1970]), a harmonização só será evitada pelo falante quando estiver em jogo a clareza comunicativa. É o caso, por exemplo, do vocábulo *comprido* (longo), que, se for pronunciado *c[u]mprido*, pode confundir-se com outra palavra da língua portuguesa. Outro caso em que não é comum ocorrer harmonização em derivados é quando a vogal média passível de elevação, no vocábulo primitivo, é tônica.

O quadro a seguir apresenta os índices de elevação de /e/ levando-se em conta a vogal da sílaba seguinte (*alta*, *média* ou *baixa*) e as posições em que poderia ocorrer harmonização vocálica (*pretônica inicial*, *pretônica medial* e *clítico*). Embora até o presente momento nenhum estudo tenha testado sua participação na regra de harmonização vocálica, o fator *clítico* foi acrescentado no quadro a seguir.

Vogal da sílaba seguinte/ Posição de /e/ na sílaba	<i>Alta (/i,u/)</i>	<i>Média (/e, ε, o, ə, ã/)</i>	<i>Baixa (/a/)</i>
Pretônica inicial	42%	47%	26%
Pretônica medial	28%	16%	17%
Clítico	73%	74%	70%

Quadro 18: Aplicação da regra considerando-se a vogal da sílaba seguinte e a posição da vogal média /e/ na palavra.

No quadro acima, percebe-se que o fator *vogal baixa na sílaba seguinte* é o menos favorecedor à elevação da vogal média anterior átona, ainda que, quando combinado ao fator *clítico*, tenha alcançado frequência de 70%. O fator *vogal alta* apresentou índices mais altos do que as outras vogais na posição *pretônica medial* (caso da palavra *aperitivo* > *apiritivo*, por exemplo). Em posição *pretônica inicial* ou em *clítico*, a frequência de aplicação da elevação foi maior quando havia vogal média na sílaba seguinte, embora, neste último caso, o percentual obtido para *vogal alta* tenha sido bem aproximado. Nota-se que o fator *clítico* alcançou percentuais bem altos para os três tipos de vogal considerados, o que permite observar que a vogal média do clítico não sofre harmonização vocálica. Espera-se que esse fator, na variável *Posição da vogal média na palavra*, se mostre favorecedor à aplicação da regra.

6.1.1.4 Posição da vogal média na palavra

Nesta variável, mostrou-se favorecedor o fator *clítico*. *Postônica final ou não final* teve papel neutro, enquanto que os fatores *pretônica inicial* e *pretônica medial* mostraram-se desfavorecedores à aplicação da regra. Os resultados para esta variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 5: Posição da vogal média na palavra

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Clítico (me, se)	6360/8702	73.1	0.71
Postônica Final/não-final (nome, pêssego)	3753/8402	44.7	0.49
Pretônica Inicial (pedido)	2245/5340	42.0	0.29
Pretônica Medial (alegria)	664/3264	20.3	0.27
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Como não há registro de estudos que tenham considerado a elevação da vogal média anterior átona tanto em posição pretônica quanto em posição postônica, não se podem comparar os pesos relativos aqui obtidos com os encontrados em outras análises. Quanto à frequência de aplicação da regra, porém, o percentual obtido para a elevação em posição postônica final, em outras pesquisas, muitas vezes superou 50% (ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002, 2009), enquanto que, em posição pretônica, apresentou-se como relativamente baixo (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007; GRAEBIN, 2008). Quanto à elevação das vogais médias em clíticos pronominais, a frequência obtida para a amostra de Porto Alegre foi de 95%, ao passo que, na amostra de 2003-2005 de Santana do Livramento, esse índice não passou de 44% (BRISOLARA, 2008).

O estudo de processos fonológicos envolvendo clíticos é problemático, uma vez que o clítico, partícula átona que se associa a um vocábulo acentuado, pode ser considerado tanto como parte da palavra fonológica quanto como um elemento relacionado por locução a uma outra palavra, constituindo, sozinho, uma palavra fonológica. O grupo clítico, para Bisol (2001), é um constituinte intermediário da hierarquia prosódica, estando acima da palavra fonológica e abaixo da frase fonológica. Segundo a autora, *constituente* “é uma unidade

linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante / dominado” (BISOL, 2001, p.229). O diagrama a seguir ilustra a disposição dos constituintes prosódicos.

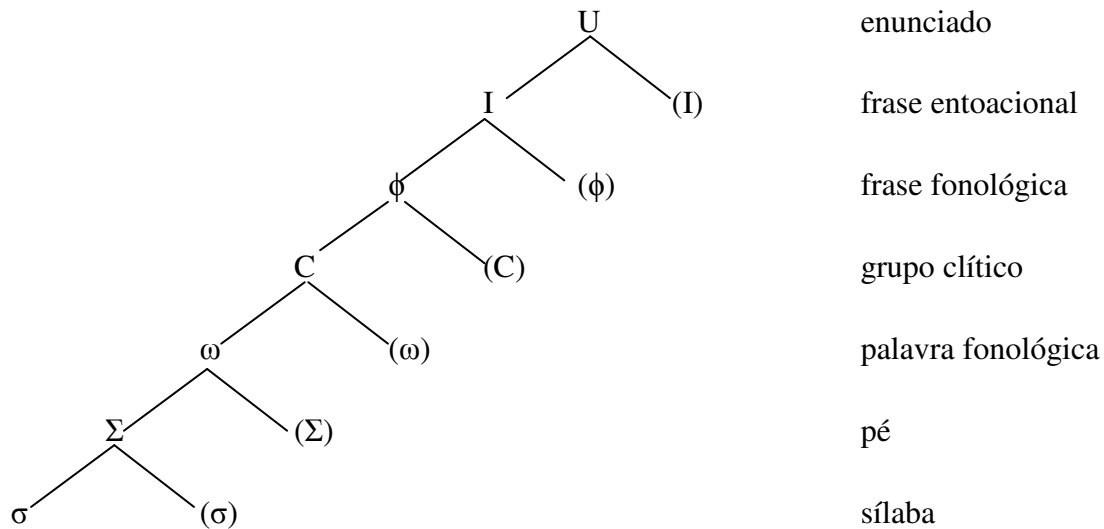


Figura 9: Disposição hierárquica dos constituintes prosódicos (BISOL, 2001, p.230).

Para Bisol (2001), os clíticos do português apresentam certa independência, ainda que se submetam às mesmas regras da palavra fonológica. No entanto, a autora afirma ser comum considerar-se o clítico como elemento da palavra fonológica. Há, assim, duas representações para as expressões *me leve* e *leve-me*, por exemplo:

	(a) Como uma palavra fonológica	(b) Como um grupo clítico
<i>me leve</i>	[me levi]ω	[[mi]ω[levi]ω]C
<i>leve-me</i>	[levemi]ω	[[levi]ω[mi]ω]C

O modelo (b), segundo Bisol (2001), é representativo do português, e nele o clítico se comporta com certa independência, embora sofra a regra de neutralização tal qual a palavra de acento próprio. Pode-se afirmar, então, que o grupo clítico é a combinação de um clítico a uma palavra acentuada adjacente, ou seja, é uma locução.

Brisolara (2008) defende a existência de uma escala prosódica sem o Grupo Clítico, embora concorde que a sequência ‘clítico-hospedeiro’ seja passível de sofrer processos fonológicos em algumas línguas. No português brasileiro, por exemplo, tanto proclíticos (clíticos antes de hospedeiro) como enclíticos (clíticos após o hospedeiro) podem sofrer neutralização. Segundo a autora, o clítico, por não ter se mostrado sensível à regra de harmonia vocálica, comporta-se como sílaba átona final, sofrendo neutralização, e não como pretônica. De fato, um novo exame do quadro 18 permite concluir que vogais médias, baixas ou altas em sílaba seguinte têm praticamente a mesma influência na frequência de aplicação da regra em clíticos (entre 70% e 74%).

Neste estudo, não se pode dizer que os clíticos tenham comportamento semelhante ao das sílabas átonas finais, uma vez que, na rodada de dados, a posição postônica final/não final foi considerada neutra. Os clíticos apresentam comportamento peculiar, diferente das outras posições. Combinados às outras variáveis, são altamente favorecedores à aplicação da regra. Entretanto, muitas das ocorrências de clíticos são a preposição *em* e a conjunção *e*, as quais, não possuindo *onset* (e a primeira possuindo coda /N/) podem apresentar frequência de elevação quase categórica.

A fim de verificar que papel as outras posições silábicas teriam na elevação da vogal média anterior, foi realizada uma rodada de dados sem o fator *clítico*. Nesta nova análise, o percentual total de aplicação da regra cai para apenas 39,2% e, surpreendentemente, o único grupo de fatores excluído é justamente *Posição da vogal média na palavra*.

A tabela abaixo mostra os resultados obtidos para essa variável sem a presença do fator *clítico*.

Tabela 6: Posição da vogal média na palavra (sem fator clítico)

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Postônica Final/não-final (nome , pêssego)	3753/8402	44.7	0.52
Pretônica Inicial (pedido)	2245/5340	42.0	0.49
Pretônica Medial (alegria)	664/3264	20.3	0.46
TOTAL	6662/17006	39.2	-

Input 0.345

Significância 0.161

Deve-se destacar que, embora os pesos relativos dos fatores da variável *Posição da vogal média na palavra* tenham se mantido em torno do ponto neutro com a ausência do fator *clítico*, os fatores das demais variáveis preservaram os pesos relativos obtidos na rodada anterior. Percebe-se, então, que o *clítico* é um fator altamente favorável à elevação de /e/; sem ele, a variável perde sua relevância, uma vez que os outros fatores que a compõem não apresentam papel significativo na aplicação da regra.

Um fato interessante é que a presença do fator *clítico* faz com que o percentual total de aplicação da regra alcance mais de 50%, um valor considerado relativamente alto para a localidade pesquisada. É possível, portanto, pensar que a elevação da vogal média anterior átona seja um fenômeno inovador que está impondo-se na fala da comunidade primeiramente através dos clíticos (como *de, me, se, e, em e te*), para depois atingir as pautas postônica e pretônica.

6.1.1.5 Contexto fonológico precedente

Nesta variável, os fatores, que antes somavam treze, posteriormente se reduziram a sete. Pelo escasso número de contextos, o fator *consoante lateral palatal* foi excluído da análise. O fator *consoante africada* também foi excluído, por considerar-se que as africadas, consoantes resultantes do processo de palatalização, não alimentam a elevação da vogal /e/, mas, sim, são alimentadas por ela.

A exclusão do fator *vogal*, devido à escassez de dados, chegou a ser efetuada, mas esse fator retornou à análise depois que se percebeu que sua ausência acarretava a eliminação da variável *Presença de onset na sílaba*.

Algumas amalgamações foram efetuadas: *consoante fricativa alveolar* e *consoante fricativa alveopalatal* foram reunidas num só fator, enquanto que *vibrante, tepe, consoante lateral* e *consoante nasal* passaram a formar outro fator único. A inclusão de *consoante nasal* neste último fator deve-se ao fator de não ter sido registrado nenhum contexto com consoante nasal palatal (/ɲ/) precedente. Se a presença de nasal palatal antes da vogal passível de elevação houvesse sido registrada, esta não poderia ser agrupada aos demais fatores, devido ao seu diferente ponto de articulação.

A tabela 7 apresenta os resultados obtidos para esta variável.

Tabela 7: Contexto fonológico precedente

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Cons. oclusiva velar (querido)	2595/3307	78.5	0.75
Zero (elevador)	4154/4628	89.8	0.58
Cons. fricativa (quase, hoje)	1808/4484	40.3	0.52
Vogal (coelhinho)	202/271	74.5	0.43
Cons. lateral, nasal, vibrante, tepe (mole)	1736/4967	35.0	0.42
Cons. oclusiva alveolar (onde)	2302/6682	34.5	0.38
Cons. oclusiva labial (perigo)	225/1369	16.4	0.28
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Mostram-se favorecedores à aplicação da regra os fatores *consoante oclusiva velar* e *zero*. São desfavorecedores o grupo formado por *consoante lateral, nasal, vibrante e tepe*, e os fatores *consoante oclusiva alveolar* e *consoante oclusiva labial*. O fator *consoante fricativa* pode ser considerado neutro.

Embora com peso relativo de 0.43, o fator *vogal*, devido à escassez de contextos, não pode ser considerado favorável ou desfavorável à elevação de /e/. Além disso, há, nesse fator, um enviesamento entre os valores equivalentes à frequência e ao peso relativo. Outro leve enviesamento existente nesta variável é entre os dois fatores favorecedores à aplicação da regra. O percentual de aplicação do fator *zero* supera o das *consoantes oclusivas velares*. Pode-se dizer que essa disparidade nos dados se deve à interação da variável com outros grupos de fatores.

Assim como na maioria dos estudos revisados no capítulo anterior, a consoante oclusiva velar mostra-se favorável à elevação de /e/. As consoantes velares (/k,g/) são dorsais, o que significa que são articuladas perto do ponto onde /i/ é produzido. Sendo assim, elas têm ponto de articulação mais alto, mais próximo ao palato, e por isso são candidatas mais fortes a contribuírem com a elevação de /e/, e não de /o/, que, assim como a vogal /u/, é produzido com o arredondamento dos lábios.

Viu-se anteriormente que sílabas sem *onset* favorecem a elevação da vogal média /e/. Condizente com isso está o fato de que o fator *zero* condiciona positivamente a aplicação da regra. Deve-se lembrar que muitos dos casos em que não há *onset* silábico são de palavras iniciadas por /e/ seguido de coda /S/ ou /N/. Há também um grande número de casos de preposição *em* e conjunção *e*, que, como clíticos, favorecem a aplicação da regra. Entretanto, há muitos casos de palavras como *exatamente*, *existe*, *existiu* e *exagero*, as quais são frequentemente pronunciadas pelos falantes de Flores da Cunha com a vogal média inicial elevada.

Percebe-se que a elevação de /e/ é desfavorecida por consoantes de articulação coronal. Consoante lateral, vibrante, tepe, consoante nasal /n/ e consoante oclusiva alveolar (/t,d/) são todas produzidas com a ponta da língua tocando os alvéolos ou os dentes. Seu ponto de articulação, portanto, é bem distante do da vogal /i/, o que faz desses segmentos fortes candidatos ao condicionamento negativo da regra. As consoantes labiais (/p,b/ e também a nasal /m/) são produzidas com o arredondamento dos lábios e, por isso, tendem a contribuir mais usualmente com a elevação de /o/, não de /e/.

Ao fator *consoante fricativa* foi atribuído papel neutro, mesmo com a presença de consoantes fricativas alveopalatais (/ʃ,ʒ/), as quais, produzidas na parte central da boca, poderiam condicionar a aplicação da regra. Entretanto, já na primeira rodada, na qual os fatores ainda não haviam sido amalgamados, o fator *consoante fricativa alveopalatal* alcançou índices parecidos aos do fator *consoante fricativa alveolar*, o que indica que o fato de a vogal /e/ ser precedida por uma consoante fricativa não tem papel relevante na elevação ou preservação da vogal média anterior átona.

6.1.1.6 Contexto fonológico seguinte

Inicialmente, eram dez os fatores que compunham esta variável. Ao longo das rodadas, porém, o fator *consoante lateral palatal* foi excluído, dada a escassez de contextos. Os fatores *consoante fricativa alveolar*, *consoante fricativa alveopalatal* e *consoante africada* foram amalgamados, bem como os fatores *consoante lateral* e *vibrante/tepe*.

A tabela 8 traz os resultados relativos ao grupo de fatores *Contexto fonológico seguinte*.

Tabela 8: Contexto fonológico seguinte

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Zero (gente)	2791/6637	42.1	0.66
Vogal (teatro)	2254/2872	78.5	0.61
Cons. oclusiva (corredor)	1880/3960	47.5	0.48
Cons. fricativa e africada (evento, mexeu)	2996/6007	49.9	0.47
Cons. nasal (veneno)	2900/4510	64.3	0.38
Cons. lateral, vibrante, tepe (elemento)	201/1722	11.7	0.15
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Os fatores *zero* e *vogal* são favoráveis à aplicação da regra, ao passo que *consoante nasal* e *consoante lateral, vibrante, tepe* mostram-se desfavoráveis. *Consoante oclusiva* e *consoante fricativa* mantiveram-se em torno do ponto neutro e, portanto, não condicionam favorável nem desfavoravelmente a elevação de /e/. O enviesamento que pode ser percebido na tabela 8 começa a ocorrer já no segundo nível da análise estatística, quando a variável passa a interagir com *Contexto fonológico precedente*.

Nesta variável, assim como em *Contexto fonológico precedente*, o ponto de articulação do segmento parece estar relacionado à elevação ou preservação da vogal média. Consoante lateral, vibrante e tepe, que formam o fator menos favorecedor à aplicação da regra, possuem uma articulação coronal e menos alta, o que os afasta do ponto em que a vogal /i/ é produzida.

Entretanto, devido à escassez de ocorrências, as consoantes oclusivas tiveram de ser agrupadas em um só fator, bem como as nasais e as fricativas/africadas. Essa distribuição privilegiou o modo, e não o ponto de articulação desses segmentos. Se os fatores dessas variáveis fossem arranjados de outra forma, é possível que os resultados obtidos fossem outros e mesmo que os enviesamentos fossem evitados.

O fator *zero*, embora não com frequência elevada, é o indicado pelo programa computacional como o mais favorecedor à aplicação da regra. Isso está de acordo com o

proposto por Câmara Jr. (2000 [1970]) acerca do comportamento das vogais médias em posição final. Segundo ele, no dialeto carioca, /e/ passa a [i] e /o/ passa a [u] em final de palavra (ou seja, quando não há contexto seguinte). Pode-se pensar, dados os resultados desta análise, que a comunidade estudada estaria se encaminhando para a realização neutralizada das vogais médias finais, o que contrariaria uma das hipóteses deste estudo, segundo a qual, devido à influência da fala dialetal italiana, as vogais médias tendem a ser preservadas em final de palavra. No entanto, o enviesamento presente nos resultados desta variável não permite concluir definitivamente que a comunidade apresente tendência à elevação de /e/ quando não há contexto seguinte.

6.1.2 Variáveis extralinguísticas

6.1.2.1 Gênero

Os resultados obtidos para a variável *Gênero* mantêm-se em torno do ponto neutro. Surpreende, pois, que esse grupo de fatores não tenha sido excluído pelo programa.

Tabela 9: Gênero

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Feminino	6900/13226	52.2	0.51
Masculino	6122/12482	49.0	0.48
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.001

O fator *feminino* apresentou frequência e peso relativo levemente superiores aos obtidos pelo fator *masculino*. No entanto, esses valores são tão aproximados que não apontam para nenhuma tendência específica. Tendo em vista que a elevação da vogal média anterior átona é um fenômeno tão sutil que muitas vezes pode passar despercebido ao ouvido dos indivíduos, não se pode afirmar que as formas alçadas detenham maior ou menor prestígio.

Desse modo, ao contrário do que se poderia esperar, as mulheres não adotam com mais frequência a forma inovadora (elevada), uma vez que esta não tem *status* social muito diverso do da forma não elevada.

6.1.2.2 Idade

Nesta variável, conforme o esperado, as faixas etárias mais jovens obtiveram pesos relativos mais altos. A tabela abaixo traz os resultados para esse grupo de fatores:

Tabela 10: Idade

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
18 a 30 anos	3999/6786	58.9	0.61
31 a 50 anos	3400/6253	54.4	0.55
51 a 70 anos	3291/6674	49.3	0.48
71 anos ou mais	2332/5995	38.9	0.32
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Os fatores *18 a 30 anos* e *31 a 50 anos* mostram-se favorecedores à aplicação da regra, com probabilidade de 0.61 e 0.55, respectivamente. Enquanto a faixa etária que vai dos 51 aos 70 anos se mostra neutra, o fator *71 anos ou mais* apresenta papel desfavorável à aplicação da regra.

O fato de as faixas etárias mais jovens estarem introduzindo a forma inovadora na comunidade pode ser indício de que esteja havendo ali mudança em progresso. O cruzamento entre a variável social *Idade* e a variável linguística *Posição da vogal média na palavra* indica que, em posição final, são os falantes com menos de 30 anos os que apresentam maior frequência de aplicação da regra – é a única faixa etária que eleva a vogal /e/ em mais de 50% dos casos. Veja-se o quadro 19:

Idade/ Pos. de /e/ na palavra	18 a 30 anos	31 a 50 anos	51 a 70 anos	71 anos ou mais
Pretônica Inicial	43%	43%	41%	42%
Pretônica Medial	25%	21%	17%	18%
Post. Final/Não final	55%	48%	45%	28%
Clítico	83%	78%	74%	56%

Quadro 19: Aplicação da regra de acordo com a idade do informante e a posição da vogal média na palavra.

Embora as quatro faixas etárias tenham obtido frequências aproximadas quanto à realização de /e/ em posição pretônica inicial ou medial, há, em posição postônica final ou não final, uma grande diferença entre as faixas etárias mais jovens e o grupo com idade de 71 ou mais anos. Isso poderia ser um indicador de que os falantes mais jovens de Flores da Cunha, a exemplo dos indivíduos das regiões brasileiras onde a neutralização é categórica em posição postônica final, estão liderando o processo de elevação especialmente nesse contexto, no qual a vogal média é mais sensível ao alçamento.

Quanto ao grupo clítico, embora as faixas etárias intermediárias apresentem frequências muito altas, é novamente o fator *18 a 30 anos* que obtém o maior percentual de aplicação (83%). Esse valor distancia-se grandemente da frequência atribuída à faixa *71 anos ou mais*, que é de 56%. Mesmo com o menor valor entre todos os grupos etários, os falantes de idade mais avançada apresentaram percentual acima de 50% para o alçamento de /e/ em clíticos, o que volta a atestar o papel favorecedor desse constituinte na aplicação da regra.

6.1.2.3 Local de residência

Esperava-se, no início deste estudo, que os valores probabilísticos obtidos para os fatores *zona urbana* e *zona rural* fossem bastante diferentes entre si. Após a rodada de dados, tal hipótese confirmou-se, e o fator *zona urbana* mostrou-se favorecedor, com peso relativo de 0.55, enquanto que *zona rural* apresentou peso relativo de 0.44 e é, assim, fator desfavorecedor à aplicação da regra.

Tabela 11: Local de residência

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Zona Urbana	6848/12647	54.1	0.55
Zona Rural	6174/13061	47.3	0.44
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Os indivíduos da zona rural de Flores da Cunha mantêm contato mais estreito com a língua dialetal italiana, chegando a praticá-la diariamente com seus familiares e vizinhos. Esse fato pode contribuir para que, em língua portuguesa, algumas características dialetais se mantenham, como a preservação do /e/ átono. Os habitantes de zona urbana, além disso, deslocam-se com mais frequência aos centros urbanos próximos, como Caxias do Sul e Vacaria. Deve-se ressaltar, porém, que algumas fichas de entrevista de moradores da zona rural registram que esses indivíduos, devido ao trabalho em vinícolas ou com fins de lazer, têm por hábito viajar regularmente.

A vida do habitante rural está fortemente ligada à manutenção das raízes. É na zona rural que a maioria dos almoços e jantares festivos (chamados de *menarosto*) é realizada. Para a organização desses eventos, grande parte dos moradores das comunidades se engaja, seja na divulgação, na obtenção de recursos, na preparação dos alimentos ou no momento de servir aos visitantes.

Na próxima seção, serão apresentados os resultados da análise de conteúdo realizada a partir das oito entrevistas sociolinguísticas de informantes com idade entre 18 e 30 anos, tanto de zona urbana como de zona rural, do município de Flores da Cunha. Suas afirmações sobre práticas sociais diárias podem contribuir para que se entendam os padrões de elevação da vogal média anterior átona na localidade. Procurar-se-á entender como vive o habitante jovem de Flores da Cunha, o que pensa a respeito de sua cidade e de sua região, que tradições são preservadas, que práticas sociais são inovadoras, entre outros aspectos.

6.2 Discussão dos resultados

Partindo-se do pressuposto de que o fenômeno estudado tem valor simbólico e social e está associado ao sistema de práticas da comunidade, torna-se necessário, para que se conheçam os mecanismos que motivam a escolha de uma ou outra alternante, compreender que práticas sociais são consideradas tradicionais, isto é, que práticas estão relacionadas à manutenção de costumes italianos, e qual é a importância atribuída pelos falantes a essas práticas. Como afirmado anteriormente, essas práticas sociais são conservadoras e associam-se à produção de /e/, à preservação da vogal frente à elevação.

Será realizada análise de conteúdo das entrevistas dos oito informantes jovens (entre 18 e 30 anos), moradores de zona urbana e rural, visto que neste grupo etário foi obtido o mais alto índice de elevação da vogal média /e/. Os jovens, por elevarem mais a vogal /e/, estariam se afastando da pronúncia associada ao contato com a fala dialetal italiana e promovendo mudança linguística na comunidade estudada.

Através da análise das entrevistas, se procurará entender se as práticas sociais dos jovens florenses são diferentes das práticas associadas às faixas etárias superiores. Se forem diferentes, será preciso compreender que valor é atribuído às novas práticas (dos jovens) e às práticas tradicionais, relacionadas à manutenção de costumes dos imigrantes italianos. Será preciso compreender, ainda, em que medida os jovens se engajam em práticas consideradas tradicionais e como convivem com os fatores *inovador* e *tradicional*.

6.2.1 Identidade, cultura e práticas sociais

Viu-se anteriormente que práticas sociais são maneiras influenciadas sócio-historicamente de se fazer algo, são empreendimentos comuns a indivíduos que participam de um mesmo grupo ou comunidade (WENGER, 1998; ECKERT, 2000). Viu-se também que uma comunidade de prática, como uma família, um grupo de pesquisa ou uma associação de bairro, se estrutura em torno de práticas definidas e que, ainda que seus participantes não

adotem as mesmas funções ou exatamente as mesmas práticas, estas possuem valor simbólico e se constituem como experiências para os indivíduos.

Em Flores da Cunha, considerada neste estudo como comunidade de fala, há a preservação de práticas sociais relacionadas a um sentimento de pertença à localidade e à própria *identidade* dos indivíduos e do grupo. Segundo Woodward (2005), a identidade é relacional, ou seja, é marcada pela diferença. A identidade, assim, sustenta-se pela exclusão (*nós somos o que vocês não são*), e sua construção é tanto simbólica quanto social. Woodward (2005) destaca que as vestes, os adornos, o modo de falar e os hábitos de um sujeito associam-se à sua identidade e o diferenciam das pessoas pertencentes a outros grupos. Quando um forte sentimento de pertença a um grupo soma-se à atribuição de um valor positivo a ele, características que o diferenciam de outros podem ser ressaltadas, reforçadas. Pode-se pensar, quanto à variação linguística, que quando o valor atribuído pelos indivíduos a seu grupo é positivo, características próprias de sua fala podem se acentuar, e a variação, neste caso, efetivamente passa a ser mais uma das práticas do grupo.

Para Oliveira (1976), a noção de identidade contrastiva ou relacional pode ser considerada a essência da identidade étnica, que, por sua vez, consiste em um caso específico de identidade social. O autor afirma que um indivíduo somente assinalará seu pertencimento a determinado grupo quando for confrontado com um grupo diferente; quando em companhia de seu próprio grupo⁹ ou quando o grupo a que pertence encontra-se em isolamento, o indivíduo “não tem necessidade de qualquer designação específica” (OLIVEIRA, 1976, p.36).

Em Flores da Cunha, se poderia pensar que uma das formas de pertencimento à comunidade ítalo-descendente e de manifestação da identidade italiana é a realização das festas e almoços de igrejas ou comunidades rurais. Nessas festas, em que são servidos alimentos considerados *típicos, tradicionais*, como polenta, lessò (carne cozida em água fervente) e *piem* (pasta feita de carne embutida em pele de pescoço de galinha¹⁰), os preparativos ficam a cargo dos moradores das comunidades rurais; o almoço e as atividades posteriores (jogo de futebol ou de carta, por exemplo) são reservados apenas para visitantes, os quais, na maioria das vezes, vêm de outras comunidades rurais, da zona urbana ou mesmo de outros municípios. Sendo assim, a *identidade local* apresenta-se aos forasteiros por meio

⁹ Oliveira (1976) utiliza-se de grupos indígenas para exemplificar o conceito de identidade étnica. Neste trabalho, pode-se pensar nos grupos de imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul em fins do século XIX.

¹⁰ As definições de *lessò* e *piem* estão de acordo com o *Dicionário de Italianismos* (BATTISTI ET AL, 2006).

de festas como essas, em que os habitantes da comunidade rural demonstram seus hábitos, seus costumes e reforçam seu pertencimento ao grupo ítalo-descendente. Essas festas, além disso, são práticas sociais que podem ser consideradas como elementos de memória, uma vez que unem os indivíduos do presente aos hábitos mantidos por seus ancestrais nos primórdios da imigração.

A memória é um elemento importante para a construção da identidade de um grupo, pois acentua as diferenças existentes entre ele e outras comunidades. Zanini (2006, p.23) compreende memória como “uma ligação entre o eu e o mundo no qual as experiências significativas tomam lugar”. Através da preservação ou da reconstrução das memórias, pode-se fazer com que as raízes do grupo sobrevivam e com que o passado conviva com o presente. Cada grupo, para a autora, possui uma memória coletiva, a qual retoma elementos do passado para indicar como seus indivíduos devem perceber-se atualmente. A identidade étnica de um sujeito é determinada pela memória de seu grupo, ainda que nessa memória estejam incluídas inúmeras tradições inventadas. Segundo Zanini (2006), as tradições inventadas são recriações levadas a cabo pelo grupo ao procurar reconstruir seu passado.

Oliven (2006) e Zanini (2006) apontam a existência de guardiões da memória nos grupos, indivíduos que possuem a função de preservar a memória coletiva de uma comunidade ou de uma nação. Para Oliven (2006, p.26), “a memória coletiva está ligada a um grupo relativamente restrito e portador de uma tradição, aproximando-se do mito e manifestando-se através da ritualização dessa tradição”. Grupos étnicos coesos, que preservam sua identidade, sua memória e suas origens (ainda que estes elementos tenham sido reconstruídos ao longo do tempo), tendem a manter hábitos próprios, como a maneira de falar, os quais podem diferenciá-los grandemente de outros grupos. Mesmo em comunidades coesas, porém, há indivíduos que possuem menos apego às origens e às tradições. São esses os sujeitos que, possivelmente, trazem ao grupo as variedades linguísticas externas a ele.

As festas das comunidades rurais de Flores da Cunha, realizadas com o intuito de preservar e apresentar (aos forasteiros) uma identidade, são organizadas por grupos coesos. De acordo com as fichas de entrevista e com as gravações obtidas, a maior parte dos indivíduos dessas comunidades, ainda que se desloquem para outros municípios e para a zona urbana florense, são orientados à localidade rural, nela trabalham, nela passam seus momentos de lazer e nela praticam a fala dialetal italiana. Naturalmente, pois, preservam mais a vogal média do que moradores da cidade. Esses sujeitos, além disso, ao preservar a *tradição* por

meio de festividades, atuam como guardiões da memória. É possível ver, na casa de muitos moradores da zona rural de Flores da Cunha, fotografias e objetos antigos, os quais são normalmente cuidados por indivíduos de maior idade e apresentados com orgulho aos visitantes.

Zanini (2006) verificou que muitos ítalo-descendentes de fato assumem o papel de guardiões da memória, preservando objetos antigos e realizando o levantamento de informações sobre as famílias de imigrantes e o processo de imigração. Esse trabalho é permitido e mesmo estimulado pelo crescente número de associações italianas e de publicações sobre o assunto.

Outra maneira de se preservar a memória e, conseqüentemente, a identidade de um grupo é por meio da manutenção de determinadas características da fala. A preservação do dialeto italiano, por exemplo, é um modo de reforço de identidade, bem como a fala em português com características dialetais.

Além da manutenção de marcas dialetais italianas na fala em língua portuguesa, os ítalo-descendentes e os imigrantes também preservaram (ou reconstruíram) costumes e modos de vida da antiga pátria. Zanini (2006), em pesquisa antropológica realizada com as comunidades italianas dos municípios de Santa Maria e Silveira Martins, localizados no centro do Rio Grande do Sul, constatou que os descendentes de imigrantes residentes nessa região do estado, ao cultivarem as tradições de seus antepassados e ao identificarem-se com seu modo de vida e com sua maneira de pensar e agir, “sentiam-se parte de uma comunidade imaginada [...] e com ela compartilhavam simbolicamente de um sentimento de coletividade, de pertencimento e de origem” (ZANINI, 2006, p.15). Essa comunidade imaginada, para os descendentes de imigrantes, é a Itália, e muitos desses indivíduos chegam a afirmar que se veem mais como italianos do que como brasileiros.

Para Hall (2003), as culturas nacionais são comunidades imaginadas. Segundo o autor, “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2003, p.47). Entretanto, pode-se pensar que, para os ítalo-descendentes da RCI ou da região central do Rio Grande do Sul, a cultura nacional com a qual eles se identificam não é, em primeiro lugar, a brasileira. Muitos descendentes de imigrantes caracterizam-se antes como italianos (ou como *italianos daqui*) e somente em seguida como brasileiros.

Essa noção de pertencimento, acentuada pela presença de entidades italianas e de grupos religiosos, é, de acordo com Zanini (2006), uma manifestação de italianidade. A autora observou, tanto na realização de entrevistas como na observação do modo de vida dos ítalo-descendentes das comunidades estudadas, que fatos como a travessia da Itália para o Brasil, por exemplo, adquiriram quase que proporções mitológicas para os indivíduos de origem italiana. O fato de todos os descendentes de italianos possuírem uma nação de origem em comum e de darem valor a uma memória da família faz com que eles se sintam parte do processo imigratório e da comunidade que aqui se estabeleceu nos primórdios da imigração.

É possível que a rememoração do passado, o sentimento acentuado de pertença ao grupo e a busca pela sobrevivência ou pelo renascimento de algumas tradições tenham sido causados pelo processo de industrialização pelo qual passaram a RCI e a região central do RS ao longo do século XX (ZANINI, 2006). Além disso, é interessante o fato de os descendentes de imigrantes, oriundos de diversas regiões italianas, sentirem-se unidos por laços firmes a descendentes que não compartilham sua mesma província de origem; a Itália, na época da imigração para a América, ainda não havia sido unificada, e cada província era independente (FROSI E MIORANZA, 1975). Pode-se observar que o sentimento de nacionalidade que hoje envolve os italianos na Itália também envolve os ítalo-descendentes aqui no Brasil: os descendentes de imigrantes vênéticos, por exemplo, não se caracterizam como tal, mas sim como indivíduos de origem italiana. Tal identificação com a nação italiana, no último século, pode ter sido resultado da procura pelo pertencimento a uma comunidade; ainda que esta comunidade seja localizada além-mar e que relativamente poucos ítalo-descendentes a tenham visitado, ela permanece como a pátria de origem.

Zanini (2006, p.16), assim, compreende a italianidade como “uma construção que se desenvolveu partindo de encontros particulares que conduziram a uma atribuição identitária específica e processual”, relacionada à apropriação de determinados símbolos como seus (como a uva para a RCI e a batata para as comunidades italianas do centro do Estado) e à subsequente atribuição de valor e significado a eles. Além disso, segundo a autora, os ítalo-descendentes desenvolveram uma relação quase que sagrada com seus ancestrais, o que limitou seu estilo de vida e suas fronteiras étnicas. Através da reivindicação étnica, esses indivíduos e o grupo a que eles pertencem orientam-se no espaço e no tempo, elaborando para si mesmos uma trajetória contínua e socialmente situada (ZANINI, 2006).

Percebe-se, portanto, que as práticas sociais associadas à imigração são também associadas ao grupo de ítalo-descendentes que hoje habita a RCI. Tais práticas, como a cultura da uva, a culinária, a manutenção da fala dialetal ou de características dialetais italianas e o artesanato, reforçam o pertencimento ao local e a diferença do grupo de origem italiana com relação a outros grupos. Essas práticas sociais contribuem para que, na RCI e em Flores da Cunha, seja constituída e preservada uma *cultura* própria.

Para Foley (1997), a cultura se constrói por meio de práticas corporificadas, isto é, de práticas realizadas em determinados contextos e com determinados propósitos. A noção de cultura de Foley (1997) aproxima-se à definição de *habitus*, de Bourdieu (2008). Para Bourdieu (2008), *habitus* é o sistema de disposições adquiridas, consciente ou inconscientemente, pelos indivíduos que lhes possibilita agir de acordo com os interesses do campo (espaço ou comunidade) em que se encontram. As práticas sociais, portanto, fundamentam a cultura de um grupo e reforçam sua identidade, diferenciando-o de outros grupos.

A análise das afirmações dos jovens florenses sobre suas práticas sociais, identificadas por meio da audição das entrevistas, permitirá concluir se esses indivíduos, os que mais elevam a vogal média anterior átona, mantêm práticas que podem ser consideradas como *tradicionais*, identificadas com a história de imigração italiana, ou *inovadoras*. Permitirá, além disso, perceber em que grau se dá o sentimento de pertença desse indivíduo com relação à sua comunidade e em que medida esse sentimento de pertença faz com que, em sua fala, haja mais ou menos elevação de /e/. Antes, revisam-se estudos realizados na RCI que conceberam a variação como prática social, de modo a introduzir a discussão.

6.2.2 Variação linguística e práticas sociais

A relação entre a variação linguística e as práticas sociais dos falantes já foi verificada em outros estudos. Bovo (2004), ao investigar a realização da vibrante múltipla como tepe em *onset* silábico na zona rural de Caxias do Sul, averiguou que a regra, aplicada em 44% dos contextos, é favorecida por fatores como baixa escolaridade (primária ou fundamental),

bilinguismo ativo ou passivo, idade acima de 50 anos, gênero masculino e sílabas mediais. Dado o fato de que o fenômeno possui mais condicionadores extralinguísticos do que linguísticos, a autora procurou compreender o valor social dado às variantes *tepe* e *vibrante* através da análise de uma comunidade de prática feminina, o Clube de Mães da localidade rural Beviláqua.

A opção por investigar o papel do gênero na realização do fenômeno variável deveu-se ao fato de que são as mulheres as que mais realizam a *vibrante* múltipla, considerada variante não estigmatizada. É interessante notar que a variante *tepe* é favorecida pelos homens, embora sejam eles os indivíduos que normalmente saem da comunidade a fim de fazer negócios na zona urbana. Bovo (2004) afirma que isso ocorre porque os homens dessa comunidade rural ligam-se mais à terra, uma vez que trabalham na propriedade da família. Já as mulheres são mais orientadas ao estudo e não possuem perspectivas profissionais voltadas à terra. Para a autora, visto que as mulheres são orientadas a uma profissão urbana, a pressão para que elas estejam adequadas às formas prestigiadas de linguagem é maior.

Apesar desse estilo de vida mais orientado ao estudo e à vida urbana, Bovo (2004) atestou que as mulheres do Clube de Mães preferem o sossego da vida rural e não estariam dispostas, a menos que fosse preciso, a se mudarem para o centro da cidade. Além disso, as mulheres assumem, nessa comunidade de prática, um papel assistencial e uma condição servil, pois auxiliam no preparo e na execução das festas locais e submetem-se a uma divisão de trabalho que privilegia o descanso masculino.

Bovo (2004, p.130) afirma que “ser mulher nessa comunidade é nitidamente marcado. A menos que se case com alguém da localidade, a mulher não terá um lugar garantido economicamente na comunidade.” Por não ter uma posição social garantida no grupo, a mulher precisa encontrar meios de viver em melhores condições e de assegurar para si um bom futuro. Para isso, as mulheres muitas vezes procuram estudar e aprimorar-se profissionalmente. Tendo um estilo de vida mais urbano e menos ligado às atividades de lavoura, as mulheres buscam usar mais a variante prestigiada. Além disso, Bovo (2004) percebeu que os pais normalmente falam dialeto italiano com os filhos homens, durante os trabalhos na roça, mas não com as filhas mulheres.

Tomiello (2005) analisou a realização do ditongo tônico nasal *-ão* na zona rural de São Marcos, município da RCI, e constatou que a aplicação da variante *-on*, presente em 46% dos contextos levantados, é condicionada por fatores como idade acima de 50 anos, ensino

primário, gênero masculino, palavra de uma sílaba e consoante nasal ou posterior em contexto precedente.

A fim de verificar como as variáveis *Idade* e *Gênero* atuam na aplicação da regra, Tomiello (2005) realizou observação participante em uma família moradora da zona rural de São Marcos. A família, uma comunidade de prática composta por pai e mãe com quase 50 anos, filhos homens com 21 e 18 anos, e filha com 14 anos, adquire seu sustento por meio do trabalho rural, em especial pelo cultivo da uva. Na época em que a observação participante foi realizada, o trabalho no parreiral envolvia a pulverização, atividade que a autora executou juntamente com a família.

Tomiello (2005) constatou que, durante o trabalho na terra, a família comunicava-se predominantemente em dialeto italiano. Houve momentos em que a fala dialetal misturava-se à fala em português. Ao dirigir-se à pesquisadora, o pai e os demais membros da família falavam, na maioria das vezes, português. Na fala em português, a autora percebeu o uso frequente do ditongo *-on*, fundamentalmente por parte dos pais, além de outras marcas associadas à fala com características dialetais italianas, como *tepe* em lugar de vibrante múltipla.

Os filhos, segundo a autora, percebem quando a fala em português possui características dialetais. Numa manhã, durante o café, um dos filhos chegou a corrigir a mãe, quando ela disse, em vez de *pão*, *pon*. Essa percepção, por parte dos filhos homens, das marcas associadas ao falar italiano pode estar relacionada ao fato de que os dois estudam e trabalham fora de casa. A presença deles no trabalho na lavoura só se dá quando é época de pulverização ou de colheita, na qual o serviço é de fato mais exigente e árduo. Tomiello (2005), com relação aos três filhos do casal, observou que não parece haver nenhum interesse, por parte deles, em continuar o trabalho dos pais, mesmo porque o pedaço de terra da família, dentro de alguns anos, não será suficiente para o sustento de todos.

Tomiello (2005) percebeu que a mãe, ainda que apresente forte sotaque quando fala português, realiza menos *-on* do que o pai. Isso se deve ao fato de que a mãe tem um contato mais intenso com os filhos, que estudam e trabalham na zona urbana, e, por isso, está mais exposta à fala em português. Já o pai, por ser mais orientado ao trabalho rural e não conviver tanto com as práticas sociais dos filhos, realiza mais *-on* e utiliza mais a fala dialetal italiana. A autora destaca que os filhos, embora compreendam o dialeto italiano falado pelos pais, dirigem-se a eles unicamente em português. Tomiello (2005) conclui que, por meio da

observação participante, se pôde verificar que a realização de *-on* de fato se insere num quadro maior de práticas rurais executadas pelos falantes.

Mauri (2008) investigou a palatalização em Forqueta, zona rural de Caxias do Sul. Houve aplicação da regra em 28% dos contextos, e o fenômeno é favorecido por fatores como idade entre 15 e 50 anos, vogal não derivada, moradores da Capela São Roque, sílaba pretônica, consoante labial e labiodental e vogal no contexto seguinte, consoante palatalizável surda e vogal central precedente.

Devido ao fato de a variável *Capelas* ter sido selecionada pelo programa estatístico e de os resultados para esse grupo terem sido significativos, a autora optou por realizar uma análise qualitativa das entrevistas realizadas, a fim de explicar por que os índices obtidos para a capela *São Roque* diferenciam-se dos encontrados para as outras três capelas consideradas no estudo (Santos Anjos, Menino Deus e Nossa Senhora da Salete).

De acordo com os relatos dos informantes e com as observações da autora, das quatro capelas pesquisadas, São Roque é a única que possui escola de Ensino Fundamental, com professores que vêm de Caxias do Sul ou Farroupilha. Desse modo, as crianças das outras capelas normalmente deslocam-se para São Roque, e não para a zona urbana desses municípios. Além disso, a Capela São Roque faz parte de uma rota turística que frequentemente atrai visitantes de outras regiões do Brasil.

A autora constatou que as quatro capelas consideradas no estudo realizam festas de padroeiro. Nas três capelas em que se obtiveram índices de aplicação da regra relativamente baixos, todos os alimentos são preparados por pessoas da própria comunidade. Em São Roque, porém, os alimentos são comprados prontos, e a comunidade compromete-se apenas com a execução da festa. Assim, por exemplo, em São Roque já não existe o hábito de as mulheres se reunirem dois ou três dias antes para a feitura de *agnolini*.

Mauri (2008) averiguou que, segundo o relato dos informantes, a fala dialetal italiana ocorre com pouca frequência na Capela São Roque, e com mais frequência nas demais capelas. Além disso, a fala em português com características dialetais italianas é mais comumente percebida nas três capelas que obtiveram índices de palatalização menores. Em São Roque, portanto, a fala dialetal italiana e a fala em português com marcas dialetais são fenômenos cada vez mais raros. Os informantes dessa localidade, que estão abandonando as

práticas tradicionais e assumindo práticas mais relacionadas ao urbano, estão incorporando à sua fala variantes (como a palatalização) associadas à vida na cidade.

6.2.3 Práticas sociais e elevação de /e/

A fim de que se possa verificar que práticas sociais podem estar relacionadas à elevação ou preservação de /e/ em Flores da Cunha, a análise de conteúdo será realizada a partir das oito entrevistas de jovens (com idade entre 18 e 30 anos) utilizadas para o levantamento de contextos. A escolha da faixa etária mais baixa para essa análise deve-se ao fato de que foi esse o grupo em que se obteve o mais alto índice de aplicação da regra. De acordo com a análise estatística, portanto, os jovens florenses favorecem a elevação do /e/ átono. Resta saber, porém, se esse fenômeno é também motivado pelas práticas sociais adotadas por esses indivíduos.

Supõe-se que os jovens mais voltados a práticas consideradas tradicionais, como ir à igreja ou participar de festas de comunidades rurais, terão em sua fala marcas associadas ao falar rural ou ao falar dialetal italiano. Já os jovens que se orientam a atividades urbanas apresentarão tendência a uma fala menos marcada ou estigmatizada. Espera-se, assim, que a adoção de práticas inovadoras (como viajar para outras localidades e estudar fora) contribuirá para que a fala do indivíduo se aproxime mais à de outras regiões brasileiras. No caso do fenômeno estudado, espera-se que o fato de o falante manter práticas inovadoras contribua para que ele eleve com mais frequência a vogal /e/.

Os oito informantes que representam a célula *18 a 30 anos* dividem-se, igualmente, entre homens e mulheres. Além disso, quatro são da zona urbana e quatro são da zona rural de Flores da Cunha. O quadro a seguir apresenta a disposição desses informantes de acordo com o gênero e o local de residência.

	Zona Urbana	Zona Rural
Masculino	A.C. C.M.	E.Be. S.T.
Feminino	C.P. C.S.	S.B. C.Mu.

Quadro 20: Distribuição dos informantes com idade entre 18 e 30 anos, de acordo com o gênero e o local de residência.

A aplicação total da regra foi mais alta entre jovens da zona urbana do que entre jovens da zona rural. O gráfico abaixo apresenta essa diferença.

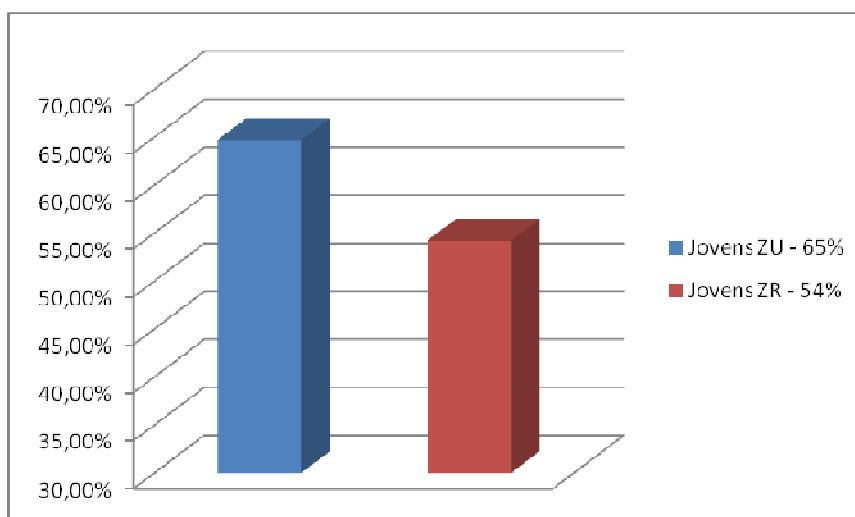


Figura 10: Percentual de aplicação da regra entre jovens, considerando-se seu local de residência.

Foi verificado o percentual de aplicação da regra individualmente. Observou-se que, de modo geral, os jovens moradores da zona urbana aplicam a regra com mais frequência.

Zona Urbana		Zona Rural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
C.M. – 63,1%	C.P. – 55,5%	S.T. – 49,5%	S.B. – 50,6%
A.C. – 71,3%	C.S. – 71,3%	E.Be. – 61,8%	C.Mu. – 51,4%
MÉDIA TOTAL: 65%		MÉDIA TOTAL: 54%	

Quadro 21: Aplicação da regra individualmente, de acordo com o gênero e o local de residência dos informantes.

A elevação de /e/ na zona urbana, entre jovens, obteve índices acima de 55%. Na zona rural, porém, o maior percentual foi do informante E.Be., que alcançou 61,8%. O resultado obtido para esse informante foi superior ao de apenas uma informante da zona urbana, C.P. Os demais entrevistados da zona rural não atingiram percentual superior a 52%. Percebe-se, através da análise do índice individual de aplicação da regra, que três dos informantes jovens da zona rural mantiveram-se em torno do percentual total obtido em Flores da Cunha (50,7%) e que todos os entrevistados de zona urbana estiveram acima desse índice.

A aplicação da regra também parece se dar de forma distinta entre homens e mulheres. Enquanto que três dos jovens do gênero masculino obtiveram índice de aplicação da regra acima de 61%, apenas uma das mulheres atingiu essa marca. As demais apresentaram percentual de aplicação em torno de 50%.

O quadro abaixo mostra o cruzamento entre o fator *18 a 30 anos*, da variável *Idade*, e a variável *Gênero*.

Jovens – Masculino	62%
Jovens – Feminino	56%

Quadro 22: Percentual de elevação de /e/ entre os jovens entrevistados, de acordo com o gênero.

Ainda que, na análise estatística, os pesos relativos obtidos para os fatores *masculino* e *feminino* tenham se mantido em torno do ponto neutro, o gênero feminino apresentou índices levemente superiores aos obtidos pelo gênero masculino. Além disso, sendo a elevação de /e/ um fenômeno variável cuja realização é associada aos grandes centros urbanos e à fala menos marcada, se poderia esperar que as mulheres jovens tomassem a liderança na implementação dessa mudança em Flores da Cunha. O que ocorre, entretanto, parece ser o contrário, e são os

jovens do gênero masculino os indivíduos que parecem estar conduzindo essa mudança em progresso.

De modo geral, porém, são as mulheres de Flores da Cunha, moradoras da zona urbana ou da zona rural, as que mais elevam a vogal /e/. A aplicação da regra só é maior por indivíduos do gênero masculino quando se leva em conta a faixa etária mais jovem.

Gênero/ Local de Residência	Masculino	Feminino
Zona Urbana	52%	56%
Zona Rural	46%	49%

Quadro 23: Aplicação da regra de acordo com o gênero e o local de residência.

Sendo esses os índices obtidos pelos jovens florenses, e sendo a aplicação da regra maior entre os homens do que entre as mulheres, cabem agora as seguintes perguntas: a) Há diferença nas práticas sociais em que se engajam os homens e as mulheres jovens de Flores da Cunha? ii) Haveria alguma relação entre o gênero e o local de residência do jovem e o fato de suas práticas serem mais tradicionais ou mais inovadoras? iii) O jovem florense, homem ou mulher, urbano ou rural, está mais orientado para a localidade ou para a vida fora da comunidade?

Nas entrevistas realizadas com esses oito informantes, muitas das perguntas se repetiram e praticamente os mesmos assuntos foram comentados por todos eles. Assim, temas como *família, trabalho/estudo, lazer e religião* estiveram presentes em todas as gravações. Esses tópicos são fundamentais para que se possa analisar que práticas sociais são mantidas pelos informantes, quais são consideradas tradicionais ou inovadoras na comunidade e como é ser jovem/mulher e ser jovem/homem em Flores da Cunha.

A família é bastante valorizada por todos os entrevistados. Todos os jovens moram com os pais, exceto S.T., que é casado e reside com a esposa, e S.B., que há pouco mais de um mês deixou a casa paterna para estabelecer-se na zona urbana, onde trabalha num supermercado. O informante S.T., porém, construiu antes de casar uma moradia ao lado da casa dos pais e, nos fins de semana, quando está de folga do serviço na metalúrgica, ajuda os genitores no trabalho com a lavoura.

Para os jovens florenses, urbanos ou rurais, portanto, só será preciso sair da casa paterna em situação de necessidade, como quando o filho casa ou quando vai estudar ou trabalhar em outra localidade. Segundo S.T., é comum, por exemplo, para jovens da zona rural, obter emprego na zona urbana e, como o preço do deslocamento diário é muito alto, muitos optam por residir na cidade. Essa atitude não é vista por indivíduos de mais idade como algo negativo, mesmo porque, em grande parte das vezes, o jovem demonstra interesse em retornar à zona rural após ter passado certo tempo na zona urbana. A informante S.B., que há pouco mais de um mês deixou a zona rural para estabelecer-se na urbana, divide um apartamento com duas meninas oriundas também da zona rural que, assim como ela, encontraram emprego na cidade.

S.T., que trabalha há pouco mais de um ano numa metalúrgica da cidade e faz diariamente o percurso Flores da Cunha (centro)-Otávio Rocha¹¹, afirma que se sentiria melhor se estivesse mais perto da família, e muito lhe alegraria poder voltar à vida e ao trabalho na zona rural. Seu retorno, no entanto, tem sido adiado por motivos econômicos: *Só com a uva que tinha em casa não dava pra vive(r) duas família(s)*. Mas, sendo o único filho homem e tendo o pai já certa idade, é possível que essa volta ao interior um dia seja possível: *Não (es)tá descartada a ideia de eu volta(r) [para o trabalho na zona rural] um dia*.

Os ofícios em Flores da Cunha, especialmente na zona rural, muitas vezes passam de pai para filho. S.T. e E.Be. aprenderam a agricultura com os pais e trabalharam na lavoura desde crianças. C.Mu., por sua vez, comanda com a família um hotel, localizado em Otávio Rocha. Na zona urbana, ainda que com menos frequência, as ocupações dos pais também são aprendidas e adotadas pelos filhos. É o caso de famílias como a de C.P., em que grande parte dos homens são caminhoneiros. Sendo mulher, C.P. não seguirá essa profissão, mas lhe caberá um ofício comum às moças da família: tomar conta da contabilidade, das finanças e da casa enquanto os homens estão viajando. Outro informante da zona urbana, A.C., trabalha com o pai, que é engenheiro industrial em moinhos da região. A.C., que atua como ajudante do pai, aprendeu com seu genitor todas as técnicas necessárias para a profissão.

Percebe-se, pois, que a família, além de possuir um valor sentimental para seus integrantes, também funciona, muitas vezes, como preparadora para a vida profissional. Os jovens florenses, de zona urbana ou rural, herdaram de seus pais as ocupações e, por conseguinte, *o modo de fazer* dessas atividades. Assim, os jovens acabam participando, com

¹¹ Otávio Rocha é um distrito rural de Flores da Cunha.

seus familiares, de duas comunidades de prática que, em centros urbanos maiores, seriam normalmente compostas por indivíduos bem distintos entre si: a família e o local/grupo de trabalho.

Apenas um dos oito informantes jovens possui pais separados. Esse entrevistado, C.M., não tem muito contato com o pai, pois atualmente mora com a mãe e o irmão. O pai, que reside em Caxias do Sul, já tem outra família e, segundo o informante, não parece se importar muito com os filhos da primeira união. Nas outras famílias, porém, pai e mãe são casados, e muitas vezes a eles se soma também pelo menos um casal de avós. Na casa da informante S.B., por exemplo, na zona rural, moram seus pais, suas duas irmãs e seus avós maternos. Segundo ela, é comum, em fins de semana, que outros parentes seus os visitem, em função de os avós já terem certa idade e não poderem se deslocar dali.

A rotina diária e o trabalho são compartilhados pelos integrantes de muitas famílias florenses, especialmente por aquelas que residem na zona rural e tiram seu sustento do cultivo de produtos agrícolas. Na cidade, porém, as ocupações são mais numerosas, e a rotina de trabalho é diferente. Para C.M., que foi de Bagé a Flores da Cunha com cerca de sete anos, o serviço nas fábricas florenses é árduo e, para quem não está acostumado, a rotina pode ser extenuante. Para ele, que trabalha numa empresa de plásticos e não gosta muito do que faz, a ocupação é cansativa e a recompensa é pouca, pois não se tem muito tempo para o descanso. O problema, em sua opinião, não é da empresa, mas sim da cidade. Ele pensa que Flores da Cunha *é uma cidade pra quem gosta de trabalha(r), no meu ponto de vista. Não é uma cidade de lazer. [...] O pessoal lá [de Bagé] é diferente, o pessoal prefere mais é lazer do que:: trabalha(r).*

Essa rotina intensa de trabalho também é percebida por outros informantes, como S.B., que chega a trabalhar das oito horas da manhã às oito horas da noite no supermercado. Segundo ela, nos dias do mês em que os trabalhadores das empresas recebem seus salários, sua jornada de trabalho pode aumentar em uma hora ou mais. A informante C.Mu., que administra um hotel da zona rural com a família, afirma que, dado o pequeno número de funcionários do estabelecimento, é raro para ela ou para seus familiares tirar um dia ou mesmo uma tarde de folga. Já E.Be. afirma que o trabalho agrícola também é exaustivo e que, em algumas épocas do ano, ele e o irmão (o pai é falecido) ficam na lavoura até a madrugada.

Tanto na zona rural como na zona urbana o trabalho parece ser muito valorizado. As funções assumidas pelos indivíduos, além disso, são igualmente árduas, independentemente

do local de residência. Para S.B., o trabalho no supermercado é duro e cansativo, mas a certeza do salário no fim do mês e a possibilidade de folgas esporádicas já tornam esse tipo de ocupação melhor do que aquelas que teria se tivesse permanecido na zona rural. Quando perguntada sobre o motivo pelo qual procurou um emprego na cidade, responde, sem hesitar: *Sinceramente, eu queria acha(r) o(u)tro emprego porque na colônia (es)tá puxado. [...] Não é que eu nunca gostei [do trabalho rural], mas pensa: trabalha(r) o dia inte(i)ro, de sol a sol...* Para ela, nem mesmo a contratação de alguns funcionários na época da safra faz com que o trabalho seja menos cansativo. S.B. afirma que, mesmo com empregados, a responsabilidade do produtor é grande, e ele precisa participar de todas as atividades da lavoura. Ela completa: *A colônia não (es)tá muito, assim, criando expectativas. [...] É um bom lugar pra vive(r) e tudo, mas [o trabalho] é puxado.*

Entretanto, essa não é a visão de todos os jovens da zona rural. O informante S.T., como se mencionou anteriormente, deseja um dia retornar à zona rural e poder conviver mais de perto com sua família e com as tarefas da lavoura. A vontade de S.T. de retornar à comunidade justifica-se pelo fato de que seu emprego na zona urbana apresenta riscos (é soldador) e pelo fato de que, na zona rural, estaria trabalhando no próprio negócio, já que o terreno onde o pai mora um dia será seu: *Eu não troco mora(r) lá [em Otávio Rocha] por mora(r) na cidade, de jeito nenhum.*

O estudo, assim como o trabalho, parece ser valorizado pelos informantes jovens de Flores da Cunha. Quando perguntada sobre o fato de os jovens (florenses ou não) serem responsáveis com relação aos estudos, C.S. opina: *Alguns jovens até levam a sério, assim, sabem que estuda(r) vai te leva(r) a algum lugar. Mas tem o(u)tros que ficam: ‘Ah, vo(u) estuda(r) pra quê? Vo(u) consegui(r) um emprego.’ Só que eles não (es)tão certos, tem que estuda(r).* Ao longo da discussão sobre esse assunto, ela completa: *Se tu não estuda(res), tu não vai(s) consegui(r) i(r) pra algum lugar. Tu nunca vai(s) se(r) um bom profissional.*

Nota-se, portanto, que o sucesso no trabalho, entre os jovens, está associado ao estudo. S.T., soldador de uma metalúrgica, corrobora essa opinião ao afirmar que, se desejasse seguir na profissão, seria recomendado fazer um curso de soldador, oferecido nas cidades de Caxias do Sul e Novo Hamburgo. O informante da zona urbana C.M. concorda com essa ideia e afirma que, se não tivesse parado de estudar, talvez pudesse ter obtido um emprego melhor ou uma posição superior na empresa onde atua. Esse entrevistado, que reprovou no último ano do Ensino Médio, um dia pretende retornar à escola e concluir o curso. Já S.B., que terminou o

Ensino Médio no ano anterior, diz sentir falta da escola, onde se encontrava diariamente com os amigos e onde podia praticar uma das atividades que mais aprecia: estudar. Ela afirma: *Eu vivi a escola intensamente. [...] Eu sempre gostei de estuda(r), então eu gostava de i(r) pra escola. [Durante as férias] não via a hora de estuda(r) de novo.*

A opinião de que o estudo é importante é compartilhada pelos jovens. No entanto, as gerações mais velhas não atribuem ao estudo e ao ensino a mesma importância. C.Mu., que trabalha no hotel da família e cursou Hotelaria a fim de compreender melhor o próprio ofício, diz que o pai não a apoiou na escolha dessa graduação. Segundo ela, o pai achava mais importante fazer outro curso, como Administração ou Contabilidade; para ele, não é necessário cursar Hotelaria para trabalhar e comandar um hotel.

A valorização do estudo é uma prática inovadora na comunidade e está associada às gerações mais jovens. O elevado valor dado ao trabalho, por sua vez, é uma prática tradicional em Flores da Cunha e está associado às gerações mais velhas e aos ideais relacionados à saga da imigração italiana. Os jovens, porém, não dão valor apenas ao estudo, uma vez que o trabalho é igualmente importante para eles. Nesse sentido, tradição e inovação convivem numa mesma geração, aparentemente sem conflitos: os jovens entendem que, para que se consiga um bom trabalho, é preciso dedicar-se aos estudos.

O estudo, especialmente em nível superior, é uma prática orientada para fora da localidade. Os jovens florenses que desejam estudar devem procurar outros municípios, visto que não há universidade ou faculdade em Flores da Cunha. Há apenas um curso de gastronomia oferecido pela Universidade de Caxias do Sul, o qual, segundo informantes, atrai pessoas de diversas localidades, e não apenas de Flores da Cunha. Sendo assim, os jovens que se dispõem a cursar uma graduação precisam, no mínimo, ir a Caxias do Sul quase que diariamente. Outros, porém, escolhem morar na cidade onde se localiza a faculdade. C.Mu., por exemplo, ao cursar Hotelaria, optou, no primeiro ano, por deslocar-se todos os dias a Canela. Mais tarde, por sentir que essa rotina era demasiadamente cansativa, passou a residir na cidade em que estudava. Mesmo assim, segundo a informante, voltava a Otávio Rocha todos os fins de semana, a fim de ajudar os pais na administração do hotel.

Quando indagados sobre o que fazem nos momentos de lazer, os informantes não forneceram respostas unânimes. Alguns, como C.P. e C.M., da zona urbana, costumam descansar bastante, visto que sua rotina de trabalho é extenuante. Outros, porém, preferem sair com os amigos ou assistir a filmes, como A.C. e C.S., também da zona urbana. Para os

informantes de zona rural, no fim de semana, único momento de lazer para a família, os parentes se encontram, seja para uma conversa, seja para um almoço. S.B. afirma que, como os avós maternos moram com sua família, é comum que, no domingo, alguns tios os visitem. Já E.Be. escolhe passar o fim de semana com a mãe, que se sente muito sozinha após o falecimento do marido, pai do entrevistado. Passar as horas de folga com a família também é a resolução de S.T. Já C.Mu., que diz não possuir folgas regulares, passa os fins de semana trabalhando no hotel, ao lado da família.

Para os informantes, porém, os demais jovens florenses não costumam aproveitar o fim de semana para passar o tempo com seus familiares. Os informantes A.C. e E.Be. afirmam que muitos jovens costumam, no sábado ou no domingo, passear de carro pelas ruas principais da cidade, o que atrapalha o trânsito do centro de Flores da Cunha. E.Be. aponta que, para muitos jovens, essa é a única diversão encontrada no município, além de algumas festas que são realizadas com certa frequência. Para E.Be., alguns jovens se aproximam não porque entre eles existe amizade, mas porque todos têm um empreendimento em comum: beber em excesso: *Hoje amigos o que que é? (Es)tá, vamo(s) faze(r) um churrasco. [...] Eles têm um espeto de carne e têm mais ou menos duas ca(i)xa(s) de cerveja. [...] Ele vão bebe(r), bebe(r), bebe(r) [...] e depois vão pra balada.*

Esse informante, morador da zona rural, diz que já participou de muitas festas em que havia bebida em demasia, especialmente depois que terminou um namoro de cerca de três anos. Porém, ao perceber que algumas pessoas se aproximavam dele apenas com o intuito de beber e *fazer farra*, escolheu afastar-se desses indivíduos: *Prefiro (es)ta(r) na minha*. Assim, em seu tempo livre, E.Be. lê livros, assiste a novelas com a mãe e, quando possível, viaja para outros municípios da região. Essas viagens, que normalmente duravam apenas uma tarde, à época da entrevista (2009) estavam sendo mais raras, visto que o lucro com a safra da uva foi menor do que o esperado.

O fato de que muitos jovens dedicam seu tempo livre a festas e bebedeiras também é percebido por C.M., morador da zona urbana. Para ele, isso é resultado da educação dada pelos pais, que se submetem a todas as vontades dos filhos: *Tem uns pais que dão tudo, aí*. Ele admite, porém, que realiza algumas das práticas comuns aos jovens florenses, como passear pelo centro no fim de semana e ir a algumas festas noturnas: *Domingo se reúne o pessoal no centro... É, ou é carro ou é a pé, e fica ali. Faz aquela voltinha na praça e fica por ali. Eu às vezes até vo(u).*

O comportamento exagerado de alguns jovens com relação à bebida alcoólica não é percebido apenas por seus pares. Muitos dos entrevistados, quando indagados sobre os problemas do município, afirmaram contundentemente que o pior problema de Flores da Cunha são os jovens. Segundo esses informantes, normalmente moradores da zona urbana e com idade acima de 50 anos, os jovens não se comprometem com o trabalho e o estudo como deveriam e muitos se deixam envolver pelo álcool e pelas drogas. Houve o caso de uma informante que disse que, se não fossem os jovens que moram perto de sua casa, os quais fazem barulho em corridas de carro em plena madrugada, sua vida seria mais tranquila.

Segundo os informantes C.Mu., S.B. e S.T., em Otávio Rocha há um clube que quinzenalmente promove festas noturnas (baladas), por eles chamadas de boates. Para C.Mu. e S.B., mulheres, ir a festas organizadas por esse clube significa submeter-se ao risco de se envolver em brigas e confusões. De acordo com elas, por oferecer bebida e ingresso a valores baixos, a boate possui frequentadores de todos os tipos, e alguns desses gostam de provocar tumultos. Assim, as festas de Otávio Rocha não oferecem segurança aos indivíduos que as frequentam e, por causa disso, muitos moradores da localidade as evitam. Já S.T., que faz parte da diretoria do clube, afirma que, como em qualquer boate de qualquer localidade, eventualmente pode haver discussões ou brigas. Ele defende as festas promovidas pelo clube, uma vez que ali não se cobram preços abusivos pelos produtos consumidos. Além disso, para ele, a boate é uma importante fonte de renda para a comunidade.

Alguns dos entrevistados, em seus momentos de folga, também auxiliam no preparo das festas de comunidade. Essas celebrações, que ocorrem principalmente nas capelas da zona rural e envolvem almoço e, algumas vezes, baile ou rifa, reúnem muitas pessoas, e é frequente a presença de indivíduos que residem em outros municípios. O preparo das festas é de responsabilidade dos moradores da comunidade. É comum, pois, que habitantes rurais compareçam a festas de outras comunidades para que possam se divertir, já que, na sua própria festa, deverão trabalhar.

S.B. participa da organização da festa de sua comunidade. Ela afirma que já serviu mesas durante alguns almoços dessas festas e que seus pais já foram fabriqueiros¹². S.T. afirma que também costuma participar de festas da sua comunidade e que não se importa em

¹² Pessoas responsáveis pela administração das festas que ocorrem no salão da igreja de determinada comunidade (definição do *Dicionário de Italianismos*).

ajudar. Mesmo C.Mu., que normalmente está muito ocupada em função do hotel, já foi festeira, juntamente com o namorado, de uma das celebrações da comunidade em que reside.

Entre os moradores jovens da zona urbana, participar da organização de uma festa de comunidade não é algo comum. Entretanto, muitos frequentam essas celebrações, na zona urbana ou na zona rural. C.S., por exemplo, diz que nunca fez parte de um grupo responsável pelo preparo de uma dessas festas, mas ressalta que já compareceu a muitas delas. Os jovens do gênero masculino da zona urbana, porém, afirmam que não têm o hábito de participar de festas de igreja.

O costume de frequentar ou auxiliar no preparo de festas de comunidade pode ser considerado uma prática tradicional. Em Flores da Cunha, a realização dessas festas está associada à manutenção de costumes italianos. Assim, mesmo que nas festas de igreja tenham sido incorporados elementos da cultura brasileira local, essas celebrações ainda são uma forma de se relembrar a história da imigração e do município e de se valorizar a religiosidade.

A religiosidade também pode ser considerada uma prática tradicional. Quando indagados sobre o costume de frequentar a igreja e ir à missa, boa parte dos informantes de Flores da Cunha, jovens ou não, assumiu manter essa prática. Entre os jovens de zona rural, todos reconheceram crer em Deus e possuir certo grau de religiosidade. C.Mu., porém, embora se descreva como uma pessoa religiosa, diz que está decepcionada com a Igreja Católica. Ao viajar para a Itália a fim de realizar um curso de hotelaria e gastronomia, a informante teve a oportunidade de visitar o Vaticano e de conhecer suas igrejas. A suntuosidade dos templos e o grande número de turistas no local a decepcionaram, e ela afirma não ter sentido vontade de rezar nessas igrejas. Agora, ela reza em casa e não sente necessidade de ir à missa.

Já S.B., por sua vez, diz que se sente feliz como católica e que, por causa disso, não trocaria de religião. S.T., que também é católico, costuma frequentar a missa regularmente, mesmo porque sua esposa canta no coral da igreja e precisa comparecer, por esse motivo, a uma série de missas. O outro informante de zona rural, E.Be. assumiu para si, com relação à prática religiosa, uma tarefa um pouco maior: ele atua na comunidade como uma espécie de ministro da eucaristia e, quando não há missa, conduz a bênção aos fiéis. Essa bênção ocorre três domingos por mês. Só não acontece no domingo mais próximo ao dia 29 de cada mês, visto que, sendo São Pedro o padroeiro da comunidade, quem realiza a missa nessa data é o pároco do município. Quando o padre vai à localidade, ele consagra muitas hóstias e as deixa

sob responsabilidade de E.Be., para que ele, junto com uma moça da comunidade, as utilize nas celebrações das semanas posteriores.

A rotina de E.Be. aos domingos não deixa de ser interessante. Ele acorda às seis horas, assiste ao Galpão Crioulo, dá uma caminhada pelas estradas da comunidade e, às oito horas, se dirige à capela para tocar o sino. Depois disso, volta para casa, onde assiste a uma missa num canal educativo, faz suas anotações e, quando chega a hora do culto, repassa aos fiéis o que acabou de ouvir pela televisão. Para ele, o padre da televisão explica o evangelho com uma linguagem acessível, simples. E.Be. diz que prefere simplificar as celebrações que conduz, pois, não sendo formado em Teologia, pensa não ter competência para explicar os assuntos que são mais complicados. Algumas vezes, E.Be. e a moça são substituídos por duas senhoras da comunidade, as quais, segundo ele, conhecem todo o evangelho, embora não consigam explicá-lo muito bem para o povo.

Entre os jovens da zona urbana, ir à missa não é um hábito regular. C.S. afirma que somente vai à igreja quando há celebrações importantes, como Natal, casamentos ou missas de sétimo dia. A.C. assume postura semelhante ao afirmar que vai à missa apenas quando há necessidade para tal. C.M., por sua vez, diz que costumava ir à igreja quando estava namorando; depois do término do namoro, nunca mais foi.

Os jovens florenses deslocam-se mais para fora da comunidade do que informantes com mais de 50 anos. A.C. e C.S. vão diariamente a Caxias do Sul, em função da faculdade. C.S., além disso, namora um garoto natural desse município. S.T., que pratica *motocross*, conta que vai regularmente a Caxias do Sul para obter equipamento para sua motocicleta. C.Mu., ainda que não saia frequentemente do hotel, às vezes vai com o pai fazer compras nos hipermercados de Caxias do Sul. E.Be. tem por hábito, em seu tempo livre e quando o lucro da safra permite, viajar com a família aos outros municípios da região. Esse informante, além disso, já fez parte de um sindicato e, por causa disso, teve a oportunidade de conhecer Brasília e outras cidades do País. O fato de ter parentes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil fez com que ele viajasse também a esses lugares. O estilo de vida encontrado nessas outras localidades fez com que E.Be. percebesse que, em Flores da Cunha e nos demais municípios da RCI, se dá muito valor ao trabalho e que, especialmente com relação ao produtor rural, a renda é desproporcional ao esforço. Desse modo, ele tem considerado mudar-se para outra região brasileira – Norte ou Nordeste – e recomeçar sua vida, desta vez como produtor e comerciante de vinho.

Enquanto E.Be. demonstra interesse em deixar o município, S.T. parece querer nele permanecer. Esse jovem, que, como já se mencionou, gostaria de poder voltar a trabalhar com a família na zona rural, muitas vezes se comunica com amigos através do Orkut, e o faz em dialeto italiano. Segundo S.T., isso é só uma brincadeira. No entanto, esse gesto – comunicar-se em dialeto, e não em português – pode significar muito mais além de uma brincadeira: é um resgate das origens e das tradições; é como se S.T. já estivesse atuando como um guardião de memória e preservando uma tradição (a língua italiana) que aos poucos vem se perdendo na RCI.

A análise do conteúdo das entrevistas com jovens florenses atestou o que se esperava: a manutenção de práticas tradicionais está relacionada à menor aplicação da elevação de /e/. As práticas tradicionais estão associadas à vida rural, ao trabalho familiar, às festas de comunidade, à preservação da religiosidade e do dialeto italiano e ao sentimento de pertença à localidade. As práticas inovadoras estão relacionadas à vida urbana, ao deslocamento a outros centros, ao estudo, a uma menor valorização do trabalho e a uma maior valorização do lazer.

É difícil perceber nos jovens a adoção apenas de práticas tradicionais ou apenas de práticas inovadoras. Entretanto, manifesta-se na fala de cada um a tendência à maior valorização de um ou outro tipo de prática. Observando-se os índices individuais de aplicação da regra e relacionando-os à opinião e ao relato dos jovens, percebe-se que os percentuais mais altos de elevação de /e/ ocorrem na fala dos jovens que se orientam menos à localidade. Quanto ao gênero dos informantes, percebe-se que os homens, de modo geral, orientam-se para o trabalho nas fábricas e para a vida fora do município. Já as mulheres normalmente possuem uma vida orientada ao trabalho familiar e à permanência no círculo familiar.

Os informantes C.P. (da zona urbana) e S.T., C.Mu. e S.B. (da zona rural), que adotam práticas mais voltadas à permanência na comunidade, elevam menos a vogal /e/ do que os jovens A.C., C.M. e C.S. (da zona urbana) e E.Be. (da zona rural), que mantêm práticas consideradas inovadoras. Essas práticas voltadas à permanência em Flores da Cunha abrangem a valorização da família e do trabalho familiar, o desejo de ficar ou voltar ao local de origem, a participação em eventos da comunidade, a valorização da religiosidade ou da igreja e o resgate das origens (por meio de celebrações ou do uso do dialeto italiano). Já as práticas inovadoras estão associadas à valorização do estudo como meio de se qualificar para o trabalho, à menor importância dada à religiosidade e às festas de comunidade, ao

deslocamento territorial frequente e ao desejo de se mudar de cidade ou de conhecer outras localidades.

Ainda que a preservação de /e/ seja um fenômeno sutil, menos perceptível do que a não palatalização ou o uso de vibrante simples em lugar de múltipla, ela é associada ao falar *gringo*, isto é, ao falar do descendente de italianos. Desse modo, o jovem que procura dissociar-se desse estereótipo adota formas de falar que o aproximem do indivíduo de grandes centros urbanos. Entre essas formas de falar estão a elevação do /e/, a palatalização e o uso de vibrante múltipla ou aspirada.

É possível perceber em algumas gravações, especialmente nos minutos iniciais, um certo cuidado com a fala, cuidado esse que reforça não só a elevação de /e/, mas também o surgimento de outras variantes consideradas de prestígio. Conclui-se, pois, que o jovem de Flores da Cunha, além de saber que pode ser estigmatizado por causa de seu uso da linguagem, reconhece quais são as variantes de maior e menor prestígio dentro e fora da comunidade.

7 CONCLUSÃO

A análise da elevação da vogal média anterior átona (/e/) em Flores da Cunha permitiu verificar que, dado o moderado índice de aplicação da regra (50,7%), o falar local ainda mantém características herdadas do dialeto italiano trazido pelos imigrantes que ocuparam a RCI no final do século XIX. Percebe-se, pois, que além da manutenção de alguns costumes associados à época da imigração, algumas realizações linguísticas relacionadas ao falar dialetal dos imigrantes também permanecem na comunidade estudada.

A análise quantitativa possibilitou concluir que a elevação de /e/ é favorecida pelos jovens (especialmente com idade entre 18 e 30 anos) e pelos moradores da zona urbana, o que está de acordo com hipóteses previamente estabelecidas. A variável *Gênero*, embora não tenha sido excluída da análise, não apresentou resultados significativos, o que permite afirmar que a elevação de /e/ não é favorecida nem por homens nem por mulheres. Esse fato contraria uma das hipóteses deste estudo, segundo a qual as mulheres aplicariam mais a regra do que os homens.

A elevação de /e/ também é favorecida por sílaba com coda e sem *onset*, o que confirma uma das hipóteses do estudo. Outra hipótese confirmada é o fato de que a presença de vogal alta na sílaba seguinte condiciona favoravelmente a aplicação da regra. Quanto à variável *Contexto Fonológico Precedente*, verificou-se que os fatores consoante oclusiva velar e zero são favorecedores. Uma das hipóteses iniciais deste estudo era que o fator consoante oclusiva velar, devido ao seu ponto de articulação, favoreceria a aplicação da regra. Com relação à variável *Contexto Fonológico Seguinte*, constatou-se que são favorecedores os fatores zero e vogal, o que está de acordo com uma das hipóteses desta pesquisa. Não se confirmou, porém, a tese de que a elevação seria condicionada favoravelmente por consoante nasal ou fricativa.

Verificou-se que a elevação é altamente favorecida pelo fator *clítico*, da variável *Posição da vogal média na palavra*. O elevado peso relativo obtido para esse fator permite concluir que a regra, em termos linguísticos, está sendo introduzida na fala da comunidade primeiramente por meio dos clíticos, como *em*, *de*, *e*, *se*, e *me*. Ao contrário do que se

esperava, o fator *postônica final e não final* não foi considerada estatisticamente relevante, permanecendo em torno do ponto neutro.

A análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas dos oito informantes jovens de Flores da Cunha possibilitou investigar em que medida as práticas sociais – tradicionais ou inovadoras – influenciam na seleção das alternantes. A escolha dos jovens para essa análise de conteúdo justifica-se pelo fato de que o fator *18 a 30 anos* mostrou-se altamente favorecedor à aplicação da regra, o que indicaria que, na comunidade, está ocorrendo mudança em progresso.

Através da análise de conteúdo, verificou-se que práticas tradicionais são aquelas relacionadas à manutenção de costumes associados à saga da imigração italiana, como frequentar a igreja, dedicar-se ao trabalho (especialmente no meio rural) e ir a festas de comunidades de interior. Já as práticas inovadoras orientam-se para fora da comunidade e caracterizam-se pela adoção de hábitos não relacionados à imigração. Entre as práticas inovadoras estariam estudar ou trabalhar fora do município, deslocar-se para outras cidades com certa frequência e não participar assiduamente de celebrações religiosas ou de festas de comunidade.

Constatou-se que sete dos oito informantes jovens obtiveram percentual de aplicação da regra acima do total (50,7%) obtido para todo o município de Flores da Cunha. Além disso, ao contrário do que se poderia esperar, entre os jovens o total de aplicação da regra foi mais alto por parte dos homens do que por parte das mulheres. Percebeu-se que os jovens que adotam práticas sociais inovadoras aplicam a regra de elevação com mais frequência do que aqueles que se orientam para a vida na comunidade.

Averiguou-se que aqueles que se voltam ao trabalho familiar (especialmente na lavoura), que frequentam a igreja ou festas associadas a crenças religiosas, que não se deslocam para fora da comunidade com frequência e que desejam nela permanecer mesmo depois de concluir um curso superior aplicam menos a regra de elevação do que aqueles que viajam com regularidade, não participam de festas de comunidade e não pretendem permanecer pelo resto de suas vidas no município. Além disso, os jovens que conhecem o dialeto italiano apresentam maior tendência à preservação de /e/ do que aqueles que não praticam essa língua.

Este estudo, além de contribuir para que se compreenda uma das características da língua portuguesa falada na RCI, permite que se perceba que as práticas sociais dos indivíduos estão relacionadas ao seu modo de falar e à sua escolha de alternantes. Mudanças na sócio-história da RCI e de Flores da Cunha fizeram com que as gerações mais jovens fossem abandonando o bilinguismo português-italiano e eliminassem de sua fala traços associados à fala dialetal. Trabalhos futuros poderão confirmar o papel dos jovens na introdução de variantes inovadoras na comunidade e verificar, por meio da análise das práticas sociais dos falantes, em que medida elementos da cultura da comunidade interferem na escolha das formas linguísticas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BATTISTI, E. et al. **Dicionário de italianismos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol.5, n.9, agosto de 2007.

BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a dimensão subjetiva da variação. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). **Cadernos de Pesquisas em Linguística**. Porto Alegre, vol.3, n.1, novembro de 2007. EDIPUCRS.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BOVO, N.M.P. **A variação da vibrante e seu valor social**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRISOLARA, L.B. O status prosódico dos clíticos pronominais do português. *Anais do CELSUL. GT Teorias fonológicas e suas interfaces*. 2008.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. [Série Na Ponta da Língua]

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 [1970].

CARNIATO, M.C. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Educação. Universidade Católica de Pelotas (RS).

CASAGRANDE, G.P.B. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CEDERGREN, H.J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as statistical reflection of competence. **Language**. v.50, n.2. 1974.

CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p.423-443.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

DARDANO, M.; TRIFONE, P. **Grammatica italiana – con nozioni di Linguistica**. 3.ed. Milano: Zanichelli, 1999.

DE BONI, L.A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. [Série Repensando a Língua Portuguesa]

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Elsevier Science, 1994.

Flores da Cunha. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_cunha. Acesso em 12/01/2010.

FOLEY, W. A. **Anthropological linguistics: an introduction**. Oxford: Blackwell, 1997.

FREITAS, H.; JANISSEK, R. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FROSI, V.M. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, G.M. **Presença, cultura, lingua e tradições dei veneti nel mundo.** Parte I – America Latina. Regione Veneto, Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.

FROSI, V.M.; MIORANZA, C. **Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, V.M.; MIORANZA, C. **Imigraçãõ italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: EDUCS, 1975.

GRAEBIN, G. de S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas.** 2008. Dissertaçãõ (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras. Universidade de Brasília.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ILARI, R. **Lingüística românica.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente.** São Paulo: Contexto, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em 12/01/2010.

KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivaçãõ aparente.** 2007. Dissertaçãõ (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos.** São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Traduçãõ de Marcos Bagno.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors.** Oxford/Malden: Blackwell, 1994a.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford/Malden: Blackwell, 1994b.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** 16.ed. São Paulo: Ática, 2004.

LUNARDI, I. **Histórias e memórias de Flores da Cunha:** para conhecer, amar, rir, chorar... Porto Alegre: Evangraf, 1999.

MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. **Readings in the sociology of languages.** 3.ed. Paris: Mouton, 1972.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MARCHI, F. de; STEIN, R.C.G. Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente em Curitiba – PR. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). **Cadernos de Pesquisas em Linguística.** Porto Alegre, vol.3, n.1, novembro de 2007. EDIPUCRS.

MAURI, C. **Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forqueta, Caxias do Sul (RS).** 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change.** Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

MEZZADRI, M.; BALBONI, P.E. **Rete!2:** curso multimediale d'italiano per stranieri. Perugia: Guerra Edizioni, 2001.

MILROY, L.; MILROY, J. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. In: HYMES, D. (ed.). **Language in society.** New York: Cambridge University Press, 1992.

MIRA MATEUS, M.H. **Aspectos da fonologia portuguesa.** Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.

MOLON, F. **Carreiros de Flores da Cunha e da região.** Flores da Cunha (RS): Prefeitura Municipal, 2002.

NARO, A.J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NOLL, V. **O português brasileiro:** formação e contrastes. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil-nação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAGOTTO, E. G. Variação é identidade. Tese (Doutorado em Letras – Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PATRICK, P.L. The speech community. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

PESEZ, J.M. Aldeia. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.8. – Região. Porto (Portugal): Imprensa Nacional, 1986.

RONCAYOLO, M. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.8. – Região. Porto (Portugal): Imprensa Nacional, 1986.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In: ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. (orgs.). **Linguistic variation: models and methods**. New York: Academic Press, 1978.

ROVEDA, S. D. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SANTOS, J.V.T. dos. **Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

SCHWINDT, L.C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, S.M. da. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997. [Série Princípios]

TENANI, L.; SILVEIRA, A.A.M. da. O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. Alfa, São Paulo, v.52, p.447-464, 2008.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.** Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOMIELLO, M. **A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1988.

VIEIRA, M.J.B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) **Fonologia e variação:** recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIEIRA, M.J.B. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Português do sul do Brasil:** variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 50-72.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística.** 4.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WENGER, E. **Communities of practice:** learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional:** a construção da identidade étnica na região de Santa Maria. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro de Entrevista para Flores da Cunha

UCS – CECH – Mestrado e Letras e Cultura Regional

BDSer

Novembro 2008

Roteiro de Entrevista

Família	Como é tua família? É grande? Tens irmãos (filhos, netos)? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? Visitas teus familiares? Quem? Com que frequência? O que fazem juntos?
Trabalho	Trabalhas/estudas? Onde? Se em empresa, é nacional ou multinacional/faz comércio exterior? Como é o teu local de trabalho (estudo)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá? Por que escolheste tua profissão?
Lazer Amizades Culinária	O que tu costumavas fazer nos finais de semana? Com quem? Onde? Vais ao cinema, assistes a filmes em DVD/TV a cabo? Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? Sabes cozinhar? Gostas? Qual é teu prato favorito? Como é preparado? Costumas comer lanches rápidos (“xis”)? Qual/onde? O que fazes nas férias?
Bairro Habitação Transporte	Há quanto tempo moras neste bairro/local? Gostas do lugar? Como era antigamente? Tens vizinhos? Como são eles? Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Quais? Novenas, Clube de Mães? Associação de Bairro? Festa de igreja? Participas?
Cidade	Como é o trânsito em <i>Flores da Cunha</i> ? Lembras da cidade há alguns anos? O que mudou aqui? Em termos de trabalho/emprego, como está <i>Flores da Cunha</i> ? O que se faz aqui? As pessoas têm emprego? Tu ouves falar das empresas locais? Quais são? O que produzem/a que se dedicam? Gostarias de viver em outro lugar? Por quê? O que você acha mais importante para Flores da Cunha? Escolha dois dos seguintes itens: () Aumentar o efetivo policial e equipar a polícia. () Construir um teatro e salas de cinema () Preservar a natureza. () Manter o crescimento econômico.
Religião	Praticas alguma religião? Como é a missa/culto?
Línguas	Falas/entendes outra língua? Qual? Com quem falas? Em que situações usas a língua?
Infância	O que tu lembras de tua infância? Brincavas de que/com quem? Ouvias estórias? Quem contava? Lembras de alguma? Qual? Conta.
Vida escolar	Foste à escola? Qual? Como eram as aulas? Lembras de algum professor? Por quê? O que mais te marcou na escola/vida escolar?
Costumes antigos	Como eram as celebrações (Natal, Páscoa, aniversário, Ano Novo) em família? Lembras de ter ganhado algum presente marcante?

	<p>O que fazias nas férias? Onde passavas as férias?</p> <p>Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste?</p> <p>Lembras de algum momento muito triste/feliz em tua vida? O que aconteceu?</p>
Vida afetiva	<p>Como conhecestes teu marido/ esposa/ namorado(a)? Como foi o namoro/casamento?</p>
Comportamento	<p>O que tu pensas sobre o comportamento dos jovens hoje em relação aos pais/trabalho/ namoro/estudo?</p> <p>Qual é a tua opinião sobre a educação que os pais dão aos filhos hoje?</p> <p>O que te parece o comportamento de certas pessoas em público ao falar ao celular/fumar/transitar com animais de estimação?</p>
Violência	<p>Por que parece haver mais violência hoje do que antigamente? Em sua opinião, quais são as causas da violência? O que se poderia fazer a respeito?</p>
Política	<p>O que achas dos políticos brasileiros em geral? Há algum que te chame atenção por seu bom exemplo/mau exemplo? Quem?</p>
Meios de comunicação	<p>Assistes a TV, ouves rádio? O que achas dos programas?</p>
Computador/ Web	<p>Tens computador? Usas? Para que/quando? Usas Internet? Quando/para quê?</p>

Anexo 2 – Levantamento de contextos (trecho)

(1m47soephy 181 p1 depende
 (0m47so*zh\$ depende
 (0m47soalk% que marca
 (0m47soalk% que marca
 (0m47soedb8 o pessoal
 (1m47coidw% por enquanto
 (0m47soedh8 acontece(r)
 (0m47cnapx8 extraordinária
 (1m47coidw% por enquanto
 (0m47so*zw\$ sempre
 (0m47soalhy de capela
 (0m47soipby bebida
 (0m47soipby bebida
 (0m47soalh8 de vários
 (0m47snalxy e bala
 (0m47so*zh\$ chocolate
 (0m47so*zg\$ lanche
 (0m47soipu8 mesinha
 (1m47soephy depende
 (1m47so*zh\$ depende
 (0m47so*zh\$ a gente
 (0m47soelvy se considera
 (0m47so*zh\$ comete
 (1m47cnalx% em quatro
 (0m47soalhy de quarenta
 (1m47snelxy e depois
 (0m47soedhy e depois
 (0m47so*zu\$ conforme
 (0m47soetu! número
 (0m47snalx? e aquele
 (0m47so*zq\$ e aquele
 (0m47soephy depois
 (1m47snelxy e tem
 (1m47cnepx% entende(r)
 (0m47coedh% entende(r)
 (1m47so*zv\$ conhece
 (1m47so*zh\$ pode
 (1m47so*zh\$ pode

(1m47so*zh\$ pode
 (0m47soapqy legal
 (1m47coidw% por enquanto
 (0m47so*zh\$ desde
 (1m36snelx? 198 p1 e equipar
 (0m36snid&y e equipar
 (0m36soepb8 pessoas
 (1m36soilk% que muita
 (1m36so*zh\$ gente
 (1m36so*zh\$ gente
 (1m36snelx? e o(u)tras
 (1m36snelxy e tem
 (1m36cnepx% empregos
 (1m36snelx? e eu
 (1m36soalk? que a pessoa
 (0m36soedb8 que a pessoa
 (1m36soelv! se recolhe
 (0m36soedry se recolhe
 (1m36so*zj\$ se recolhe
 (1m36snalxy e tal
 (1m36so*zv\$ acontece
 (1m36soilk8 que sim
 (0m36soephy depois
 (1m36so*zv\$ tive
 (1m36soelk? que eu
 (0m36soepv9 fechei
 (1m36soelk? que eu
 (1m36cnalx% em Caxias
 (1m36snalxy e tal
 (1m36cnepx% então
 (0m36soephy depois
 (1m36cned&% reencontra(r)
 (0m36soipr? reencontra(r)
 (0m36soipr? reencontro
 (1m36cned&% reencontro
 (0m36soepb8 pessoas
 (1m36soelh8 de vez
 (1m36cnilx% em quando
 (1m36soidu8 conhecido
 (1m36soalk? que a gente
 (1m36so*zh\$ que a gente

(1m36so*zh\$ a gente
 (1m36soelv! se relaciona
 (0m36soadr# se relaciona
 (0m36soephy depois
 (1m36soel+8 de semana
 (0m36soedv% de semana
 (0m36soepb8 pessoas
 (0f27soadh# 211 p1 hotelaria
 (0f27soilh8 de vista
 (1f27so*zq\$ dele
 (0f27coapv! verdade
 (1f27so*zh\$ verdade
 (1f27cnepx% então
 (0f27soelh% de me trava(r)
 (0f27soaduy de me trava(r)
 (1f27so*zv\$ esse
 (1f27so*zh\$ bastante
 (1f27snalx? e até
 (0f27so*zg\$ hoje
 (0f27soephy depois
 (0f27coidw% aprendizado
 (0f27so*zh\$ pode
 (1f27cnalx% em fala(r)
 (0f27coedw% aprende(r)
 (1f27soidvy consegui(r)
 (1f27soelv8 se solta(r)
 (1f27soilky que tu
 (1f27cnipx% enfim
 (0f27soepb8 pessoa
 (1f27so*zv\$ inclusive
 (0f27soelv? se hospeda(r)
 (0f27soadby se hospeda(r)
 (0f27soephy depois
 (1f27soelk? que eu
 (0f27soepb8 pessoa
 (0f27soapqy legal
 (1f27snelx? e eu
 (1f27soidvy consegui
 (1f27soilu8 me vira(r)
 (1f27cnipx% enfim
 (1f27snalx? e aí

(1f27soilu8 me senti
 (1f27coidv% me senti
 (1f27soipvy segura
 (0f27soephy depois
 (1f27soelk? que eu
 (1f27soedu8 comecei
 (0f27coedh% atende(r)
 (1f27soelk9 que chegaram
 (0f27soadgy que chegaram
 (1f27snalx? e aí
 (0f56soelhy 194 p1 de tomate
 (0f56so*zh\$ de tomate
 (0f56soephy depois
 (0f56soelh8 de vez
 (0f56cnilx% em quando
 (0f56soelhy de cozinha(r)
 (1f56snelx? e os maridos
 (1f56cnepx% então
 (0f56soelh8 de vez
 (0f56cnilx% em quando
 (1f56co*zq8 eles
 (0f56co*zq8 eles
 (0f56soelhy de come(r)
 (0f56so*zw\$ sempre
 (1f56soelv! se reúne
 (0f56soidr? se reúne
 (0f56so*zu\$ se reúne
 (0f56soelh8 de vez
 (1f56cnilx% em quando
 (0f56so*zw\$ sempre
 (1f56so*zh\$ a gente
 (1f56so*zq\$ ele
 (0f56soilh9 de xis
 (0f56so*zh\$ noite
 (1f56cnilx% em cima
 (1f56soelky que tem
 (0f56cnepx% então
 (1f56so*zv\$ disse
 (0f56so*zv\$ nove
 (0f56so*zh\$ noite